

José de Lacerda

OS
NEURASTHENICOS

ESBOÇO D'UM ESTUDO MEDICO E PHILOSOPHICO

PREFACIADO PELO PROFESSOR SOUSA MARTINS

*Neurasthenia is the door
which opens into quite a large
number of diseases of the
nervous system.*

BEARD



LISBOA

M. GOMES, LIVREIRO-EDITOR

70 — Rua Garrett (Chiado) — 72

MDCCCXCV



Alexander Search

OS NEURASTHENICOS

NEURASTHENIA

BY

W. B. RAY

Author of "The Principles of Psychology,"
"The Principles of Mental Science,"
"The Principles of Moral Science,"
"The Principles of Social Science,"
"The Principles of Political Science,"
"The Principles of Economic Science,"
"The Principles of Legal Science,"
"The Principles of Medical Science,"
"The Principles of Natural Science,"
"The Principles of Physical Science,"
"The Principles of Chemical Science,"
"The Principles of Astronomical Science,"
"The Principles of Geological Science,"
"The Principles of Biological Science,"
"The Principles of Anthropological Science,"
"The Principles of Ethnological Science,"
"The Principles of Historical Science,"
"The Principles of Literary Science,"
"The Principles of Artistic Science,"
"The Principles of Musical Science,"
"The Principles of Dramatic Science,"
"The Principles of Poetical Science,"
"The Principles of Philosophical Science,"
"The Principles of Theological Science,"
"The Principles of Juridical Science,"
"The Principles of Political Economy,"
"The Principles of Social Philosophy,"
"The Principles of Moral Philosophy,"
"The Principles of Natural Philosophy,"
"The Principles of Physical Philosophy,"
"The Principles of Chemical Philosophy,"
"The Principles of Astronomical Philosophy,"
"The Principles of Geological Philosophy,"
"The Principles of Biological Philosophy,"
"The Principles of Anthropological Philosophy,"
"The Principles of Ethnological Philosophy,"
"The Principles of Historical Philosophy,"
"The Principles of Literary Philosophy,"
"The Principles of Artistic Philosophy,"
"The Principles of Musical Philosophy,"
"The Principles of Dramatic Philosophy,"
"The Principles of Poetical Philosophy,"
"The Principles of Philosophical Philosophy,"
"The Principles of Theological Philosophy,"
"The Principles of Juridical Philosophy,"
"The Principles of Political Economy,"
"The Principles of Social Philosophy,"
"The Principles of Moral Philosophy,"
"The Principles of Natural Philosophy,"
"The Principles of Physical Philosophy,"
"The Principles of Chemical Philosophy,"
"The Principles of Astronomical Philosophy,"
"The Principles of Geological Philosophy,"
"The Principles of Biological Philosophy,"
"The Principles of Anthropological Philosophy,"
"The Principles of Ethnological Philosophy,"
"The Principles of Historical Philosophy,"
"The Principles of Literary Philosophy,"
"The Principles of Artistic Philosophy,"
"The Principles of Musical Philosophy,"
"The Principles of Dramatic Philosophy,"
"The Principles of Poetical Philosophy,"
"The Principles of Philosophical Philosophy,"
"The Principles of Theological Philosophy,"
"The Principles of Juridical Philosophy,"

José Caetano de Sousa e Lacerda

OS
NEURASTHENICOS

ESBOÇO D'UM ESTUDO MEDICO E PHILOSOPHICO

PREFACIADO PELO PROFESSOR SOUSA MARTINS

*Neurasthenia is the door
which opens into quite a large
number of diseases of the
nervous system.*

BEARD

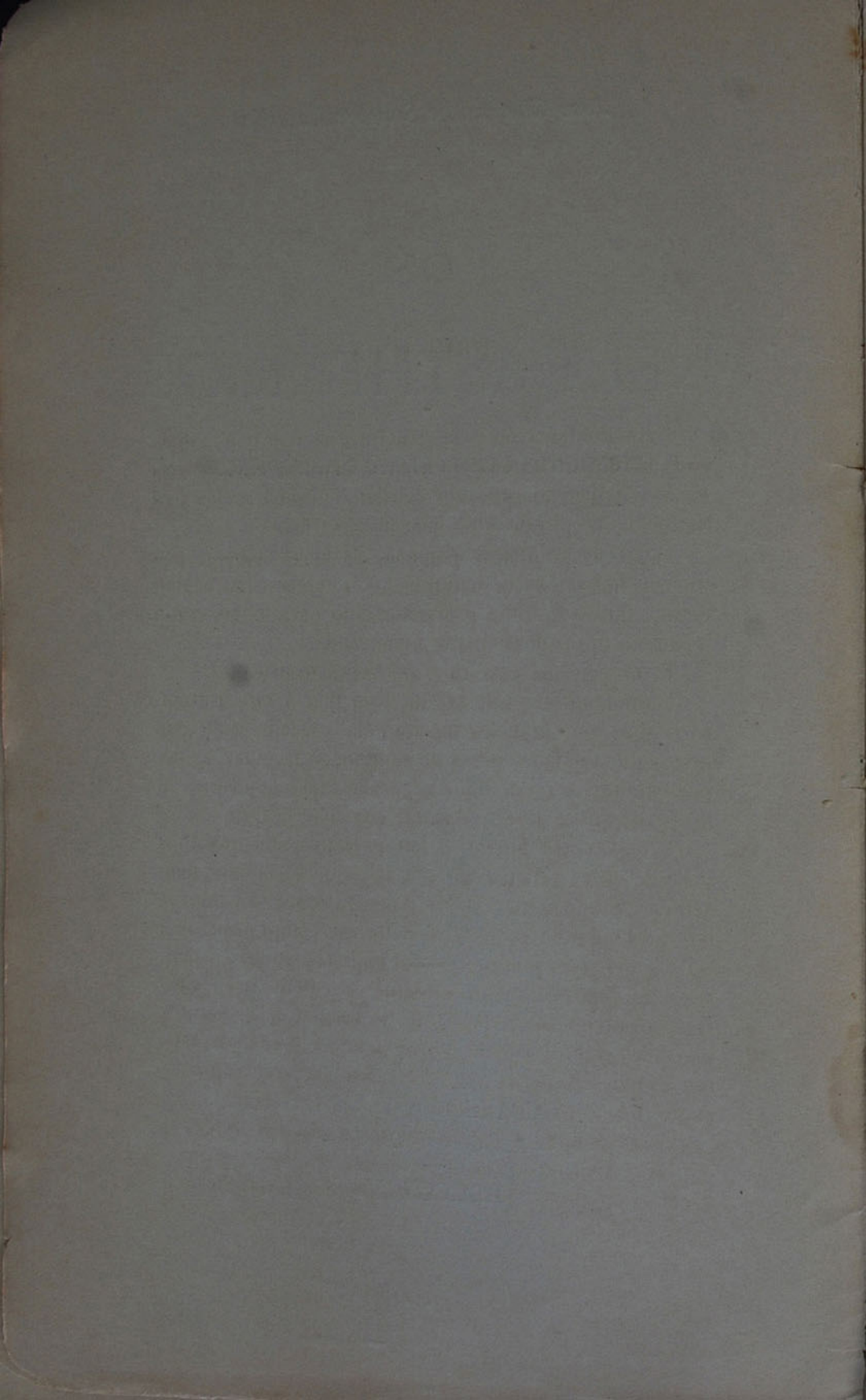


LISBOA

M. GOMES, LIVREIRO-EDITOR

70 — Rua Garrett (Chiado) — 72

—
MDCCCXCV



PREFACIO

Pela doutrina ou pela structura, se não por ambas, cada livro provoca no meu espirito reacções comparaveis ás suscitadas no musculo estriado, normal, pelas tres modalidades physicas da energia electrica.

Logo ás primeiras paginas, ás vezes logo ás primeiras linhas, saccodem-me uns o cerebro tão brutalmente que o volume é arremessado para longe, como tremelga imprudentemente manuzeada.

Produzem-me esses a *franklinisação* psychica.

Empolgam-me outros, de principio a fim, a attenção; mas por maneira incommoda o fazem, e de arte que a mentalidade, presa de continuado trepidar, acaba por esfalfar-se n'um zigue-zague de idéas oppostas, ou a opposição se dê no escriptor com elle proprio ou se estabeleça entre auctor e leitor. Soffro, em trabalhos d'esses, uma tetanisação mental, que a vontade nem sempre é capaz de inhibir e não raro até se compraz em prolongar, — tanta é a dolorosa voluptuosidade e tal é o *delicioso pungir* d'esses embates do erro valentemente repudiado com o dogma cegamente abraçado. N'esse antagonismo, faiscante de verdades, encontra a plastica cerebral a mais eutrophica das suas gymnasticas e, pelas riquezas adquiridas, a mais larga compensação dos dispendios feitos.

Corresponde, a leitura d'estes segundos livros, a uma lucrativa *faradysação* da alma.

Uns terceiros, emfim, *galvanisam* salutarmente o

meu intellecto, consoante ao processo de incitamento dos musculos pelas correntes continuas: — produzindo um *abalo* no começo da leitura, um outro no termo d'ella e mantendo, entre esses dois momentos, a cerebração em doce serenidade, que, a olhos vendados para a physiologia, se affigurará um real estado passivo. Determinante do inicial abalo é o espanto pela raridade, de essencia ou de forma, da obra. Serve ao terminal de causa a despolarisação do que, orientado no rumo do bello, tem de volver-se á frequente contemplação do tosco. A phase intermedia, a de mentirosa inercia, equivale á de beatitude do lactante, que, em uberrimo seio materno, esteja sugando mansamente, bemaventuradamente, os elementos da histogenese e as substancias dynamophoras, reclamados pelas imperiosas exigencias de uma evoluçãõ agudissima.

N'este terceiro grupo entra, sem esforço e sem favor, o livro, que venho prefaciár.

Mal encetada a leitura, para logo o auctor se deixa adivinhar na sua complexa personalidade, — a de um optimo cultor da moderna sciencia, enxertado em artista da mais fina raça.

Caso este, em verdade, para *abalo*, sempre e em toda a parte; mórmente em Portugal — e agora.

Do pouco affeitos que andamos a topar com estudos de pathologia especial logicamente subordinados ás leis primarias da nosologia, e tambem de ser esporadico o advento de sciencia legitima vasada em moldes primorosos, resulta que o commettimento de José de Lacerda não pode, por insolito e audaz, passar sem reparo nem deve ficar sem applauso.

Em meu conceito, este seu livro valioso, que não é o primeiro, denuncia-o, ao invéz dos anteriores, um *disciplinado*; e de mais não careço para, á minha conta, o proclamar benemerito em paiz cujo mais ruinoso *deficit* é o de todas as disciplinas.

Benemerito, sim! Porque isto de, entre nós, se descer á arena medica em combate por uma idéa, firmado nos dois esteios, unicos e nem reciprocamente substituíveis, da sabedoria — *ratio et observatio*, para me servir das mesmas palavras de Baglivi — quando por ahí campeão ainda uns tantos burgraves lusitanos, tympanicos á percussão funda, embora macissos á superficial, os quaes se confessam *et pour cause* em rebelião perpetua contra o uso do primeiro, a razão, e andam a todo o instante flectindo o já hygromatoso joelho ante os insulsos reverenciadores do segundo, a observação; isto, este feito ingente, impraticavel na ausencia de uma indefessa disciplina mental, demandou doses grandes e partes eguaes de temeridade e de — porque não o direi? — e de philanthropia, pois que sem audacia e sem amor do proximo não sei como alguém viesse arrostar com a impopularidade da *classe*, n'estes correntes annos em que as massas choraes, mercê da prevertida norteação dos maestrinos, só acodem em reforço das notas, devo dizer das *fifias*, que não ultrapassem as acanhadas posses de suas larynges estropiadissimas.

Vem o estupendo caso de que a pratica da observação trivial — não direi da sagaz observação, só a eleitos conferida — é accessivel ate aos espiritos subalternos, raça prolifica, eterna e ubiqua; ao mesmo passo que a peptonisação, mediante o raciocinio, do *observado*, exige superiores cabedaes, muito acima dos recursos do vulgo scientifico. Sendo, porém, humilhante o confessar-se, como tal, este motivo unico do desprezo, traidora mascara de recondito odio, votado aos direitos da razão, os idolatras do *facto*, não do *facto* crystalino, facetado e bello, senão do *facto* impuro, succinto, revertido ainda das nativas asperezas, do *facto* bruto, emfim, invocam a meude, em fallaz abono do seu chichissimo credo e em correlativo desfavor do contrario lemma, os desastres, verdadeiros uns, phantasiados

muitissimos outros, attrahidos para a arte clinica pelas successivas dogmatisações medicas, de que resa a historia.

Tambem o eunucho invoca o *dever*, para desprezar a odalisca...

E' todavia certo que as apparencias historicas são em pró dos que lançam á margem o trabalho do raciocinio na edificação, para elles exclusivamente sensorial, da medicina, — como sciencia; e como arte, de sciencia derivada.

Por motivos mil me dispensarei de longinquas retrospectões dispensaveis, e confinar-me-hei, para desfazer illusorias perspectivas, nas capitaes occorrencias do seculo prestes a findar.

Bichat, o grande Bichat, mais desditoso ainda do que o colossal Lavoisier, — pois o guilhotinado *fermier général numéro cinq*, se não logrou levar a termo a sua obra gigantesca, deixou-a, na parte imperfeita, tão genialmente gizada, que a sumptuosa fabrica se foi, apoz a morte do divinal architecto, completando sem hesitações nem desfallecimentos, e principalmente sem retrocessos, conforme ao plano, vasto e harmonioso, por elle concebido, — Bichat, o grande Bichat, trucidado muito para áquem de meia estrada de uma vida espiritualmente opulentissima, não legou, aos que lhe eram immediatos e naturaes continuadores, os arcanos formidaveis, que em sua mente abrigára.

D'ahi, d'este desastroso *ab intestato*, um possivel, e a breve trecho realisado, desnorteamento do espirito medico, pouco antes subjugado pelas maravilhosas concepções do mais illustre e mais ephemero dos anatomicos *intensivos*, do primeiro talvez, que, a valer, soube arrancar á fibra morta algum dos segredos da vida elementar.

Sobrelevou Broussais a quantos acres e venenosos cogumellos pullularam nos terrenos deixados ermos e

abandonados á eremacausia — condição mirifica para o espontaneo germinar, para o vertiginoso crescer e para o incoercível retouçar das vidas inferiores — pelo a todos os respeitos intempestivo obito do creador da anatomia geral, do genuino implantador do *methodo* em biologia.

Ora, a arte medica, ludibriada antes e bastas vezes pelas ocas sonoridades de innumerados chefes de seita, ao aperceber-se de que, por novo modo e novamente, fora embauda pelo verbo arrebatado do fogoso professor de Val-de Grâce, escandalisou-se e descorçoou por maneira que, mal apagados ainda os ultimos echos da prestigiosa voz de Broussais, tomou de si para si o compromisso de jámais se deixar colhêr nas astuciosas redes da eloquencia, fosse ella a de Demosthenes ou a de Cicero, e de nunca de futuro se enfeudar a quaesquer autocratas da dialetica, fossem elles Socrates ou Platão.

Os proprios desmandos da doutrina cohibiram, sem delongas, pode dizer-se, os seus corollarios praticos, calafetando a larga brecha praticada na sciencia, e sarando o enorme golpe dado na... humanidade. Vasto e fundo, este, a ponto de ter havido quem, ao justo, calculasse haverem as lancetas, manobradas á sombra de Broussais, derramado mais sangue do que todos os sabres e baionetas sob as ordens de Napoleão, — o unico.

Como de regra, a acção violenta provocou violenta reacção.

«Res non verba» foi, d'ahi ávante, o motto inscripto nos pendões da clinica.

Em parodia á panacêa de Danton, panacêa de que tambem o inventor foi victima, como das suas injeccões subcutaneas d'agua distillada veiu a succumbir, ás mãos de Zola, o *Docteur Pascal*, os revolucionarios da *nova era medica* conclamaram: Observação, Observação e... Observação.

Tudo pelos sentidos. Nada pelo raciocínio.

Fôra como o velho conselho de meticolosos, suidizando-se prudentes: *ver, ouvir e . . . calar*.

Passageiro e quasi inglorio foi o reinado d'esses triumphantes revolucionarios.

Por benefico e singular acaso, veiu a coincidir o lugubre crepusculo do *physiologismo* com a aurora esplendente da *physiologia*; e tanto bastou para assegurar aos legitimos, posto que remotos, herdeiros de Bichat, do grande Bichat, a posse de riquissimos benesses, por longo praso jacentes.

As insidias e ás cabalas de uma observação clinica, falseada pelo *a priori*, desvirtuada pelo facciosismo, que não é, ainda mal! privativa pertença dos *politicians*, substituiu-se agora a fria serenidade de uma experimentação livre de preconceitos, pausada e methodica, — inapreciavel lupa atravez da qual o caso clinico, tomando proporções mais avantajadas, ganha simultaneamente contornos menos indefinidos.

Ao mesmo passo, e por que tivesse a peito a revindicta de injurias velhas, a observação clinica procedia á inventariação honesta de sonogados valores e incessantemente os cumulava de quantos outros ia quotidianamente apurando, em desapaixonada e escrupulosa analyse de cada natural complexo pathologico.

Pela addicção das tres preciosas parcellas, laboratorio, enfermaria e theatro anatomico, se reconstruiu o desmantelado patrimonio medico, — esdruxula phenix, cujo renascimento só em parte procedera das proprias cinzas.

E tanto déra a analyse, quer do lado da experimentação, quer do lado da observação, tanto déra, sobretudo desde que ao caudal da biologia começaram de confluir os tributos, mais e mais pesados, da physica e da chimica — sciencias nas quaes sublimes thaumaturgos haviam transmutado a magia e a alchimia — que

innumeros espiritos, *ex æquo* pachorrentos e ingenuos, se capacitaram de que no methodo analytico residia, inteiro, o *x* da medicina, assim relegada, por contristador e remotissimo atavismo, ás epochas primordiaes do empirismo estreme.

Não contando com duas incognitas, nem por sonhos anteviram o terrivel *y* — de que inscientemente amputavam a equação.

D'ahi, o vê-se Magendie tolhendo, anathematisando direi melhor, o direito de interpretação dos resultados experimentaes, com o insolente desplante de quem obstasse a que do minerio se extrahisse o metal. Foi por esses tempos tambem que Louis, benedictino sempre, ia ceifando e empilhando *casos*, sem d'elles deduzir leis além das leis estatisticas, á laia de chimico soez, que das aguas-mães apenas arrancasse precipitados, embargando alheias tentativas de formação de *crystaes*.

Semelhante furor analytico, em rigor só peccaminoso pelo exclusivismo, que se arrogava, e de todo o ponto comparavel ao de Berzelius, por cujos cadinhos e retortas passou, em amostras, toda a substancia existente no orbe terraqueo, ou pouco menos, esse furor gerou mais tarde os inspidos e indigestos trabalhos de pathologia, de que as obras de Grisolle e as de Valleix foram exemplares opimos. Em qualquer das duas, se coragem houver para as exhumar dos pulverulentos jazigos, aonde merecidamente cahiram ha muito, poderão admirar-se primores de inconsequencia, ou seja nos capitulos de etiologia, toda feita á custa, para cada morbo, dos mais banaes e dos mais antagonicos dos agentes morbigenos, ou seja nos referentes á symptomatologia, verdadeiras monstruosidades em que multiplices especies nosologicas se representam teratologicamente, para que assim o digamos, com orgãos contraproducentes, ou seja nas secções de therapeutica, mais pro-

picia, no commum das hypotheses, a fortalecer a doença do que a curar o doente.

Como providencialmente enviado, se não para sarar, para calmar ao menos este insupportavel estado de coisas, surge a figura duas vezes imponente de Trousseau. Por graça de sua palavra magica, soube elle amenisar um tanto a aridez do campo com as flôres, bellissimas algumas, colhidas outr'ora no vistoso jardim do antigo professor de rhetorica. O estylo entrou, com effeito, por mais de metade no exito famoso do elevado e suggestivo mestre clinico. Grande foi a sua agudeza de observador e sagacissimos foram os seus processos de analyse; maiores ainda, todavia, os altissimos seus dotes de expositor. Dispondo de um verbo fluente, maleavel, imaginoso, alevantado sempre e sempre elegantissimo, nem assim poude o eminente medico do Hôtel-Dieu disfarçar uma certa inopia de suprema aptidão synthetica, opportuna, opportunissima já, n'uma epocha em que os abundantes materiaes acarretados para o raso campo da sciencia, *como sciencia*, entenda-se, davam para muito mais do que para os alicerces de uma ampla construcção, da qual Trousseau houvera sido — e magestade não lhe faltava! — um dos gloriosos architectos, se em demasia não houvesse sacrificado ao empirismo e se á sua mão direita se houvesse sentado colaborador menos pomposo e sobretudo menos nebuloso do que Pidoux. Bem dizia o consagrado grão-mestre da arte medica, por estas ou similares palavras, que *para construir a basilica de S. Pedro de Roma ha mister de canteiros, mas importa que estes se não julguem Migueis Angelos*. Assim tambem para as sciencias — principalmente tratando-se de lhes delinear a *cupula*. E que Trousseau não era o homem fadado para esses remates sublimes, percebeu-se em plena evidencia quando o espirito de Bouillaud, bem mais educado, lh'o fez sentir, em phrases por egual letradas e causticas, na

valente discussão empenhada perante a Academia, então Imperial, de Medicina de Paris e que de modesta controversia ácerca das propriedades do per-chloreto de ferro se guindou ao setimo ceu da philosophia medica. Ali o magistral clinico não poude occultar o pensador mediocre, que a sua pelle vestia. Posto entre a parede e a espada... de Bouillaud, ora se dizia organicista, logo vitalista e por fim, subindo offegante a ingreme ladeira das concessões, chegou a dizer-se vitalo-organicista. Peor ainda do que a inconsistencia doutrinal foi a sua affirmação, arrancada a um accesso de vitalismo sem base, de que no ovo não fecundado e no fecundado é identica a composição chimica. Quem tão summariamente deixava a nú a inanidade de seus conhecimentos chimicos, desprezando no computo atomico d'uma totalidade o peso de uma das suas mais valiosas parcellas, isto em 1860, não tinha realmente cathegoria para pontificar em assumptos de biologia geral. Poderia ser um grandissimo pathologista — e sem duvida o foi; um mestre dos mestres da arte, — e não ha favor em reconhecel-o tal; nunca seria um acceitavel nosologo; — nem o foi já-mais.

Quem diria, com tudo, que, ao tempo em que Trousseau era o astro-rei da medicina franceza e *portanto da portugueza*, gravitava obscuramente pelas alturas da Gironde um quasi apagado clinico d'aldeia, que em seu potentissimo cerebro deixára germinar e fizera depois medrar até á viabilidade a portentosa concepção microbiana, que um futuro não muito affastado reservava á conjugada glorificação de Pasteur, da França e do seculo XIX? Não se trata de meras intuições, possiveis até em espiritos secundarios, nem de phantasiosas apujaduras, susceptiveis de, por acaso e de longe em longe, roçar pela verdade, que são, aquellas e estas, prologo quasi obrigado da promulgação definitiva de quaesquer leis naturaes. Trata-se dos mais seguros e

rigorosos processos da logica postos ao serviço da observação clinica e fazendo promanar d'esta, como de rochedo tocado por vara mysteriosa, o manancial em que viriam abeberar-se as multidões sequiosas de verdade.

O novo Moysés chamou-se Jean Hameau.

Não fôra a piedosa sollicitude de seu filho, seu collega tambem, e a obra epica do incompreendido trabalhador, que, em epochas menos liberaes, haveria talvez ido

...expier au sein d'une prison,
L'inexcusable tort d'avoir trop tôt raison,

ainda hoje dormiria o somno do olvido, nas desbotadas paginas da *Revue médicale*, de Cayol, em que, ahi por 1847, havia sido publicada, mas não, verdade seja, divulgada.

E n'isto se estava, ha trinta e poucos annos atraz. Parada, a obra do grande Bichat; amaldiçoada, a semi-delirante concepção de Broussais; *em ser*, a materia prima custosamente armazenada por Magendie, por Louis, por Cruveilhier e por tantos illustrissimos congeneres; tediosamente folheados, á mingua de melhor, os soporiferos tratados de pathologia e os lethiferos compendios de therapeutica; um pouco ainda nas confusões do chaos, a histologia normal e, mais do que ella, a morbida; os livros, não digo bem, pois urge excluir a sua *Materia Medica e Therapeutica*, o livro de Trousseau, o livro por excellencia, a biblia, isto é as *Lições de Clinica Medica*, dando o tom aristocratico ao ensino, pelo polvilhar as condensações da observação feita á cabeceira do doente com as suavidades d'um dizer sem par e com os engodos de uma ou outra theorisação amena, — e lá o dizia elle proprio, o confesso empirico, «nous avons beau faire, messieurs, nous theorisons malgré nous»; a obra de Jean Hameau, ignorada profunda e universalmente; Bouchard, Charcot e Pas-

teur — triceps augusto, predestinado a reger, no ultimo quartel do seculo, os destinos da medicina — eram apenas, respectivamente, o ovulo, a larva e a crysalida de mariposas divinas, missionadas para espargir sobre a vinte vezes secular floresta da observação clinica o fecundante pollen de uma systematisação superior.

Um desespero d'alma, — para quem alma tivesse então.

Não medeou, porém, muito tempo até que, no penoso trilhar d'este quasi deserto da *idéa*, se deparassem aos desalentados viandantes dois esplendidos *oasis*, qual d'elles mais opulento, sob a fórma despretençiosa de uns pequenos escrinos, que encerravam duas perolas descommunes: a *Pathologia cellular*, de Virchow, e a *Introdução ao estudo da medicina experimental*, de Claude Bernard.

Não ha contar, em minha rude linguagem ao menos, a ineffavel volupia mental proporcionada, aos estudantes e estudiosos do tempo, por esses sumptuosos arautos da *era nova*, os quaes, com o seu companheiro, *O Calor*, de Tyndall, consubstanciavam uma indivisivel trindade santa, — ia a dizer santissima.

Lel-os, commental-os, relel-os, commental-os ainda e logo sob aspectos novos, fazia-nos esquecidos das *corvéas* escolares.

E como elles aguerriam para a lucta! Lucta feroz e pegada, entre o passado, a fossilisar-se rapido nos estratos paleontologicos, e o porvir, surgindo, leve, em aurora de nunca vista formosura!

O que nós, os quintanistas do tempo, soffremos; e o que nós... gosámos! Nada menos do que os golpes do entrechocar-se fero da orthodoxia, incrustada no espirito ordeiro dos professores, e da heresia, incarnada no ingenito atrevimento da *estudantada*, — que estuda!

A applicação franca de qualquer das sciencias ditas auxiliares, melhor appellidadas de fundamentaes, á pa-

thologia *vivida*, era acoimada de ultraje á sã doutrina. Porque se pretendesse, em dado momento, explicar certa heterotopia traumática, indirecta, do *crystallino*, pela incompressibilidade do humor vítreo, pois que liquido este é, ouviu-se uma reprimenda, amistosa aliás, formulada n'este dizer: «*as physicas* não são chamadas á clinica». Celebrava-se então muito — mofinos asseveraram celebrar-se ainda hoje — o dito d'um consumado profissional, que, inquirido sobre os motivos da indicação do unguento *u* na ulcera *ú*, ancho, narcisando-se e «lançando a grave voz do sabio peito», respondera: «Se me pergunta porque o faço, não sei; *mas isto é que é clinica*». E nós a soffrer e a... gosar. De outra ocasião, *ousando* alguém deduzir de regras, havia muito sabidas, da *physiologia*, um determinado episodio morbido, o caso foi serio, ou quasi, visto como suggeriu á magistral indignação o seguinte inolvidavel conceito: «Cautella com isso; fique sabendo que o senhor Duque de Tal foi de Lisboa a Londres tratar-se com Brown-Sequard e voltou de lá epileptico, do mesmo modo que fôra.» E nós a soffrer e... etc.

Uns peçonhentos jacobinos da medicina, nós, os rapazes, que anhelavamos por *sentir* a sabedoria e nos não satisfazíamos com o darem-nos, em guisa d'ella, um interminavel rosario de factos — rosario com mui raros *padre-nossos* —, nem podíamos assimilar, de unico proprio esforço, um Himalaya de *casos*, nem nos soffria o irrequieto e curioso animo que o diploma valesse singelamente como egide contra as multas por exercicio illegal da profissão.

Quão demudados vão os tempos!

Hoje, tirante algum rotineiro de primeira agua, a quem haja invencivel *ankylose encephalica* emperrado os mais subteis movimentos *psychicos* ou em quem pertinaz catalepsia mental tenha perpetuado as attitudes scientificas impostas no noviciado do officio, e tirante egualmente

este ou aquelle industrioso-industrial, que vise á dissimulação da preguiça dos lóbos frontaes com o envolvel-a nas chocalheiras prégas de um postição desdem pela *novidade*, hoje, a maioria, a grande maioria — quem pudera dizer a total somma! — dos medicos, até d'aquelles sobre os quaes não impendem deveres didacticos, desdenham, por de mau quilate, o factu cru e tratam de cozinhal-o ao fogo do respectivo *condicionamento*.

Acontece, todavia, n'esta delicadissima culinaria, não ser Vatel quem quer. D'isto resulta que, no tocante á pesquisa do determinismo de cada phenomeno, se acotovelam com os poucos artistas, tocados do divino prurido do *direito constituendo*, os incontaveis artifices, de pacifica indole, que medram alegres e anafados com a só aquisição do *direito constituído*. E assim se vão mantendo, em todos os paizes, mas para cada qual em proporções varias, duas classes, talvez melhor duas *castas*, de descendentes d'Esculapio.

A primeira (na arithmetica, claro está) é a dos que por indolencia ou por insufficiencia descambaram em, ou ingenitamente foram sempre, accomodatícios. Continuum em linha recta o Dr. Pangloss, no melhor dos mundos *clinicos* possiveis. Teem grande cotação nos mercados burocraticos, nas praças do commercio e no commercio das praças. Em regra, excellentes chefes... de familia. No amago, são os primevos empiricos; trajados á moderna, conforme usualmente se passeiam, cada qual arremeda seu taful. Eternisou-os Molière, no fóco do maravilhoso *Kodac* que comsigo levou para a sepultura.

A segunda casta descende, sem collateraes, dos dogmaticos primitivos, sobrelevando-lhes pela gravidade — tomem o vocabulo em todos os sentidos — d'um bem ponderado lastro feito de observações e experiencias, unico preservativo efficaz de naufragios por erro de centro de fluctuação... Vivem, os representantes d'esta

casta segunda, que no Olympo da sciencia são os primeiros, como em Olympo diverso o são os ultimos, vivem elles mais ou menos, mas sempre, torturados pela sêde do *au-delà*, — paradoxal licôr, que tanto menos dessedenta quanto maior seja a intemperança do bebedor. São os *theoricos*; são os da seita maldita pelos Jehovahs da Ordem. Certa vez, um d'elles, quíz saber a razão de nos tropicos ser menos escuro, do que o é na Allemanha, o sangue das veias, — e vae d'ahi tropeçou no fundamento da equivalencia de todas as energias cosmicas, o desasisado! Outro, que tal, a si proprio perguntou o motivo de permanecer negra a pupilla, ainda que atravez d'ella a retina emitta luz, e senão quando sae lhe do abençoado bestunto — talqualmente da cabeça de Jupiter sahira Minerva, armada e prompta — sae-lhe, a elle, o alicerce perfeito da actual ophthalmologia. Antes d'isso, muito antes, puzera-se um outro medico a matutar sobre certos solavancos da tampa de uma pobre cafeteira e de tal *fecundação* veiu a ridicula vasilha — pequenino rato — a parir esta formidanda montanha: a machina de vapor. Para que novos exemplos? Ah! Para demonstrar que tambem na sciencia *opportet hæreses esse*. Para ensinar que as verdades de ordem superior, quaes fulgurações de relampago, não dispensam, no seu genesis, detonantes choques. Se no caminho de Galvani se não houvesse atravessado o seu compatriota Volta, é de crêr que ainda hoje estivessemos na boçal contemplação dos pulos de rãs escorchadas e não possuiriamos, naturalmente, umas tantas bagatellas nascidas das pilhas e dos electro magnetes. Mais do que provavel é que sem esse consumado cardeal-diabo, de nome Pouchet, houvessem ficado embryonarias as adamantinas azas com que Pasteur soube alevantar-se ás ethereas regiões da immortalidade.

Não mais, musa, não mais, digo eu, agora, com o epico.

Volvendo ao ponto de partida d'esta excursão ligeira, que seria facil de procrastinar em resmas de papel, proseguirei na affirmação do theorema (mero pustulado, antes da exemplificação dada) já implicitamente enunciado: os *theoricos* são ao mesmo tempo a mais potente alavanca do progresso social e as dilectas victimas expiatorias das malquerenças, que a ignorancia ou a ignavia geram. Em medicina, como em tudo o mais, não ha Colombo sem revolta a bordo. Nem importa que a viagem seja *por mares nunca d'antes navegados*; porque, emfim, nem todos os dias se aproa a conjecturados *continentes* novos e tantas vezes a rota tem de ir pouco alem da cabotagem.

José de Lacerda vae ter que ouvir á marinhage...

Restricta foi a viagem que elle se propoz realizar pelos picturescos e, em sitios, revoltos lagos da nevropathologia. Foi comtudo cheia d'encantos, que o leitor apreciará, e de proveitos, que me faço cargo de sublinhar.

Nas tantas cartas, meticulosamente consultadas durante as horas da travessia, teve o nauta ensejo de verificar omissões ou duvidas no referente á natureza e relevo de reconhecidos baixios. Sondou esses baixios, por sua conta; — e balizou-os.

Quero alludir á questão magna dos *degenerados* e a outra, maior ainda: a da *evolução cerebral*.

Como definir os primeiros? Como prognosticar a segunda?

Resolutamente nos dá o auctor essa definição e essa prognose.

Quanto á primeira: O degenerado «não é propriamente um *atavico*, — é rigorosamente um *heterochronico*».

Quanto á segunda: «o cerebro foi e é consciente, mas chegará ao automatismo».

Como se vê, duas eminentissimas *heresias*; o que

não quer dizer que o *dogma* esteja certo, e só diz que lhes é contrario.

Acceito a primeira; e discuto a segunda, que se me affigura levemente paralogistica.

De facto, a degenerescencia, sendo *sempre* o resultado de uma desordem evolutiva, mais vezes levará á imperfeição do que ao aperfeiçoamento individual; do mesmo modo que qualquer brusca violencia mais apropriada será a desfazer um equilibrio, sobretudo se movel, como o dos organismos, do que a equilibrar forças não compensadas. Mas assim como de um choque pode resultar a immobilidade para a bola, em movimento, do bilhar, sem que deixe de ser muitissimo mais commum a realização da hypothese contraria, assim tambem uma descompassada incidencia de energia, nas plastidulares vibrações do embryão, poderá levar, se não a totalidade d'este, algumas particulas suas ao menos, a um equilibrio, mais estavel ou por outros modos, ainda, mais perfeito do que o planeado antes da intervenção, nem sempre inopportuna, se verdade isto fôr, da extranha energia perturbadora. Não ha pois justeza na classica asseveração de que os degenerados são *atavicos*, no sentido de que n'elles tudo quanto seja anormal será de regressão a fôrmas e capacidades primitivas e obsoletas. Não! Nem sempre o irregular géra o irregular. A ordem pode brotar da desordem, qual, do esterquilinio, a flor. Para reinvocar um ponto mythologico já ferido, lembrarei que o machado de Vulcano, fendendo um craneo olympico, não deteriorou a respectiva massa encephalica; antes a partejou da deusa da Sabedoria. Mythos áparte, se as mais das vezes um raio destróe a arvore, que fulmina, uma que outra vez, com o amputar-lhe alguns ramusculos, attrae ao intacto caule re- vigorante fluxão de seiva. Não o sonhei eu; dil-o, por *de visu*, De Candolle. Lancemos o fogo a uma ceara, em incompleta fructificação. Os mais dos colmos

leva-os a combustão; uns outros ficam insanavelmente chamuscados, e para a fructificação perdidos; alguns haverá, todavia, e serão os raros a que o affastado calor chegue não na intensidade dysgenesica, mas no tom eugenesico, alguns haverá que fructifiquem mais rapida e mais nutridamente do que o farião se desusada temperatura os não houvera actuado. Pois não pode, no laboratorio, Darestes crear monstruosidades, ao sabor do seu thermometro? E se eu aleijo uma ave com o tornar-lhe deseguaes as azas, não poderei aperfeçoar, *parcialmente embora*, um cerebro, fazendo com que as suas mais nobres zonas tomem desenvolvimento maior, que todavia não descambe em enormidade? Pois é isto exactamente o que a natureza tem feito milhares de vezes. Aperfeçoamentos parciaes, sempre á custa, diga-se a verdade, de correlativas imperfeições. E do conjuncto advem não ser de todo raro que uma mesma caixa craneana abrigue factores da ruindade (não digo criminalidade, por que isso me levaria onde eu não desejo chegar agora), da loucura e do genio. Ora, se o genio é a simples *visão focalisada do porvir*, porque não hade a degenerescencia, sua materia prima talvez unica, representar uma especie de *credito mental*, aberto pela natureza, em favor de um ou outro dos seus eleitos espirituaes? E se assim for, como poderá sustentar-se o velho principio de que degenerar é andar sempre e sómente para traz? Esse monstruoso calculador, o Inaudí, ha pouco dado em espectaculo nos coliseus de Lisboa, para onde é que foi empurrado pela evidentissima degenerescencia da sua defeituosissima pessoa? Para traz, na intelligencia; que era elle quasi um imbecil. Para deante, no calculo; em que elle era *apenas* genial.

Acceito, pois, as palavras em que o auctor diz que «o degenerado é, simplesmente, uma interessante entidade desharmonica que vive — ao mesmo tempo — em

diversas epochas, passadas ou futuras, de sua especie ou de serie animal». Aceito-as com a declaração, quiçá superflua perante o que acima escrevi, de que nem em todos os degenerados a heterochronia é progressiva, nem mesmo parcialmente. O vulgar é que elles sejam, pelo lado intellectual ao menos, uns retrogradados. E' vêl-os nos manicomios e... nas sacristias.

Vamos ao segundo ponto, ao da minha impugnação. Ainda mesmo que o vocabulo *consciencia* merecesse tão somente a restricta accepção em que o auctor o toma, ou pelo menos o usa, a especial doutrina do livro me não pareceria aceitavel. Dado que não houvesse nos organismos cerebrados outra consciencia além da consciencia cerebral, d'essa que nos dá a perceber a existencia da personalidade physica (do exterior d'ella; que essa cerebral consciencia é muda a respeito das visceras sãs e muito nos engana a respeito das doentes) e a da personalidade moral, nem assim eu commungaria no seguinte credo: «O cerebro é, pois, na série animal, um órgão imperfeito, hesitante, em ensaios, sobretudo no que toca á sua periphéria..... E' (a consciencia)... um estado inferior e transitorio das receptividades nervosas, indispensavel para a obtenção do automatismo.»

De modo nenhum.

O cerebro, como qualquer órgão, só se diz perfeito se adaptado ao meio em que vive. Perfeito é o coração hypertrophiado *nos limites da compensação* de stenose aortica, por exemplo. E aqui temos uma *perfeição* de ordem pathologica. Imperfeitos são os membros locomotores *normaes* do homem, no ponto de vista da natção *verbi gratia*. E eis uma *imperfeição* physiologica, accidental. Perfeito e imperfeito é, *ao mesmo tempo*, o cerebro de um grande mathematico pobre de senso esthetico. E cá temos o mesmo apparelho (indisputavelmente o cerebro é muito mais que um órgão; e não fallo

do encephalo) com qualidades psychicas normaes e anti-theticas, — porque a falta parcial do sentimento esthetico é a regra em innumeradas raças inferiores, *sãs*. Não. De se ser perfectivel, não se deduza imperfeição. E', o cerebro, aperfeiçoavel; no homem, como em qualquer dos seus phylogenesicos antecessores. Nada mais. Mas essa qualidade é-lhe commum com *todos* os outros órgãos. Não aperfeiçoamos nós o pulmão com as altitudes, as pernas com o trepar por montanhas, o ouvido pela musica, como o cerebro mediante a cogitação? Tudo em regra, certo é; pois, se desregradamente, qualquer d'aquellas condições levaria ao desarranjo.

Ora, o que se observa em cada homem, dá-se em cada especie e, n'ellas, em referencia a cada peça organica.

Quantos aperfeiçoamentos não tem soffrido o figado atravez da historia zoologica? Separou-se do baço e do pancreas, e por cada differenciação uma vantagem mais para elle, que de pesada carga se exonerou, e para os outros, que autonomia ganharam. Simples caso da lei de divisão do trabalho. Lucrou já muito o figado; muito lucrará ainda em futuras e mais que provaveis especialisações. Ha de haver, em especies superiores, no homem talvez, um figado biliogeneo, independente de um outro glycogeneo, — como n'elle os ha já histologicamente juxtapostos em um parenchyma unico.

E' *sobretudo no que toca á sua periphéria*, diz José de Lacerda, que o cerebro se mostra *hesitante, em ensaios*. Seguramente que o é, visto como a periphéria está na melhor parte affecta á psychica e assim tem de soffrer as maiores variantes de adaptação, dada a complexidade e permanente oscillação das condições sociologicas. Nem de outro modo poderia ser, como acaba de vêr-se. Figure-se que nos estavam em cada dia a mudar as condições quantitativas e qualitativas da alimentação. Que de *hesitações* não teria e por quantos *ensaios* não passaria o nosso aparelho digestivo, afim

de adaptar-se, desde a mastigação até (não irei ao cabo) a chylificação dos alimentos, ás movediças e acaso anti-theticas condições bromatologicas? Mostraria isso porventura, no estomago, tendencias para ir atrophiando a *sua* consciencia, a consciencia organica *d'elle* — que a tem, como a teem todos os orgãos — e para ir, *ipso facto*, fazendo jus á *obtenção do automatismo*? Não me peçam provas da consciencia gastrica. E' axiomatica, pode dizer-se, a sua realidade. Veja-se nas respectivas idiosyncrasias, em que o estomago percebeu, sentiu, *teve a consciencia*, emfim, do contacto de uma dada substancia para elle repugnante e que *de todo passára des-percebida á consciencia pessoal*, — pois, na vigilancia d'esta, tal substancia não houvera sido ingerida.

Em a espinal medulla mais *palpavel* se torna ainda uma consciencia, sua privativa. Na famosa rã decapitada — uma rã decapitada, se bem *tangida*, vale, ás vezes, por uma Academia! — n'essa rã maravilhosa, póde qual quer lêr as abundantes provas do meu asserto — que não é meu. Questão prévia: onde jaz a *consciencia* de uma rã *decapitada*? Não sei o que José de Lacerda responderia. Conjecturo, porém, que, corrigindo a redacção do seu pensamento no caso, diria como eu digo: a da *invidualidade*, não tem que residir, pela sufficiente razão de que se finou com a cabeça; a consciencia do figado, continua a residir no figado; bem assim na medulla, a da medulla. Pois é a essa medulla que vamos agora fazer perguntas. Primeira questão: uma gotta d'acido sulfurico em uma das patas trazeiras da decapitada rã. Resposta primeira: flexão de todos os segmentos do respectivo membro, com o fim ou pelo menos com o resultado de livrar a pata da escharotica gotta; — o que é mais *sensato*, no ponto de vista pratico, util, do que fazer, como nós outros fazemos, as mesmas bruscas flexões quando o alheio pé, que pisára o nosso, já d'este se havia affastado instantes antes.

Parece automatismo puro, a muita gente. Vae ver-se o que seja. Segundo quesito: reincide-se na applicação de nova gotta do acido, no mesmo sitio, mas havendo o cuidado de préviamente immobilisar essa e só essa parte. Correlativa resposta: a pata homologa, que ficára livre, vem agora em soccorro da impotente congenere; e por movimentos, *os mais d'elles consentaneos ao fim*, a livra da imminente eschara, tirando-lhe o acido. As seguintes interrogações e respostas estão previstas, provavelmente. É ir immobilizando tambem a pata trazeira, não actuada pelo caustico, e ao depois uma das deanteiras. A rã, *inconsciente como rã*, mas consciente como medulla *viva*, medulla sensivel, julgadora e dotada de vontade, vae de cada vez servindo-se d'aquelle dos membros, deixados livres, que mais promptamente e mais habilmente possa realisar o momentaneo ideal — eis um *ideal* gerado em acephalo! — que é, como já foi dito, libertar do agente destruidor a região por elle attingida. É isto automatico, singelamente automatico? Que o automatismo entra por muito no complicado trabalho. ninguem o contesta. Desfechado o gatilho, tudo o mais, no tiro, desde a explosão do fulminante até o final abandono do projectil ás leis de gravidade, tudo isso é automatico. O desfechar, porém, é consciente. Assim, na medulla, quanto a *sentir* a incommoda impressão, a *julgar* das medidas opportunas e a *mandar* aos elementos anatomicos, seus subordinados, que executem *automaticamente*, agora sim, o seu *plano de defeza*. Assim na guerra, em que o estado-maior pensa e delibera, para, em seguida, milhares de *automatos* (fardados) cumprirem, sem consciencia do motivo nem do alcance d'ellas, as ordens recebidas.

Como pode então, pois consciencia na medulla existe, dizer-se que «a medulla *foi* consciente, mas é e será automatica; o cerebro foi e é consciente, mas *chegar* ao automatismo»?

Não tem que chegar lá, visto lá residir ha muito um certo automatismo, — nos elementos por assim dizer subalternos. Nada mais evidente do que a passividade do trabalho de varios conductores cerebraes.

Nos outros districtos, está bem de ver que é consciente o cerebro. Ha-de sel-o, necessariamente, em quanto cerebro fôr.

Para evitar confusões, importa distinguir já duas distinctas consciencias: a do e a no cerebro; a regional e a individual; a que elle de si proprio tem, como de si propria a tem a medulla, e a que elle tem da personalidade ou, mais genericamente, da individualidade de que faz parte.

A' primeira não alludiu, positivamente, José de Lacerda; nem sequer a deixou entrever.

Foi da segunda, portanto, que tratou.

Ora, esta nasceu com o desabrochar de cada sentido; com o aperfeiçoamento gradual d'elles se foi gradualmente aperfeiçoando; só com a sua abolição ficaria abolida.

Em algum exemplar humano se viu realisada a ficção. Abolidos pathologicamente os sentidos, perdeu o homem a consciencia do respectivo *eu*. Fallava de si na terceira pessoa, — como as creanças o fazem em começo de educação da linguagem fallada, por não terem ainda completos os sentidos especiaes.

Se o que a doença realisou já n'algum exemplar da nossa especie, viesse, por incebevel mudança cosmica, a realisar-se na especie inteira, então seria eu tambem a dizer que a consciencia, a *psychica* por excellencia, a que da *personalidade* tem o cerebro humano, desaparecera, — tal como desapareceria a de qualquer especie cerebrada, por egual arte subtrahida a *todas* as impressões extrinsecas.

A que se volveria, n'esse caso, uma especie animal, sem sentidos? Seria uma especie viva, *sem nervos*. Uma especie *vegetal*, apenas.

excellent

Sim, porque abolidos os nervos da sensibilidade commum, os diferenciados do tacto, os da visão, audição, etc., todos os outros nervos (não fallemos do grande sympathico, por agora) iriam na derrocada. Para que nervos da vontade, se esta se não exercitava, falla, como estaria, de motivo para intervir, motivo que só as incitações periphericas, *quando transmittidas*, — e não havia já nervos centripetos — poderiam iniciar nas cellulas de recepção e completar nas de elaboração mental? Não havendo ordens a dar, para que nervos centrifugos, nervos executores d'essas impossiveis ordens? E para que as cellulas da percepção, — se nada havia de perceptivel? E as suas antigas collaboradoras, como poderiam sobreviver ás dirigentes?

Atrophia progressiva, até o desaparecimento, do systema nervoso encephalo-rachidiano.

No outro, no systema ganglionar, não procura certamente José de Lacerda o que chama *consciencia*, embora, para esta, esse systema contribua em larguissima escala, não como operario de fabrico, mas qual trabalhador de carroto.

Então o sympathico, deixando de permanecer ligado a cerebro e medulla ausentes, subsistiria por si; cada um dos seus ganglios seria, melhormente do que o é agora, um cerebro *districtal*, dotado de consciencia, *districtal* tambem. O organismo seria uma federação de pequeninas consciencias ganglionares; de pequeninos *estados*, presididos, cada qual, por seu ganglio.

N'essa federação, todavia, vinha a faltar o conhecimento psychico, a consciencia, do seu *existir como federação*, da individualidade ou melhor, para evitar equivocos, vinha a faltar a consciencia da somma, — a da totalidade. Como assim? Por lhe faltarem — e tal é a hypothese, que se discute — *todos* os nervos da vida de relação. O sentir-se a existencia está strictamente no conhecer, no perceber, a relação do *eu* com o *não-eu*.

Como haveria de o *eu* — representado pela addição das parcelas do individuo, — perceber a existencia do *não-eu*, addição, elle tambem, de todas as parcelas alheias á individualidade, se estas ultimas não achassem receptor, que suas emanacões acolhesse, nem transmissor, que, se acolhidas, as conduzisse, — dado mesmo que, por absurdo, continuasse a haver centros, para perceber-as se recebidas fossem? O mesmo seria pretender transmittir sons no vacuo, ou tentar produzil-os pela inconcebivel percussão de um badalo em espaço vazio!

Dado isto, quero dizer, desde que a federação não tivesse consciencia *de que o era*, cada unidade supposta federada viveria em absoluta independencia. Dissolvera-se essa symbiose politica. Ficaria pois — e sempre dentro da hypothese figurada — cada uma d'essas unidades, cada minusculo *estado* organico, dominado por um unico e soberano ganglio. Este, se recebesse noticias externas, o que vae contra a contractada supposição de não haver nervos de sensibilidade, seria um cerebro, um centro psychico; se não recebesse taes noticias, e agora estamos no convencionado, deixaria de fornecer a noção do *eu*, só geravel, como já foi ponderado, pelas *titillações*, assim direi á mingua de termo mais adequado, do mundo externo, — do *não-eu*.

E cada ganglio, em cada *estado*, acabaria por desaparecer.

E, de vez, teria sido aniquilado o systema nervoso.

E os animaes teriam descido á condição vegetal.

E da Terra haveriam desaparecido as consciencias *de individualidade*, em referencia aos animaes, e as de *personalidade*, em referencia ao homem,

Então, sim; então, o cerebro deixaria de ser *consciente*, — pela razão suprema de que teria deixado de existir.

Como, pois, se não existente, passaria a ser *automatico*?

Mil vezes impossível! Na sua mesma progressiva complicação, statica e dynamic, a través da phylogenese, no seu incessante aperfeiçoar, morphologico e funcional, a través da ontogenese, o cerebro não se inculca visceramente ameaçando degenerescencia, antes se impõe como aparelho em crescente nobilitação; ao contrario de em frustrada tentativa de melhoramento, se affirma o cerebro em triumphante ascenço para o sublime; longe de nos dar a negra antevisão d'um total naufragio da *Idéa*, consola-nos com a iriada previsão de mais amplas capacidades para o estudo do condicionamento inteiro da phenomenalidade cosmica, — sua aptidão unica. Sua unica *finalidade*, diria eu, se finalidade houvesse nas *necessarias* differenciações histologicas, suscitadas pelas casuaes e intercorrentes differenciações mesologicas, que o fortuito encontro de moveções circumstancias determina.

Na evolução biologica, e na sociologia tambem, não ha volver atraz. Parar, de quando em quando; oscillar, muitas vezes; recuar, definitivamente, nunca. Na mechanica viva, tal como em tantos machinismos industriaes, ha *rodas d'escape*, destinadas a gorar os esforços conducentes a retrocessos. Para os organismos da natureza, cifram-se essas *rodas* na victoria, até hoje não desmentida, do mais apto sobre o menos apto, — como quem diz, do equilibrio *menos instavel* sobre o *mais instavel*.

Poderá o cerebro humano — para só d'este fallar — quedar-se immoto, a través de largos periodos chronologicos, se durante elles se dêr improvavel, em todo o caso possivel, estagnação do ambiente social. Surja, porém, um Christo, um Guttemberg, um Colombo, um Luther, um Diderot, ou Watt ou Galvani ou Lavoisier ou Lamarck ou Pasteur e as luctas homericas, semeadas por esses revolvedores divinaes, deixarão, como monumentos immarcesciveis seus, outro tantos accrescidos

graus na interminavel escala do progredimento mental — com algebraica equivalencia de organico aperfeiçoamento cerebral. *Pari passu*, a consciencia, o interior sentimento do *eu*, ir-se-ha dilatando mais e mais; a alma — para me servir do consagrado vocabulo — mais e mais subirá em hierarchia, tornando assim cada vez menor a distancia — em todo o caso infinita! — que a separa da suprema perfeição, do *Absoluto*, por cada mythologia encorporado em seu respectivo Jupiter.

E por que esse ampliar da consciencia?

Pelo theorema arithemeticico de que o valor da somma augmenta com o das parcellas; — e novas parcellas organicas, cerebraes sobretudo, advieram á (ou mais valiosas as antigas se tornaram na) pessoa, que vencedora houver sahido d'um renhido e feroz combate intellectual.

Uma simples addição — a Alma!

Como isto vae arripiar as carnes — e os cabellos? — dos velhos psychologos, que do seu assumpto conheciam tanto como qualquer erudito sabio conhece do que... nunca haja conseguido estudar de raiz e a preceito!

Soceguem. Conciliador, como sou, — sem acaso o parecer, — disponho-me a fazer-lhes uma concessão grande. Onde disse *addição*, mudarei, se quizerem, para *multiplicação*. Em verdade, o caso é mais de *producto* do que de *somma*, ou, pedindo aos chimicos o seu lexicon, é antes *combinação* do que *mistura*.

Escolham. O que fica, sempre, é um *resultado*.

E o que, sempre tambem, cumpre não esquecer e menos ainda desprezar, são as unidades em calculo.

Várias são as especies d'essas unidades.

O *atomo*, a primeira. Seguem: a *mollecule*, o *crystal*, a *cellula*, o *tecido*, o *orgão*, o *systema*. Somma (producto, talvez melhor) — o *Individuo*.

Cada qual com sua consciencia *especial*.

Só legios na mechanica atomica, base da chimica;

só profanos na mechanica mollecular, base da physica; só os ignorantes da mechanica crystalographica, base da mineralogia; só os desconhededores da mechanica cellular, base da biologia; só os hospedes na mechanica dos tecidos, na dos orgãos e na dos systemas, respectivas bases da anatomia e da physiologia e *portanto da medicina*, poderão negar a *evidentissima* alma de cada uma d'essas componentes morphologicas das entidades superiores do Imperio Vital. O mesmo seria ver negada por um aprendiz de sociologia, a alma d'essas individualidades — á parte o conceito formado ácerca da natureza d'ella, pois que a caduca psychologia a baptisara de *principio*, emtanto que a moderna physiologia a chrismou para *resultante*.

Na especie humana, cada individuo pode, pela palavra, dar, e dá, ao seu semelhante, conhecimento de que dentro em si, mas só *nas condições normaes da vigilia*, ha o sentimento da propria personalidade e da sua impossivel confusão com tudo quanto essa personalidade não seja. — É de crêr que, abaixo da nossa especie, os representantes de muitas outras saibam reciprocamente communicar-se equivalente sentimento. O certo porém é que nenhuma d'ellas nol-o pôde ainda dizer a nós explicitamente, seja por falta de expressão sua, seja, e mais naturalmente, por falta de especial comprehensão nossa. Tambem se nos homens não houvesse falla ou eloquente mimica, estaria cada qual privado de saber, por *explicita* confissão alheia, se os outros abrigavam na intimidade do ser a nitida noção, a integral *consciencia*, das respectivas personalidades.

A que processos recorreríamos, dado isso, para nos certificarmos da realidade da consciencia nos outros membros da nossa especie, e que processos nos levam hoje á affirmação de consciencia em especies para nós mudas?

Cifram-se em pouco — ou em muito, á escolha, —

esses processos. Cifram-se na racionalisação do que, em respeito á actividade d'esses seres, nos patenteam a observação e a experimentação. Cifram-se em apartar de todas essas multiplas actividades, aquellas que implicam discernimento, julgamento, isto é, comparação de, pelo menos, *duas* idéas.

Toda a actividade que implicar *selecção*, traduz uma consciencia.

Tem capacidade *electiva* o atomo?

O que seria, sem ella, a affinidade, — vária de cada para cada elemento chimico, e, entre os mesmos, vária igualmente de condição thermica, barometrica, etc., para outras só quantitativamente differentes? Se fôra cego, automatico, o exercicio da affinidade, os atomos *a* e *b* ou se combinariam sempre que se encontrassem, ou nunca o fariam; e, uma vez combinados, não mais se afastariam e menos ainda trocariam a situação actual por outra qualquer. E' certo que o exercicio da affinidade é condicionado por circumstancias innumeraveis. Assim o é igualmente o da vontade humana; mas ninguém, só por isso, dirá que esta não dimane d'uma consciencia, a qual por assim dizer representa a *focalisação* de todas as impressões, recebidas a cada instante por cada uma das humanas parcellas. D'ahi vem que uma mesma vontade, em casos aparentemente identicos e realmente oppostos, possa mostrar-se antithetica em dois momentos da vida. Ora da anthitese pode resultar que o probo cidadão de hoje seja amanhã um infiel depositario ou que o philantropo senhor X venha a dar no vil assassino X' — que é moralmente, e physicamente o é tambem, differente de X. Porque o atomo obedece ao imperio da *maior força* — no homem costuma dizer-se de *força maior* — não se conclua que antes de lhe obedecer deixasse de avaliar, deixasse de *ponderar* as duas forças, justamente para conhecer qual a maior. Se o atomo em combinação *c*, hesita em tro-

cal-a pela combinação *c'* e por fim se decide a ir ou a não ir para esta, não se veja, na decisão final, passiva obediência; veja-se, através das hesitações, uma lucta íntima, *moral*, da *idéa* de separação com a *idéa* de conjuncção. Só seria *consciente* o acto absolutamente *livre*? Risquem então da psychica humana os actos conscientes! Qualquer pôde *conscientemente* suspender os seus movimentos respiratorios. *Livremente*? Venha o começo da asphyxia e ver-se-ha onde fica a liberdade de prolongar essa afflictiva situação. É ver o suicida, que se lança á agua, debater-se, doido, nas ondas, tentando pôr de nivel com a atmosphaera as aberturas de entrada do ar. Por isso os suicidas *deliberados* tratam de a si proprios tolher os meios de, no supremo momento, fazerem valer os, n'esse instante, reacendidos instinctos de conservação individual.

Como duvidar então de que o atomo seja consciente, sem termos de eliminar dos dictionarios a palavra *consciencia*?

Tem, pois, cada atomo *sua* consciencia. Uma juxtaposição d'atomos, todavia, segundo for ou não for systematisada, terá ou não terá sua consciencia *collectiva*. Se meramente appostos, sem ligação harmonica, sem ordem nem plano, como blocos de mármore amontoados, empilhados que sejam, não apparecerão sommas, na informe massa atomica, as parcellares consciencias de cada unidade. Nasça, porém, a disposição *molecular* para essas unidades e logo, tendo por base a mantida consciencia singular de cada atomo, no *systema* atomico brotará uma consciencia relativamente *superior*, — a consciencia de mollecula, filha das antecedentes, que ella desconhece e que a desconhecem. Staticamente, com a mollecula veiu uma architectura; dynamicamente, veiu com ella uma fórmula outra da actividade, — uma consciencia nova. Tal como surjem, da combinação de corpos sem côr, imprevistas colora-

ções, que a simples mistura d'esses corpos não fôra capaz de revelar, mas que preexistiam potencialmente em algum dos incolores componentes. Tal como o som acorda do percutir de dois corpos mudos ou a luz irradia do atrito de duas substancias em treva. Tal como dos negrumes do carvão nascem, com as facetas e arestas do diamante, as coruscantes scintillações d'esse carbone, que a crystallisação aristocratisára.

Juntemos, ao acaso, milhões de molleculas similares e nem por isso poderemos vislumbrar na bruta massa uma consciencia *do todo*. Nada mais haverá do que o ajuntamento de milhões de consciencias molleculares, umas a outras indifferentes. Concorram essas molleculas em disposição de crystal, e a *somma* (producto, se preferirem) das respectivas consciencias determinará o advento de uma *terceira* e relativamente superior consciencia — a que no crystal ha, da sua individualidade. Consciencia esta, que tem por primarios fundamentos as dos atomos e por segundo alicerce as das molleculas — consciencias parciaes, que reciprocamente se desconhecem e todas desconhecem aquellas a quem devem o ser e d'ellas são desconhecidas. Consciencia esta — a do crystal — já visivel a olhos myopes, uma vez que o *systema* crystalino affirma, em si, um *eu*, que o incita a reparar, se em apropriado leito, as mutilações praticadas em seus angulos ou arestas por uma vulneração qualquer; consciencia que, melhormente talvez, se affirma ainda com a tendencia ao crescimento, — a qual é, a bem dizer, senão a primordial, ao menos das primeiras a mais apparatusa, revelação do *egoismo*, que incita cada ser a assimilar, nos limites do possivel, á sua substancia propria, o cosmos inteiro.

Associemos agora as molleculas, não já em crystal, mas em *systema* de mais alevantada cathegoria, — em protoplasma ou, um tudo nada acima, em cellula.

Como duvidar da consciencia cellula? Sem con-

ciencia vital, uma unidade viva seria inconcebível. Superflua, risível n'estas alturas em que vamos, seria a demonstração de tal attributo na cellula. O que importa agora é distinguir nas symbioses — desde as bicellulares até as mais numerosas e mais complexas — quaes as que possuem e quaes as que não possuem a consciencia symbiotica, isto é, a consciencia da sociedade, do syndicato, que as conjugou. Ter ou não ter um mediador *geral* — eis a questão. Mediador geral e *habil*. Porque a seiva, claro está, medeia as cellulas todas de um vegetal sem todavia ser apta para transmitir a qualquer d'ellas a noticia da existencia e de certas variações das restantes. Como o sangue, nos animaes. Só o systema nervoso para tanto se acha *habilitado*. Com elle nasceu não direi a vida animal — pois esta se realisa, com profusão até, em seres nomadas, insociaveis, eternos selvagens microscopicos, a que um zelo demasiado de *self-governement* traz todos os desastres do isolamento, e todos os encantos d'elle tambem; — nasceu a symbiose animal, a vida animal diferenciada, — nasceram as animaes individualidades heterogeneas. É esse systema, complicada mas harmoniosissima confederação de *neuronas*, — genuinos representantes histologicos da animalidade — o que dá ao individuo a consciencia propria, carreando de toda a periphèria e de todos os meandros do corpo, até um *centro*, nobremente diferenciado, as impressões, que, ajuntadas, fundidas, combinadas, synthetisadas, em summa, dão ao ser a impressão *unitaria* de um *eu*, em que elle não distingue os elementos componentes, — como quem não seja musico de profissão não distingue, n'um concerto, as notas singulares de cada participante e só se apercebe do conjuncto, da synthese acustica, na apparencia tão unica e tão homogenea que se diria gerada magicamente pelos *rhythmados* movimentos da batuta do maestro.

Tal unificação, semelhante *consensus*, só sabe realisar-o o systema nervoso, — verdadeiro tutor, em cada animal, da restante massa organisada. Tutor que dos pupillos vive, não á moda de parasita, que sem beneficiar defraude, sim de administrador intelligente e zeloso, que bizarramente retribua em attentões e proveitos a subsistencia, da tutela auferida.

Mas se, em grande parte, os orgãos animaes valem pelo que da influença neurica recebem, do mesmo modo a plastica e correlativamente a funcção nervosa mendigam uma parte da sua quantivalencia ás qualidades staticas e ás dynamicas do restante organismo. Por isso tambem, a consciencia, se não no essencial, no formal ao menos, varia conformemente ás condições anatomo-physiologicas do *todo* animal, — seja do homem.

O dizer-se consciencia *sã*, consciencia *elastica*, *larga*, *endurecida*, etc., representa alguma coisa mais do que maneiras de rhetorica. De facto, radicando-se a consciencia total — a do individuo, a do *eu* — na psychica atomica e indo, por ascendentes gradações, d'ahi ás da mollecula, da cellula, do tecido, do orgão, do systema, não pode a integração de tão variadas e tão multiplas quantidades desprezar as occorrentes vicissitudes de qualquer d'ellas.

Em pessoa doente, consciencia doente. Em pessoa *sã*, consciencia *sã*. Individualidade errada, consciencia errada. Organisação progressiva, consciencia progressiva.

Postos estes corollarios mais que legitimos, convem inquirir se vae em progresso, se em decadencia, a organisação humana.

Não a estudemos nos centros de intensissima e quasi ataxica civilisação, — que ali a decadencia, considerada no humano organismo em globo e não em um ou outro systema organico, é manifesta; e tanto, que levaria á ruina da respectiva fracção da especie, se

sangue novo, sangue *provinciano*, quente, abundante e por enquanto não viciado pelos requintes d'uma existencia feita só de anhelos ou de gosos só, não viesse continuamente injectar, nos depauperados seres, corroborantes nutrimentos. Seria basear a regra em uma excepção.

Não a estudemos tão pouco nas populações alheias a qualquer progresso social, — que ahí, por estagnação do *meio*, não se realisa o aperfeiçoamento organico; nem tão pouco a degradação. Excepcional é ainda o caso, e por isso fóra tambem do nosso inquerito.

Estudemol a em plena regra, no que se pode considerar *zonas temperadas* da vida social, — a meia distancia do equador e dos polos da civilisação. Ver-se-ha, ahí, que o homem, *como homem*, isto é, como ser principalmente intellectual, tem progredido incessantemente, sendo que hoje a humana comprehensão sobe, nas mesmas individualidades mediocres, a culminações que, em remotas eras, só eram attingidas por privilegiadas intelligencias.

Não ha negar este axioma da Historia.

Se, pois, o homem progride, se progride sempre e sempre pelo cerebro progride, como haveria esta sua nobilissima peça realisar o contrasenso de se acendrar no gradual perdimento da expressão mais elevada da sua especificidade funcional?

Pois não é evidentissimo que o cerebro vae adquirindo tanta mais superioridade quanto mais o seu funcionar se emancipa das imposições mesologicas ou, direi antes, das imposições do *meio cosmico*, já que ás do *meio plasmatico* não haverá subtrahir-se, muito nem pouco? Essa emancipação nunca será absoluta, escusado é lembral-o. Nunca, tambem, o animal melhormente fabricado no ponto de vista da calorificação interior se emancipará completamente das *grandes* variantes atmosfericas, para de outras não falar agora; mas que diffe-

rença enorme entre o sapo, joguete de quaesquer mudanças meteorologicas, e a aguia, que, em atmosferas rarefeitas e pairando kilometros acima de neves perpetuas, sabe produzir as innumeradas calorias reclamadas pela dispendiosa mechanica de seu imperialissimo vôo?

Quando rudimentar, o cerebro era como barco sem governo, *à la merci des vents et des flots*. Com o ampliar-se e differenciar-se, foi adquirindo *leme*, — mediante o qual se norteia.

Esse leme chama-se *consciencia*.

Desfeito elle, viria para o homem um fatal naufragio nos tormentosos mares da superna vida.

Foi esta a prophecia de José de Lacerda?

Nem por um instante o creio.

O confundir automatismo de *execução* com o que seria automatismo de *concepção*, levou-o por errada vereda. Certamente que na actual locomotiva tudo é automatico. Tudo — excepto a *concepção* do machinista, o qual, por um jogo de alavanca, a orientará para avançar ou... para recuar!

Da locomotiva humana, é a consciencia o machinista.

E o machinista chama-se *cerebro*.

Singular operario este!

Dá ao homem — e, em devidas proporções, a cada animal, até aos que de cerebro possuam apenas um vislumbre — o *intellecto*, afora prendas que não importa mencionar aqui.

Dá-o, qual se pautado fôra pelas regras da producção dos sons e dos ruidos.

Esqueçamos ruidos. Lembram elles desafinações; e no cerebro equivaleriam a loucuras.

Consideremos os sons, singelamente os sons.

Tem cada qual sua intensidade, sua tonalidade e seu timbre, — predicados que, todos, se encontram na intelligencia.

Intensidade, variando com a amplitude das vibra-

ções. Ha cerebros de grande e cerebros de pequena amplitude vibratil; e, para o mesmo cerebro, ha incitamentos que, por fortes ou por fracos, levam as vibrações ao maximo ou ao minimo da oscillação. Quer dizer: ha cabeças *fortes* e ha *fracas* cabeças.

Tonalidade, dependente do numero de vibrações na unidade de tempo. Ha cerebros que, para uma dada amplitude, são susceptiveis de apressada ou só de morosa velocidade vibratil, — pois nas desenvolvidas como nas acanhadas intelligencias se pode verificar rapido ou lento trabalho mental. Como quem diz: intelligencias *promptas* e intelligencias *tardas*, — sejam grandes, sejam pequenas.

Timbre, determinado por conjugação de harmonicas. Com qualquer amplitude e com qualquer velocidade de vibrações, haverá harmonicas melhor ou peor conjugadas em cada intellecto. Por outras palavras: com fraca ou forte, rapida ou lenta mentalidade, ha espiritos *bem harmonizados* e espiritos *mal harmonizados*.

No *instrumento-cerebro*, a quantidade de *som* — a *força da intelligencia* — depende da quantidade da especialissima substancia vibratil. Depende do numero e volume do que na moderna orientação histologica, em que a todos se avantajou o insigne cathedratico madrieno Ramon y Cajal, se chamam cellulas pyramidaes *maiores* e respectivas arborisações nervosas e protoplasmicas; — do *quantum* da massa essencialmente psychica, em que não entram, poderia poupar-me a dizel-o, a nevrogia e similares.

A *nota* da intelligencia, — o *tom* cerebral — subordina-se á tensão d'essa substancia vibratil, ao que chamarei *afinação* do protoplasma, dependente, na melhor parte, da densidade peculiar a cada neurona, densidade acaso subordinada ao grau do respectivo afastamento d'elles, e, noutra parte, dependente ainda das variantes quantitativas, qualitativas e sobretudo manometri-

cas do liquido sanguineo. Esta ultima circumstancia explica o facto, por de mais averiguado, de ser rapido e prompto no pensar e no dizer, durante um hyperhemiante estado d'alma, quem, de seu usual pacifico, seja moroso na concepção e arrastado na exhibição do pensamento.

O *timbre espirital*—a maneira pessoal de pensar—filia-se no numero e modo de concorrência do que, por analogia, chamarei harmonicas mentaes. Tenho para mim que dependem ellas da maior ou menor intensidade dos *contactos* entre as ramificações e prociencias das cellulas psychicas. Se *frouxos* ou se *apertados*, esses contactos tornarão difficeis ou faceis, incompletas ou completas, pouco ou muito diffusiveis, as neuronicas synergias.

Para, de relance, que mais não comporta o espaço, tocar no assumpto principal do livro — *Os Neurasthenicos* — direi que a inconsistencia neurica d'esses enfermos, a sua falta (permitta-se a phrase) de *plasticidade funccional*, deriva, quanto a mim, de erro de contactos neuricos. N'elles, está bamba a *coesão* nervosa. Uma especie de *diffluencia histologica* da alma, com perdão dos venerados, quiçá venerandos, *psychologos anciens régime*. Cada unidade psychica vive quasi sobre si, tanta é a imperteição dos correctores do subtilissimo commercio nervoso. Dos neurasthenicos, considerados agora, no myelencephalo e suas ramificações, como um batalhão, póde dizer-se que, n'elles, os soldados são bons e bons os officiaes; maus os sargentos. Excellente trabalho individual, frustrado por deficiencia nas transmissões do commando.

Assim como na pilha a corrente só bem se estabelece quando em real contacto os topos dos reophoros, e em vez d'ella, se o contacto fôr imperfeito, surge um inteamittente e desigual faiscar de energias thermicas e luminosas, em que a electrica se mudára, assim no

neurasthenico a incorrecção dos contactos radiculares leva a inopportunas, destemperadas e sinistras fulgurações do espirito.

Revertendo ao ponto de partida, accrescentarei que o já muitas vezes alludido *contacto* dos neuronas poderá talvez estar na dependencia da relação *ponderal* entre a massa cerebral *psychica* (e n'esta incluo tambem o substracto do sentimento, que em cada homem dá feição especialissima á intelligencia) e toda a restante massa organica do encephalo.

Tres casos fundamentaes se podem dar n'essa relação.

Caso em que a massa *psychica* seja proporcionalmente menor do que a restante intra-craniana.

Caso em que a *psychica* exceda relativamente a restante encephalica.

Caso em que as duas estejam na regular proporção.

Algebricamente, representando por C a massa cerebral *psychica média*, por E a *total* massa do encephalo, e fazendo $C' > C$ e $C'' < C$, teriamos as tres hypotheses assim formuladas:

$$\frac{C'}{E-C''} \quad \frac{C'}{E-C'} \quad \frac{C}{E-C}$$

Qualquer individualidade humana entra forçosamente em alguma d'estas formulas.

A cada passo se nos deparam comprovações vivas do meu asserto. E' olhar em torno de nós.

Aqui estão representantes do primeiro grupo. São vulgarmente apontados como homens de *alma pequena*. Muitos d'elles, homens grandes, que chegam a grandes homens. Visando-os, bem, reconhece-se que vivem no perfeito conhecimento e na perpetua dissimulação dos innumerados vacuolos em suas almas dispersos. Lentos na acção. Circumspectos! no dizer. De longe, parecem consistentes, sendo aliás nimamente elasticos. E' premel-os

e ver-se-ha como a casca cede, mal apoiada na quasi vacuidade do miolo. Todavia; recuperam breve a fórma — são essencialmente formalistas! — logo que se sintam desopprimidos. Dir-se-hiam de borracha. Engravidam pelos ductos auditivos e parem, pela bocca, pensamentos alheios, que manhosamente vendem por idéas proprias. Nasceram predistidados para todas as presidencias — da junta de parochia, da vereação, do conselho — e lá chegam cedo ou tarde, conforme os tempos e os logares. Subidos ao poleiro — que lhes sae por vezes pelourinho — expectoram, das profundezas thoracicas, acervos de bolorentas banalidades, com voz cava, gesto largo e collo teso. Morphologicamente, teem muita nevroglia e poucos neuronas; isto que o vulgo diz ter «muita parra e pouca uva». Na politica, são conservadores; na arte, classicos; na sciencia, de um modo geral, são *seguros*; na medicina, particularmente, são *praticos*, — oscillando de Archagathus para João Semana.

O seu *timbre* mental semelha o de um falho sino de velha cathedral, em dobre de finados.

Os da segunda fórmula, dil-os a locução popular *com maior alma do que corpo*. Vivem n'uma constante hipertensão psychica, especie de intumescimento do *eu*, que ameaça a todo o instante abrir fenda na personalidade moral. Arrastam a existencia na inquietante busca de um *equilibrio*, que jamais acharão. Logo no cuidadoso descuido do trajar, trahem muitos d'elles o dominante intuito da exhibição de suas pessoas. Segredalhes voz interior, nem sempre mentirosa, largos designios sociaes. Commummente pelos trilhos mais invios, encaminham-se para a Gloria, — aonde raro chegam, pois tantos e tantos a meio d'essa via dolorosa se transferem para o ramal da Vesania. A maioria fina-se antes de definir o seu logar, — se nos pantheons, se nos manicomios. Morphologicamente, sobram-lhes neuronas e escasseia-lhes a nevroglia; em linguagem de vicultores:

«não pode a cepa com os cachos». São, na politica, revolucionarios — o que na phase actual das sociedades pode ir desde a democracia branca até o nihilismo negro, com escala pelo socialismo vermelho; — na arte, são os revoltados, dizendo-se, e sendo acaso, os porta-estandartes do futuro, o qual futuro promette ultrapassar os symbolismos, os decadentismos, os deliquiscentismos e todas as outras subtis ramificações do frondoso nephelibatismo; na sciencia, são os loucos sublimes, com excepção dos que não tenham sublimidade; em medicina, são os reformadores violentos e ora se chamam Galenos ora Paracelsos.

Estes lembram, na sua energia, a faisca electrica; tanto pôdem, na amplissima esphera de acção, vivificar, como assombrar, como matar. Indifferentemente, illuminam, deslumbram ou cegam. Não admira, portanto, que o seu *timbre* mental seja como o do raio: — secco, duro, ingrato.

Os da terceira cathegoria — que na despretenciosa compostura de maneiras melhor do que por outro criterio se deixam adivinhar — esses, não teem na superficie as concavidades de flacida vasilha pouco fornecida, nem as convexidades filhas de interiores exuberancias. São, pôde dizer-se, *planos* em todas as suas faces moraes, accusando d'est'arte a perfeita conformação do contheudo ao continente. Ponderados, sem lentidão; sensatos, sem affecção; productivos, sem esforço — e sem prodigio. De regra, são *zeros* sociaes, cujo valor depende de o acaso os collocar á direita ou á esquerda de unidades valiosas. Morphologicamente, ajustam-se n'elles á maravilha neuronas e nevrogliã; de videiras taes dizem os vinhateiros: uma *belleza*. São na politica evolucionistas, isto é, são os pacientes preparadores da polvora, que o fulminante revolucionario fará explodir um dia. Na arte, espelham com irreprehensivel fidelidade a vida sua contemporanea, em vez de reflectil-a enga-

nosamente em perfidas superficies, que tenham tanto de brilhantes como de irregulares. Na sciencia, cumprem como intelligentes operarios, ora copiando o perfeito, ora tentando, nem sempre sem exito, perfazer o defeituoso. Em medicina, particularmente, são os que inspiraram a Hippocrates esta definição de *medico*: — *minister naturæ et interpres*. Typos: historico, Sydenham; contemporaneo, Potain.

De pessoas taes, o *timbre* mental lembra o do murmuroso ribeiro, escoando lentamente pelos vales e fertilizando, em sua passagem, tudo quanto não seja terreno maldito.

Em qual das tres classes deve ser incluído José de Lacerda?

Por si o leitor o saberá, em breve.

22 de setembro de 1895.

J. T. de Sousa Martins.

PREAMBULO

A NEURASTHENIA SEGUNDÓ A PATHOLOGIA CLASSICA. O VELHO VITALISMO E A MODERNA BIOPHYSICA. O CRITERIO PROGRESSIVO DO SABER MODERNO. UMA DAS GENIAES INTUIÇÕES BIOLÓGICAS DE LAVOISIER, E UM DOS ELEGANTES CONCEITOS PHILOSOPHICOS DO DR. SOUSA MARTINS. A VIDA É UMA SYNERGIA DE ACTOS PHYSICOS. O GENIO E O «VOLT», A HEROICIDADE E A «CALORIA», O AMOR E O «KILOGRAMMETRO». UMA SYPHILIDE DE RAMEIRA E UM CORAÇÃO DE VIRGEM. AS ABJECTAS LAMAS DAS RUAS E OS VENERANDOS CEREBROS DOS PAPAS. A RELIGIÃO E TORQUEMADA, A JUSTIÇA E MARAT, A MORAL E ALEXANDRE VI, O AMOR E OS SKOPTZY. OS «IMPULSADOS» PELA FÉ E OS «HYSTERISADOS» PELA CIVILISAÇÃO; FEREAZ INGENUA D'AQUELLES, INSIDIA FRIVOLA D'ESTES, INFERIORIDADE MENTAL DE TODOS. CONSOLADORA PERCEPÇÃO JUSTA DAS COISAS.

A neurasthenia, como a hysteria e outros morbos, é ainda, na percepção esconsa e curta da tardigrada pathologia classica, uma doença — «sem lesão organica, e, portanto, puramente funccional».

É bem de vêr que esta maneira, ingenuamente atavica, de interpretar um phenomeno neuropathico, finalmente complexo, nasce d'uma serodia reminiscencia abstrusa das velhas metaphysicas requintadas por Stahl; é o mirrado coccys doutrinal do nevoento vitalismo quinta-essenciado por Barthez. Bem outra vac, é coisa assente, a moderna feição da biophysica. Sabe-se já, e com firmeza, que existe intima e indestructivel correlação entre o modo dynamico e o modo estatico das coisas. Percebeu-se emfim, bem e de vez, que um erro

na *função* d'uma machina — seja ella um cerebro ou uma pilha, um rin ou um filtro, um musculo ou um dynamometro, um coração ou uma seringa — revela sempre um erro na *composição* da mesma.

E é com o seu criterio serenamente positivo e experimental, progressivamente luminoso e firme — e intrepidamente generalizado a todo o saber são — que a Sciencia de hoje — imperfeita, sim, mas, dia a dia, mais e mais desenleuada da sua imperfeição — focalisa, integra, analysa, compara e *determina* as condições d'um phenomeno — seja elle a depressão n'um neurasthenico ou a depressão n'um barometro, a queda d'uma monarchia ou a queda d'um dente, a parallaxe d'um astro ou a parallaxe d'um osso, a acção social da lei de Manu ou a acção enterica do oleo de mamona.

Mas esta maneira lucida e forte do Saber levou tempo — e a demora teve, como Tudo, o seu determinismo — a dar de si a nova biologia. E custou. Foi mister, primeiramente, que a senil metaphysica escolastica se calasse, e que a fallaz vaidade humana se encolhesse...

Ha ainda, todavia, alguns philosophos, ecclesiasticamente ferrenhos e d'uma plasticidade cerebral exoticamente chinezá, que se insurgem, com orthodoxia e teima, contra a idéa, aparentemente impia e tosca, de que a Vida seja, como desde Lavoisier foi dito, — «um capitulo de physica e de chimica» —, uma singela fórma, analogá á electricidade, ou uma melindrosa synergia de fórmas, comparavel a uma acção termo-electro-dynamica, da Energia cosmica.

Doe-lhes que este velho phenomeno transcendente — ao ser espreitado, emfim, a valer, pela sciencia — tão *piamente* cambalhote, tão *prosaicamente* baixe — «da fidalga cathegoria de *principio* á modesta condição de *resultado*» — segundo o valioso conceito elegante do professor Sousa Martins.

Para taes sabios, feitos na metaphysica e fortes na theologia, será para todo o sempre falso e reles que, por exemplo, os phenomenos psychicos, as decantadas e *commodamente* mysteriosas subtilezas da alma, possam ter equivalentes electricos, thermicos e mechanicos... sim... que o genio seja computavel em *volts*, a heroicidade convertivel em *calorias*, o amor transformavel em *kilogrammetros*...

No seu fiel e burocratico amor ao decoro e á rethorica, elles qualificarão ferrenhamente de soez e grotesco que o monotono moer de qualquer velho realejo italiano possa campar de equivalente mechanic — e psychico — de qualquer novo parlamento portuguez...

Ao seu fino e notorio pudor de espiritualistas e commendadores repugnará sempre a idéa — exteriormente immoral e suja — de que os atomos de carboneo d'uma syphilide de rameira possuam tanta *valencia*, e sejam, individualmente, tão honestos e tão puros, como os do coração d'uma virgem...

Na sua aristocratica e religiosa psychologia de aspirantes a titulos e candidatos a santos, elles julgarão teimosamente crime feio de lesa-dignidade, e chimica torpe de lesa-divindade, que as particulas de hydrogenio das abjectas e não inodoras lamas das ruas ousem ser heterodoxa e chimicamente identicas ás dos venerandos e não odoriferos cerebros dos papas...

Antigamente, alguns d'elles foram terriveis — mas, quasi todos, fanaticamente sinceros, ingenuamente ferozes. Ensanguentaram reinos, enlutaram cidades, queimaram homens, torturaram mulheres, mataram creanças... Engendraram uma crença, uma justiça, uma moral e um amor que brigam com as invenciveis leis da Natureza — creando, d'est'arte, sombrias religiões hyposthenisantes, absurdas revoluções sangrentas, estiolantes aberrações criminosas...

Os seus erros de doutrina postos em pratica deram,

na religião, o Jejum e Torquemada; na politica, a Igualdade e Marat; na moral, o Infanticidio e Alexandre VI; no amor, o Convento e os *Skoptzy*...

Cultivaram a Dor, hypertrophiam o Erro, apresaram a Fadiga, fomentaram a Neuropathia... Mas, tudo isto, quasi inscientemente... Eram os *epilepticos* da Crença, os *impulsados* pela Fé.

Actualmente, todos andam inermes — mas, alguns, buliçosamente insidiosos, interessantemente hypocritas.

Não criam — repisam.

Não observam — falseam.

Não criticam — deturpam.

Não argumentam — paralogisam.

Não querem acertar — querem vencer.

Zombam de Darwin, fogem de Spencer, riem de Lombroso.

Phantasiam-se divorciados da Natureza... Fingem-se isentos da biochimica...

Frivolos, em regra, como creanças; ousados, ás vezes, como dementes; improgressivos, sempre, como mumias — fazem momos ao raciocinio e apupam a sciencia. Porque? Nem elles sabem. Mas a psychiatria sabe...

— Taes creaturas soffrem d'uma interessante implasticidade encephalica, d'uma teimosa inadaptabilidade á evolução, d'uma real impossibilidade de progredimento. São os *vencidos* do progresso, os *hysterisados* pela civilisação. Merecem, pois, uma larga e forte piedade, ora grave e coerciva, ora ironica e mansa...

E' que elles, afinal, são inculpadamente atrazados, involuntariamente inadaptaveis, irresponsavelmente inferiores...

Nunca ascenderam á nobre e solida serenidade que nasce da justa e firme percepção das coisas. Nunca comprehenderam a suprema Justiça, a grandiosa Har-

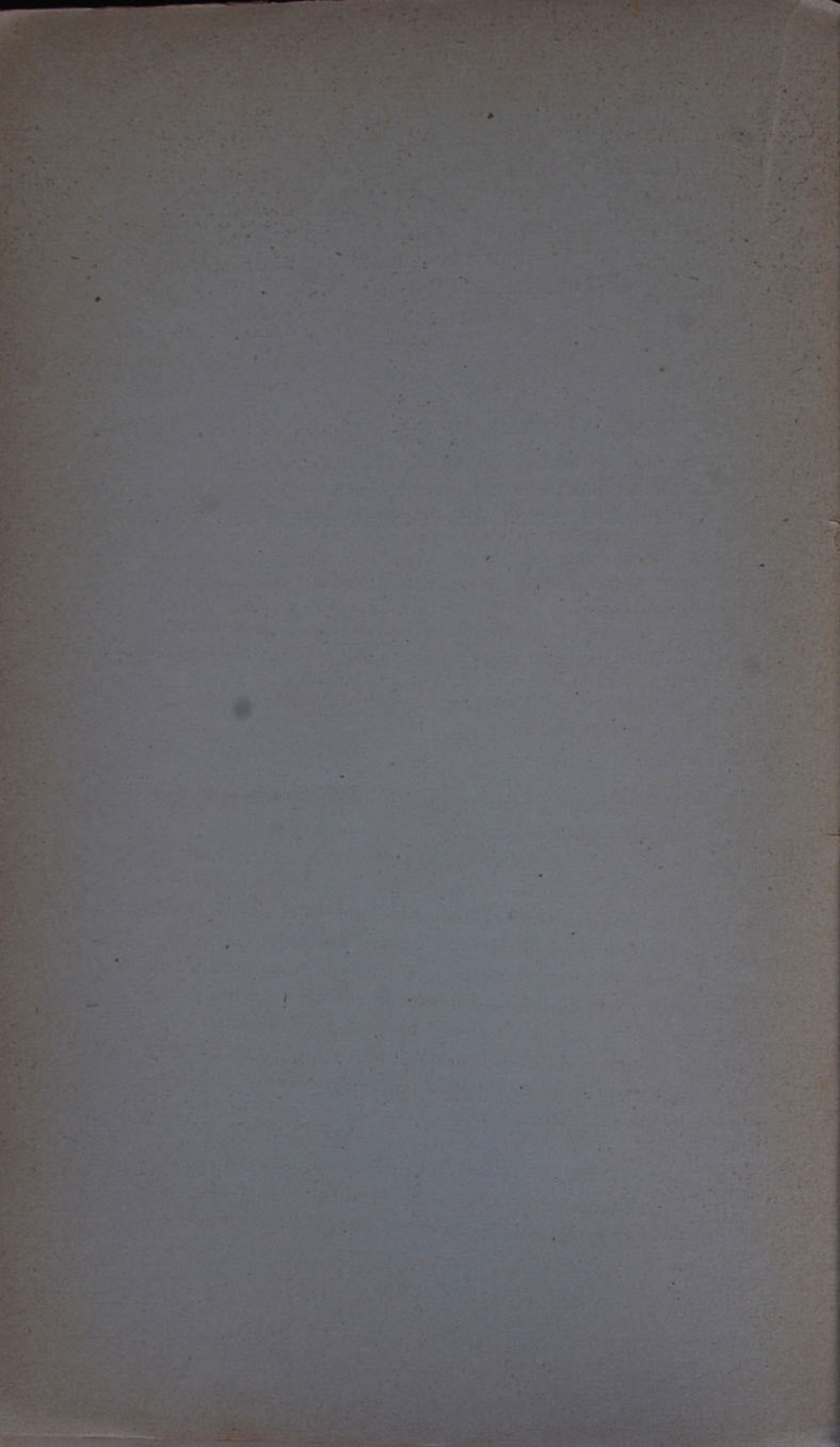
monia, a incorruptível Logica e a solemne Poesia que ha no Natural — tanto no Gozo como na Dôr, assim na Vida como na Morte...

*

*

*

Mas vejamos — interrogando a historia da neuropathologia, a neurophylogenia, a neurophysiologia, a clinica, a chimica, a experimentação e a critica — se possível é interpretar e definir a neurasthenia.



HISTORIA DA NEURASTHENIA. NOÇÕES BIBLIOGRAPHICAS.

PERIODO DE INICIO E DE DESTRIÇÃO — EM HIPPOCRATES, GALENO, LANGINS, SYDENHAM, HOFFMAN, BLACKMORE, VIRIDET, CHEYNE, FLEMING, RAULIN, PONTICELLI E WHYTT.

PERIODO DE ANALYSE E DE POLYDENOMINAÇÃO — EM LOUYER-VILLERMAÏ, DUPAU, BROWN, GINTRAC, REIMBOLD, CERISE, BRACHET, MONNERET, SANDRAS, BOUCHUT, CAMPBELL E VENTUROLI.

PERIODO DE SYNTHÈSE E DE VULGARISAÇÃO — EM BEARD, WEIR MITCHELL, CHARCOT, BOUVERET, LEVILLAIN, MATHIEU, BOISSIER, BOREL E DALLEMAGNE.

THEORIAS DE BEARD, GLÉNARD, BOUCHARD E VIGOUROUX.

CRITICAS DO AUCTOR.

E' rica de interesse e de lição a historia bibliographica da neurasthenia.

Encerra documentos preciosos para um estudo genealogico da neuropathologia — muito incautamente attreita a curiosos episodios de atavismo, de adaptação e de palingenesia. Merece analyse a enredada ligação — o complicado parentesco — entre os diversos estadios da phylosophia medica durante os evolutivos estudos seculares a respeito do mesmo facto pathologico.

E das phantasiosas concepções metaphisicas da velha medicina exhuma a critica nebulosas formas ancestraes de lucidas theorias modernas.

* * *

A' iniciadora intuição de Hippocrates não escapou nenhuma das grandes doenças antigas. O genial disci-

pulo da grave escola de Cos poz em foco o estudo de um morbo que se exteriorisava por «insomnia, vertigens, anciedade nervosa, angustia respiratoria, desordens gastricas, cephalalgia, pernas pesadas e fracas...». Era, ao que parece, a neurasthenia, mas tão de leve percebida e destrinçada que anonyma ficou até Galeno.

Este denominou *hypochondria* um grupo de estados morbidos, similares e afins, em que figura — nomeadamente pela sua feição melancolica e dyspeptica — a neurasthenia, e systematicamente considerou esse conjuncto — «uma doença cerebral originada sob as hypochondrios, no figado, no estomago e intestino. Quando estes orgão adoecem» — explicava ousadamente Galeno — «enviam a *atrabilis* ao cerebro que, por sua vez, fica doente». A *hypochondria* era pois uma *nevrose* em cuja pathogenia, galenicamente rudimentar, rabeava já, como se vê, nem mais nem menos que o germen das modernas theorias gastro-chimicas da neurasthenia.

Langins, em 1658, descreveu bem uma interessante variedade de *hypochondria*, propria dos escriptores e produzida pela fadiga intellectual. No lucido trabalho d'este allemão sobresahe — a par de uma noção etiologica exacta e valiosa — uma notavel intuição nosographica da moderna *cerebrasthenia*.

Em 1682, Sydenham destrinçou, no cahos enorme das nevroses, a *hysteria*, e largamente descreveu as suas formas e *symptomas* principaes. Mas — avolumando-a com a neurasthenia que o famoso clinico inglez tomou por uma modalidade *hysterica* peculiar ás mulheres fracas e fatigadas — creou nosographicamente uma arbitraria e extravagante *nevrose* proteiforme que, erradamente, como é sabido, filiou nas desordens uterinas.

F. Hoffmann, em 1708, estudou uma forma de hypochondria — caracterisada por «atonía cerebral e nervosa» — que lembra bem a neurasthenia. Era «uma molestia teimosa, de marcha lenta e de longo e fastidioso tratamento» cuja origem residia «no canal nervoso e membranoso que serve para a digestão». E era bem distincta da hysteria; as duas tinham «muitos symptomas communs, mas tambem alguns muito particulares».

Havia n'isto — além d'uma curiosa evocação da doutrina pathogenica de Galeno — um valioso esboço de revolta contra o erro nosographico de Sydenham.

Em 1725, Blackmore — n'um estudo *of the spleen and vapours or hypochondrical and hysterical affections*, em que a neurasthenia figura, embora anonymamente, — sustentou que estes estados morbidos «não teem a sua séde principal no estomago, nem no baço, nem n'outra parte do corpo; resultam essencialmente d'uma disposição doentia dos espiritos nervosos cuja desordem e precipitação alteram todas as partes do organismo».

Foi com esta vaga feição *vaporosa*, com este phantastico tom espiritualista, que tiveram inicio as modernas e positivas *theorias nervosas* sobre a pathogenia das desordens neurasthenicas.

Pouco tempo depois, Viridet notou que «os trabalhos intellectuaes, fortes e prolongados, subtilisam muito os espiritos, como se vê nos estudantes extremamente applicados, nos grandes sabios e nos ministros de estado, os quaes, após os seus violentos esforços, cahem n'um grande abatimento que os obriga a uma demorada inacção, e os sugeita aos vapores. Produzem identico estado os desgostos violentos e repetidos, aquecendo e agitando e sangue, volatilizando os acidos» — «e fazendo-os penetrar nos nervos.»

A neurasthenia tinha, pois, em 1726, o nome nephe-libata de *vapores*...

Com relação á pathogenia rudimentarmente esboçada por Viridet é util e honesto mencionar que uma moderna theoria de Vigouroux, e outra minha, as quaes serão miudamente razoadas n'outra parte do presente trabalho, filiam a neurasthenia na auto-intoxicação do systema nervoso pór um acido...

Os *vapores*, segundo Cheyne, manifestavam-se por «abatimento, desanimo, dilatação do estomago, azia, perturbações do ouvido, anorexia, agitação, anciedade, inquietação, melancolia, tristeza, inconstancia, insomnia...», eram *the first symptoms of all chronic nervous diseases*, atacavam as pessoas de systema nervoso congenitamente ou adquiridamente enfraquecido, e constituíam um syndroma clinico que o citado medico denominou, como inglez de boa raça, *The English malady*.

Ora é interessante lembrar que a doença assim descrita, em 1733, era indubitavelmente a mesma que, 147 annos depois, o norte-americano Beard descreveria, tambem como bom yankee, sob o nome de *American malady* ou neurasthenia...

Em 1741, Flemyng, n'um livro de feitura original e exquisita, publicado em Amsterdam, escorçou — em verso — certas desordens nervosas, menos doentamente decerto, e mais originalmente talvez, do que os srs. Zola, Tolstoï, e outros, andam fazendo — em prosa.

N'este gracioso *poema medicum*, a palavra *neuropathia*, que era então um neologismo, pretende synthetisar uma extranha nevrose nova que parece a neurasthenia...

Raulin, em 1758, ao passo que retrogradou nosographicamente dando a todas as perturbações nervosas

o nome geral e vago de vapores, teve a percepção clara e progressiva da hysteria masculina. «Se os medicos que outr'ora acreditavam na origem uterina dos vapores vivessem entre nós, veriam, surprezados, muitos homens vaporosos com as sensações de bola identicas ás que as mulheres sentem no baixo-ventre». . . Ha homens que estão sujeitos a todos os symptomas dos vapores». Este antigo e tão raramente citado pathologista, foi pois, pelo menos no que toca á hysteria do macho, um precursor notavel do bem moderno e muito celebre Mr. Charcot. . .

Em 1759, Ponticelli — percebendo bem a necessidade d'uma differenceação clinica e nosographica das nevroses — tratou, mas indecisamente, *di tre specie di affezioni isterica ed ipochondriaca*; e Whytt, mais claro e positivo, dividiu, em 1765, os neuropathas, em hypochondriacos, hystericos e *nervosos*, traçando, ao estudar os ultimos, um quadro symptomatico, perfeito e completo, da neurasthenia. Estava, pois, clinicamente destrinchada esta doença; apenas lhe faltava um nome proprio. E muitos nomes foram apparecendo. . .

Louyer-Villermay chamou-lhe, em 1802, *hystericismo*; Dupau denominou-a *erethismo nervoso*, em 1819; Brown descreveu-lhe, em 1829, uma interessante modalidade clinica, sob a designação de *irritation of spinal nerves*; Gintrac capitulou-a de *hyperexcitação nervosa*, em 1845, e, finalmente, Reinbold, no mesmo anno, deu-lhe o nome de *Nervenschwäche* (neurasthenia).

Foi, portanto, na Allemanha, contrariamente ao que em geral se pensa, que esta doença recebeu a moderna etiqueta nosologica. Na França, na Inglaterra e na Italia, ella continuou a ser a *nevrose proteiforme* de Cerise, a *nevrospasmia* de Brachet, a *nevrose por exgottamento* de Monneret, a *cachexia nervosa* de Sandras, o *nervo-*

sismo de Bouchut, a *nervous exhaustion* de Campbell, o *stato nervoso* de Venturoli, até que, em 1880, Beard publicou, em New-York, o seu notavel livro — *A practical treatise on Nervous exhaustion (neurasthenia)*. . . — que deu a lei no assumpto, e é ainda, no elegante e exacto dizer de Mathieu, «a biblia da neurasthenia».

De facto, nem a celebre e muito citada monographia de Weir Mitchell, nem os recentes e muito lidos trabalhos de Charcot, de Bouveret, de Levillain, de Mathieu, de Boissier, de V. Borel e de Dallemagne sobre a grande *doença de Beard*, encerram, a bem dizer, novidades de valor notavel.

*

* * *

Engalfinham-se fortemente as theorias actuaes que pretendem explicar o mecanismo pathogenico da neurasthenia. Ao passo que, sobre a symptomatologia d'este morbo, um certo accordo pratico reina já entre os clinicos, uma balburdia rija, no que respeita á natureza do mesmo, lavra ainda entre os pathologistas.

Ora esta desharmonia theorica — que aos zoilos lorpas erradamente se affigura uma prova do completo erro de alguns ou de todos os theoristas — é, na verdade, a causa principal do atrazado e, por vezes, perigoso empirismo therapeutico que vigora ainda no tratamento da neurasthenia, e do descaroavel e irritante desdem — adubado por commentarios ridiculamente *sabios* ou incipientemente *ironicos* — com que certos obesos conselheiros e burguezes menos lidos que ricos e plethoricos, e alguns esgrouviados litteratos e artistas menos talentosos que dessorados e famelicos, consideram, em geral, os neurasthenicos. . .

* * *

Para Beard — cuja opinião tem durado vivazmente — o mal neurasthenico é a expressão d'uma fadiga intensa, d'uma exagerada sensibilidade pervertida, d'uma fraqueza persistente, d'uma generalisada irritabilidade excessiva, e d'um desequilibrio nutritivo-funcional, do systema nervoso...

Ora esta theoria — que é mais um arguto resumo de symptomas do que uma real explicação de causas — parece-me, pelo menos, deficiente...

Qual é a natureza das lesões — de estructura e de funcção — d'um systema nervoso hyposthenico-irritavel, e quaes são os agentes e o mecanismo pathogenicos d'essas lesões? . .

* * *

Segundo Glénard — a cuja theoria se abordoam ainda alguns pathologistas — a neurasthenia deriva da enteroptose, gastropptose, hepatoptose, nephroptose e spleno-ptose, isto é — n'uma só palavra não menos reveza que as anteriores — d'uma geral *splanchnoptose* abdominal...

O prolapso dos órgãos abdominaes seria, pois, a causa do exgotamento nervoso...

Para invalidar por completo este modo de ver basta lembrar que numerosos neurasthenicos não apresentam *splanchnoptose* — rara mesmo nos cerebrasthenicos — e que muitos *splanchnoptosicos* não tem neurasthenia...

As alterações descriptas por Glénard — nomeadamente as do apparelho gastro-intestinal — são apenas, no entender de Beard, de Charcot, e d'outros, um dos grandes symptomas, um dos *estygmas*, da neurasthenia.

E que a *splanchnoptose* fosse, por condescendente

hypothese momentanea, uma causa em vez de um effeito, seria mister explicar — coisa que Glénard não fez — de que maneira certas perturbações do abomen produziam determinadas desordens do encephalo. . sim. . . qual era a relação famosamente extravagante que ligava, supponhamos, o abaixamento do baço á hypomnesia, a deslocação de um rin á gymnophobia, etc., etc. . .

A doutrina das *ploses*, valiosa como symptomatologia, é, portanto, cemo pathogenia, inferior á de Galeno. . .

Nem merece o nome de theoria; é um paralogismo rombo. . .

Affirmar, em pathologia que uma depressão de visceras é a rasão de ser da hyposthenia nervosa, equivale, parece-me, a dizer, em balística, que a projecção das balas é a causa — da deflagração da pólvora. . .

Glénard, vendo o motivo n'um dos resultados, faz lembrar o truanaz morgado montesino — tão humoristicamente estudado por um grande escriptor da nossa terra — que attribuia o movimento de um navio a vapor — ao fumo da machina. . .

* * *

Na opinião de Bouchard, — que é, ainda, a da maioria dos clinicos — uma gastrectasia inicial, hereditaria ou adquirida e persistente; a consequente estagnação de liquidos complexos no estomago; as fermentações erradas, decorrentes da estase e da atonia gastricas, e favorecidas por uma concomitante hypochloridria; a formação, n'este viciado chimismo estomacal, de toxinas soluveis; a absorpção, intensa e prolongada, d'estes productos; e, finalmente, a auto-intoxicação geral do organismo — são a causa e a maneira pathogenicas da neurasthenia. . .

É um dever, e um prazer, registrar o alto valor

clinico dos trabalhos de Bouchard a respeito das auto-infecções de origem gastrica; mas, no tocante á theoria — deveras engenhosa e empolgante — que procedentemente resumi, é tambem um dever, e uma pena, infirmal-a com esta affirmação — repisada e já banal, mas valiosa e sempre inabalavel porque se funda na clinica e na experimentação — : a neurasthenia dá gastricidade, mas a gastricidade não produz a neurasthenia. Demais, nem todos os neurasthericos são gastricos, e raramente os gastricos são neurasthenicos.

Quer isto dizer que as desordens gastricas não teem accção pathogenica sobre o systema nervoso? Não. É bem de ver que as auto-intoxicacões de origem dyspeptica — engendrando, coisa que parece incontestavel, perturbações geraes no organismo — produzem estados neuropathicos; mas, e é este o ponto nodal da questão, constituem esses estados — tão diversos e tão variaveis segundo a feição clinica da gastricidade que os produz, e a natureza chimica dos ingestos á custa de que são produzidos, — a verdadeira neurasthenia? Tambem não. Admittida a hypothese de Bouchard, o mal de Beard não seria, decerto, uma entidade morbida definida; não passaria d'um syndroma — filiado n'outro. . .

Ora ver-se-ha, n'outra parte d'este livro afim de evitar repetições, que a neurasthenia — é independente da gastricidade, tem um mecanismo pathogenico invariavel, e é sempre produzida pelos mesmos agentes.

A cuidadosa demonstração, que farei, d'estes assertos será a minha respeitosa refutação da theoria do mestre.

* * *

N'um pequeno livro recente — tão recente que não adquiriu ainda, segundo creio, todas as adhesões que merece — diz-nos Vigouroux que a urina das neurasthenicas é — *hyperacide avec diminution des produits*

excrémentiels normaux, et augmentation ou presence anormale des produits d'oxydation incomplète.

Esta afirmação, baseada em numerosos exames urológicos sabiamente feitos á maneira de Gautrelet, tem vasto alcance theorico e clinico. O neurasthenico é, pois, além d'um *ralenti de la nutrition*, um *hyperacido* cujo tom chimico deriva principalmente — como se vê pelas graphics urológicas apresentadas por Vigouroux — do acido lactico. D'aqui uma pathogenia, uma prophylaxia, uma therapeutica e uma dieta.

Mas este auctor, que tem uma notavel lucidez nas investigações praticas, é lamentavelmente confuso nas concepções theoricas; chama *arthriticos* aos *neurasthenicos*, e *herpeticos* a uns e outros — por serem, todos, *hyperacidos*!

Ora a singela verdade — manante dos proprios estudos de Vigouroux — é que a hyperacidez do organismo constitue um caracter chimico commum aos tres grandes biovicios — nosographicamente e clinicamente diversos — denominados: arthritismo, neurasthenia e herpetismo; mais nada.

Tambem outro facto morbido — o alcoolismo — provoca *cirrroses* hepaticas, o *delirium tremens*, *paralysias*, etc., e, todavia, ninguem chama cirrhotico a um delirante, nem paraplegico a um cirrhotico.

PHYLOGENIA DO TECIDO NERVOSO. AS INCOMPLETAS THEORIAS EXCLUSIVAS. AS ESPECIALISAÇÕES NERVOSAS SÃO PERIPHERICAS E CENTRAES. TODAS AS ACCÕES NEURICAS DESCENDEM DA «IRRITABILIDADE» DO PROTOPLASMA COMO TODOS OS ORGÃOS NERVOSOS DERIVAM DA «ECTODERME» DA GASTRULA. IMPERFEIÇÕES NEUROPHYSIOLOGICAS DO HOMEM ACTUAL, E HYPOTHESES SOBRE APERFEIÇOAMENTOS FUTUROS. O NERVO GUSTATIVO DE BENTO DE SOUSA. «PREVISÕES» SCIENTIFICAS DEVIDAS A GÆTHE, A DANTE E A SHAKESPEARE. OS «ARTHROPODOS» E A «ASCIDIA»; O «AMPHYOXUS» E OS «CYCLOSTOMOS». CONSCIENCIA E AUTOMATISMO; EDUCAÇÃO E MEMORIA. MEDULLA E CEREBRO; ELLA FOI CONSCIENTE NO PASSADO; ELLE SERÁ AUTOMATICO NO FUTURO. A PACIFICAÇÃO DA TERRA PELAS ESPECIALISAÇÕES DA FORÇA. OS «PHALLUSIA» ANTIGOS E OS REIS ACTUAES; OS «BDELLOSTOMA» E O SENHOR DE BISMARCK. O «PROTOMYZON MARINUS» DA EDADE PALEOLITHICA; O «LABYRINTHODON» DA EDADE MESOLITHICA; O «ELEPHAS ANTICUS» DA EDADE CENOLITHICA; E O «HOMO SAPIENS» DA ERA DE CHRISTO. . . PROGRESSO, APERFEIÇOAMENTO E SUPERIORIDADE; SENSIBILIDADE, CONSCIENCIA E MEMORIA. CRITERIO A RESPEITO DA VIDA E DA MORTE, DO GOZO E DA DOR. «NIRVANA», «TEDIUM VICTÆ» E «MAL DE VIVER». OS NEURASTHENICOS.

O tecido nervoso, phylogenticamente considerado, é, como se sabe, a descendencia especialisada de algumas remotas cellulas *morulares*.

Na *irritabilidadc* d'estes hesitantes elementos anatomicos havia, pois, latentemente, potencialmente, futuras energias especificas.

As diversas actividades d'um systema nervoso — pois que teem a mesma origem — representam, assim, verdadeiras especialisações da mesma qualidade primordial do protoplasma.

Operações psychicas, trabalhos sensitivos e energias motoras d'um myelencephalo actual são, portanto, puros *modos*—inherentes a finas modificações estruturo-funcionaes desenvolvidas pela adaptação e transmittidas pela hereditariedade—do mesmo phenomeno inicial.

Qual é o determinismo d'estas modificações?

Para alguns physiologistas a heterogeneidade dos actos nervosos depende da diversidade das acções que o mundo externo exerce no animal, e da adaptação dos órgãos nervosos terminaes á receptividade para essas acções. A especificidade d'uma energia nervosa não está, pois, no encephalo; reside nas sensibilidades periphericas e no meio cosmico ambiente.

Para outros as especialisações neuro-physiologicas pertencem ao myelencephalo; n'elle, e só n'elle, existem verdadeiras *localisações funcionaes*.

Ambas as theorias se me afiguram demasiadamente exclusivas.

A primeira auctorisa a concluir que qualquer cellula cerebral poderá indifferentemente entrar n'um trabalho visual ou auditivo, etc., ou, se estiver relacionada com órgãos periphericos de sensibilidades diversas, realizar simultaneamente uma pluralidade de actos differentes—o que é sabidamente falso.

Pela segunda pode suppor-se que uma determinada região encephalica executará, tambem indifferentemente, sempre a mesma e bem a mesma especie de actividade sob a acção de qualquer dos agentes cosmicos transmitida atravez de qualquer dos órgãos dos sentidos—o que é evidentemente erroneo.

Conduzem a falsidades d'este tamanho as teimosas theorias incompletas...

Opino que as especialisações nervosas são periphericas e centraes. E digo porquê:

A sensibilidade peripherica — phylogeticamente anterior á formação do myelencephalo, pois sabe-se que

este é a posteridade d'algumas *irritáveis* cellulas *ectodermicas* da *gastrula* — parcellou-se, por adaptação, em diferentes modos sensitivos que, hesitantes a principio, se foram depois convertendo, pela insistencia no mesmo acto dominante, em outras tantas especificidades progressivamente accentuadas.

Ao serviço de cada uma d'esses modos especiaes havia, e ha, um grupo especial de cellulas. E cada uma d'essas especies cellulares era, e é, oscillando em interessantes evoluções e regressões phylogenticas, um dos órgãos dos sentidos do homem actual. . .

Profundas e finas modificações de forma e de estructura acompanhavam e tornavam possiveis as differenças de receptividade e de funcção. O olho especialisava-se pela e para a luz, o nariz pelos e para os aromas, etc., tanto na composição como na operação, assim na estatica como na dynamicã. O que, outr'ora, era ectoderme gastrular é hoje retina ou pituitaria como o que, d'antes, foi irritabilidade está sendo visão ou olfacção.

O meio ambiente, actuando na Materia por meio de variadas formas de energia, estruturou, especialisou e educou, primordialmente, a periphèria sensitiva do ser vivo. A ectoderme, com as suas faculdades de genese, de adaptação e de apuramento, gerou, modificou, e desenvolveu, por sua vez, o myelencephalo.

Ora é rigorosamente logico concluir que a descendencia de órgãos progressivamente diversos na composição e na funcção, tenha regiões perfectivelmente diferentes na estatica e na dynamicã.

D'aqui a noção theorica das «localisações» myelencephalicas.

E a neurophysiologia experimental corrobora — ainda que imperfeitamente — esta noção.

São hoje bem incontestaveis as especialisações de funcção; falta conhecer bem as especialidades de estructura.

Sabe-se distinguir, já, n'uma medulla, a cellula sensitiva da cellula motora; não se pode differençar, ainda, no cerebro, um elemento *visual* d'um elemento *auditivo*, etc. . . .

Será porque a especialisação motora, que é, chronologicamente, uma das primeiras, — adquiriu, com o tempo, caracteres estructuraes mais accentuados? Talvez.

A motilidade impoz-se, como necessidade vital iniludivel, aos primeiros animaes; foi, talvez, a primogenita da irritabilidade do protoplasma. As sensibilidades especiaes são luxos physiologicos relativamente *modernos*; são os *enfants-gatés* da plasticidade da Materia. . .

Mas quando o microscopio enfraquece e a histochemica hesita — o raciocinio continua. . .

Estuda-se o cerebro com o cerebro. . .

E vê-se que a plasticidade do folheto gastrular externo — gerando o myelencephalo, centralisando-o, defendendo-o maternalmente das rudezas cosmicas, collocando-o amorosamente a bom recato, acalentando-o carinhosamente com uma temperarura constante, nutrindo-o fidalgamente com subtilezas de vascularisação e de hydraulica, educando-o pacientemente com impressões mais e mais differençadas, lhe preparava altos destinos. . .

Destinava-o, de facto, á perfectivel polyreceptividade, á progressiva cerebração, e, *no fim*, ao *perfeito automatismo*. . .

E todo este poetico trabalho grandioso da Natureza — lentamente realizado atravez das edades e pacientemente ensaiado em todos os seres vivos (ora animadoramente evolutivos, ora teimosamente estacionarios, ora invencivelmente regressivos, segundo as suas posses de plasticidade) — terminará no homem actual?

Apraz-me fazer esta pergunta grave aos ronceiros sabios optimistas que consideram o *homo sapiens* de

Linneu uma machina *perfeita*, e aos azedos pessimistas, tambem sabios, que filiam a decadencia d'alguns actuaes grupos de bipedes na excessiva *complicação physiologica*!

Lembro, modestamente, a uns e a outros, que o homem — de ha muito tempo possuidor de receptividades especiaes para as impressões luminosas, para as acusticas, para as gustativas, (1) etc. — não tem, ainda, sensibilidade definitivamente especifica para uma das fórmas da energia cosmica — a electricidade; facto que traduz, sem duvida, uma *imperfeição* nervosa...

Posso até admitir que muitas forças naturaes — possivelmente perceptíveis em futuras afinações nervosas — existem desconhecidas porque nos faltam orgãos para ellas...

«Teem um sexto sentido», dizem, dos individuos extraordinariamente perceptivos, alguns litteratos de fina cerebração.

Esta maneira elegante de caracterisar sensibilidades excepçionaes é, pelo menos, interessante e faz pensar... O que, na actualidade, é um exagero litterario, pode muito bem ser, no futuro, uma verdade physiologica.

Não é prudente zombar da *previsão* dos poetas; deve-lhe muito a sciencia.

Gœthe conjecturou a phylogenia dos ossos cephal-

(1) Vem de molde registrar, aqui, que a existencia e a situação d'um *par nervoso especializado para a gustação* foram theorica-mente estabelecidas, ha annos, pelo professor Manuel Bento de Sousa, e anatomicamente demonstradas, em parte, pelo professor Carlos Tavares. Trabalhos posteriores, realisadas na America do Norte, sancionaram experimentalmente a valiosa descoberta portugueza.

O notavel anatomista e professor Serrano propoz — com evidente justiça — que este *par craneano* seja denominado — o *nervo gustativo de Bento de Sousa*.

cos, Dante teve intuições astronomicas, Shakespeare *adivinhou* o transformismo . . .

No tocante á ousada hypothese extranha — rica de grandes problemas sociaes — sobre o futuro *automatismo cerebral*, direi rapidamente o que supponho:

Sabe-se que a medulla é, phylogeneticamente, muito mais antiga que o cerebro.

Quando a *ascidia* e o *amphioxus* ancestraes tiveram, na morosa evolução dos seres vivos, o seu momento de supremacia neurophysiologica, deveram-o á medulla — que a Natureza formara, então, pela primeira vez, e que era o orgão nervoso mais complexo, o systema sensitivo-motor mais selecto, d'essa idade.

Foi muito mais tarde — e quando a medulla estava definitivamente organisada na serie animal — que o cerebro teve inicio, nos velhos *cyclóstomos*, modestinhamente, como a titulo de ensaio, sob rudimentar e timida forma vesicular, mendigo de funcção, avido de *memoria* . . .

Desde então elle organisa-se, desenvolve-se, especialisa-se, lentamente, por hypertrophia e por variedade dinamica, n'uma das extremidades myelicas, como a medulla se organisou, se desenvolveu, se especializou, e se *automatisou*, pela fusão e pela harmonia funcional entre dispersos ganglios nervosos dos antigos *arthropodos*, e pela educação.

Mas por que razões o systema nervoso — que foi sempre, desde o primeiro protozoario até ao ultimo acraneano, *mais ou menos consciente*, como se vê nos actuaes representantes dos extinctos animaes antigos, — se tornou funcionalmente *automatico de todo* ao definir-se morphologicamente em medulla e nervos rachidianos ?

Porque (parece-me) assim como, no principio, a consciencia foi augmentando (como inadiavel factor da edu-

cação) com a evolução plastico-funcional do tecido nervoso, foi, depois, diminuindo (como velha inutilidade de função) com o aperfeiçoamento estatico-dynamico da memoria...

E porque houve um momento, na phylogenia da medulla e dos nervos rachidianos, em que a *plasticidade* foi vencida pela *memoria*, — a substancia nervosa (farta de repetir, em todos os graus de energia util, sempre os mesmos actos; bem sciente no graduar as reacções ás impressões dolorosas, thermicas e tactis, no proporcionar os movimentos, no regular a vida, no realisar — emfim — o acto reflexo) não teve, sob aquelle programma evolutivo, novidades para apprender, e tornou-se (em virtude da definitiva organização do seu plano morphologico, e da saturação de aprendizagem do que lhe era funcionalmente possivel) sabiamente automatica...

Para que a serie viva percebesse mais alguma coisa do mundo, para que ella acompanhasse a evolução geologica, era mister que a Natureza refizesse a medulla — transtornando uma machina de perfeito automatismo — ou engendrasse novo orgão *consciente* e, por isso, *perfectivel*...

Appareceu, então, o cerebro na serie animal. Os craneanos iam relacionar-se, pelos orgãos dos sentidos, com formas novas da Energia do mundo externo...

— Formas *novas* para os animaes e, talvez, tambem, para a Terra, pois parece-me logico que a Força se tenha ido lentamente parcellando, atravez das edades geologicas, em especialisações possivelmente incompativeis com os primitivos e brutos ardores geratrizes, e, por isso, tanto mais numerosas e perfeitas quanto mais se accentua a *pacificação terrestre* que é, simultaneamente, um resultado d'essas especialisações, e um ensejo para a multiplicação e destrinça d'ellas...

O que, inicialmente, era, porventura, *Calorico*, deu de si, talvez, depois, *luz*, *som*, *electricidade*, *vida*, etc.,

e dará, pode ser, no futuro, outros phenomenos interessantes...

Qualquer d'aquellas *energias* se converte em qualquer das outras, e todas se equivalem em calor; são, portanto, *modos* do mesmo facto physico...

Ora se os antigos viventes acerebrados não tinham órgãos para a luz, nem para o som, etc., era, possivelmente, porque a rude atmospheria chaotica de então não permittia a propagação das ondas luminosas nem a das ondas sonoras...

Mas tinham a sensibilidade thermica — já a gastrula a possuia — porque existia o calor...

Sabe-se, mais, que a medulla é, desde a idade archeolithica, um órgão anatomicamente e physiologicamente perfeito. Tem os seus diversos fasciculos nitidamente definidos, e os seus elementos anatomicos definitivamente dispostos, tanto na externa substancia branca como na cinzenta parte interna. Existiu e trabalhou em todos os animaes, desde os mais singelos protovertebrados ancestraes até aos mais complexos mammiferos modernos, desde os frageis *Phallusia* de outras eras até aos resistentes reis actuaes, sem alterar, a bem dizer, a sua maneira estatica e dinamica de ser. E' um modelo de Ordem. Dá a impressão do Definitivo.

O cerebro, ao contrario, é estructuralmente e funcionalmente confuso. Tem as suas diferentes regiões obscuramente delimitadas, e as suas cellulas e fibras provisoriamente dispostas e enleadas, mais na cortical substancia cinzenta — que é a mais evolutiva, a mais moderna, e a mais *consciente* — do que na branca massa interna — que é quasi definitiva, consideravelmente antiga e, já, relativamente automatica.

Tem-se desenvolvido em todos os seres vivos, desde os broncos peixes antigos até aos abelhudos allemães actuaes, desde os chupistas *Bdellostoma* pulverisados

até ao galliaphago senhor de Bismarck em osso e carne, e em todos se complicou, pouco ou muito, na architectura e na actividade.

Conjecturo — que um esguio *Protomyzon marinus*, da idade paleolithica, tinha um reles cerebro vesicular com funcções ultra-mesquinhas; que o gigantesco *Labyrinthodon*, da idade mesolithica, possuia um rude encephalo esguio com brutaes energias de audição e de olfacção; e que o respeitavel *Elephas anticus*, da idade cenolithica, era servido por uma cerebração pouco escandalosamente inferior á de um ou outro *homo sapiens* da era de Christo...

A ontogenia — que é, como de ha muito se sabe, uma valiosa miniatura da phylogenia — corrobora, tambem, estas generalidades.

O cerebro é, pois, na serie animal, um orgão imperfeito, hesitante, em ensaios, sobretudo no que toca á sua peripheria.

Ahi, elle é o symbolo vivo da Inconstancia, o prototypo exacto do Transitorio... a cada passo *muda de casa*...

Constitue a maior riqueza e a maior infelicidade dos verterbrados.

Representa a grande superioridade e a grande tortura do homem.

Progride porque lucha, aperfeiçoa-se porque repete, superiorisa-se porque soffre... Ora o progresso é uma longa via dolorosa, o aperfeiçoamento uma dura batalha interminada, a superioridade uma crua victoria torturante.

A educação conduz ao automatismo, mas esfalfa.

A consciencia é luz na educação, mas queima.

E tudo isto se está passando no homem. Todos os nossos actos são tanto menos imperfeitos e custosos, quanto mais se approximam da inconsciencia, quanto mais se afinam no automatismo. Listz e Vianna da Motta, Rubeinstein e José Vieira, guindaram-se a gran-

des pianistas por serem superiormente automaticos. O processo consciente, essencialmente lento e hesitante, não permite movimentos nem tão rapidos nem tão justos como os d'um concertista. Morosos e falhos emquanto se educam conscientemente, rapidos e perfeitos logo que executam automaticamente—taes são os pianistas. Completamente automaticos? Não.

Mas tanto mais exactos e seguros quanto mais ampla é a sua faculdade de registrar, de organizar, nos centros nervosos, o mecanismo de longas series de actos medidos, concatenados, justos, e de exteriorisal-os com menor intensidade de consciencia.

E acontece com a labuta psychica o mesmo que se dá com o trabalho muscular.

Quando Cuvier, ao ver um osso, reconstruia e classificava, de prompto, mentalmente, o verterbrado a que o osso pertencera, realisava, evidentemente, um largo trabalho cerebral—em grande parte automatico, possibilitado por uma longa e profunda educação de zoologo.

Quando o professor Gomes Teixeira faz descobertas nas mathematicas—*sabe e acceita* instantaneamente, *automaticamente*, não só coisas muito elementares que todos sabem—taes como « $9^2 = 81$ », «*a somma dos angulos d'um triangulo = a dois angulos rectos*», « $(a + b)^2 = a^2 + 2ab + b^2$ », etc.—, mas tambem outras verdadeiras mais complexas (e por elle *fixadas*) que constituem, para os lentos ou fracos n'aquella especial gymnastica mental, verdadeiros problemas cuja resolução *consciente* é, sempre, morosa e fatigante, e, frequentemente, difficil ou impossivel.

Conheço alguém que, para servir-se d'um dictionario, carece, muitas vezes, de recordar automaticamente o alphabeto—por antiga educação impresso e ordenado no cerebro—porque não sabe, conscientemente, se, por exemplo, o L, na ordem convencionada para as letras, está depois ou antes do H.

Seria facil ampliar esta exemplificação comesinha, mas afiguram-se-me sufficientemente esboçadas as razões porque me concedo a recapitulação seguinte:

— Na serie animal a medulla está, de ha muito, definitivamente organisada; o cerebro não tem, ainda, organização definitiva.

A medulla é uma conquista perfeita da Plasticidade; o cerebro é uma tentativa grandiosa da Natureza.

A medulla foi consciente, mas é e será automatica; o cerebro foi e é consciente, mas chegará ao automatismo.

Que é, pois, a consciencia?

E' uma maneira infantil e decrescente das sensibilidades neuricas, necessaria para a conquista da educação; é um estado inferior e transitorio das receptividades nervosas, indispensavel para a obtenção do automatismo; é um protectivo *dynamometro* organico, inherente á substancia nervosa que aprende...

E como aprende o cerebro?

E' *avisado* e *sente* por intervenção das sensibilidades; *mede* e *compara* por acção da consciencia; *desenvolve* e *aperfeiçoa* graças á repetição; *fixa* e *automatiza* por meio da memoria. E é «intelligente» porque tem memoria, porque repete, porque tem consciencia, e porque sente...

Que os senhores sociologos tirem as justas conclusões sociaes, e os senhores governantes façam as uteis applicações praticas, e os senhores artistas criem as sensientes formas emocionaes — d'isso que, ahi, fica escripto, em leve e facil tom schematico, sobre o passado, o presente e o porvir do myelencephalo humano...

Estou em crêr que de tal o resultado logico será uma poderosa e geral tonificação psychica, uma grande e boa obra consoladora e forte ao menos como Orientação e Criterio. Digam, afinal, ao homem, n'uma honesta exa-

cidadão sincera, o que é o homem, d'onde vem, onde está, para onde vae. Focalisem, enfim, n'uma apurada firmeza luminosa, a verdade ácerca da Vida e da Morte, do Gozo e da Dor! Que bem carecidos andamos do Verdadeiro a respeito d'estas grandes coisas graves que, por incompreendidas e inexplicadas, vêm, de ha muito, a inquietar-nos, a illudir-nos, a fatigar-nos, a endoidecer-nos.

Demonstrem, de vez, que a Vida é, como a luz, uma das expressões do Genesismo cosmico; que a Morte significa, como a Vida, uma das exigencias do Aperfeiçoamento; que o Gozo representa, como vigoroso agente selectivo, o criterio sensorial para escolher o Bem; e que a Dor exprime, como valioso aviso protector, o meio physiologico de perceber o Mal.

Affirmem ao homem que elle tem errado muito e tem de apprender muito, porque sabe pouco e tem vivido pouco.

As velhas civilisações orientaes (em que a gente pensa com infantil assombro), e as modernas civilisações europeas (de que a gente fala com pueril vaidade), foram e são meras tentativas hesitantes, ridiculas ás vezes, ás vezes desastrosas, d'um órgão ignorante que, por incauto e impratico, leva a vida em desacertos. O cerebro humano está *novo*, é o mimoso filho ultimo da plasticidade nervosa...

Hade sensatisar-se com o tempo...

Supportemol-o com paciencia e comprehensão, pois promete melhorar morosamente...

Indianos, egypcios, gregos e romanos antigos, viveram quasi a mesma vida que allemães, inglezes, francezes e italianos modernos; assim o diz a vaidosamente denominada *Historia universal*... Nem lhe iria bem o dizer coisa differente porque ella conhece, e mal, apenas *um momento* do interessante labutar humano — relativamente á vida inteira da nossa buliçosa especie.

As laboriosas creações definitivas da Natureza seleccionam-se vagarosamente.

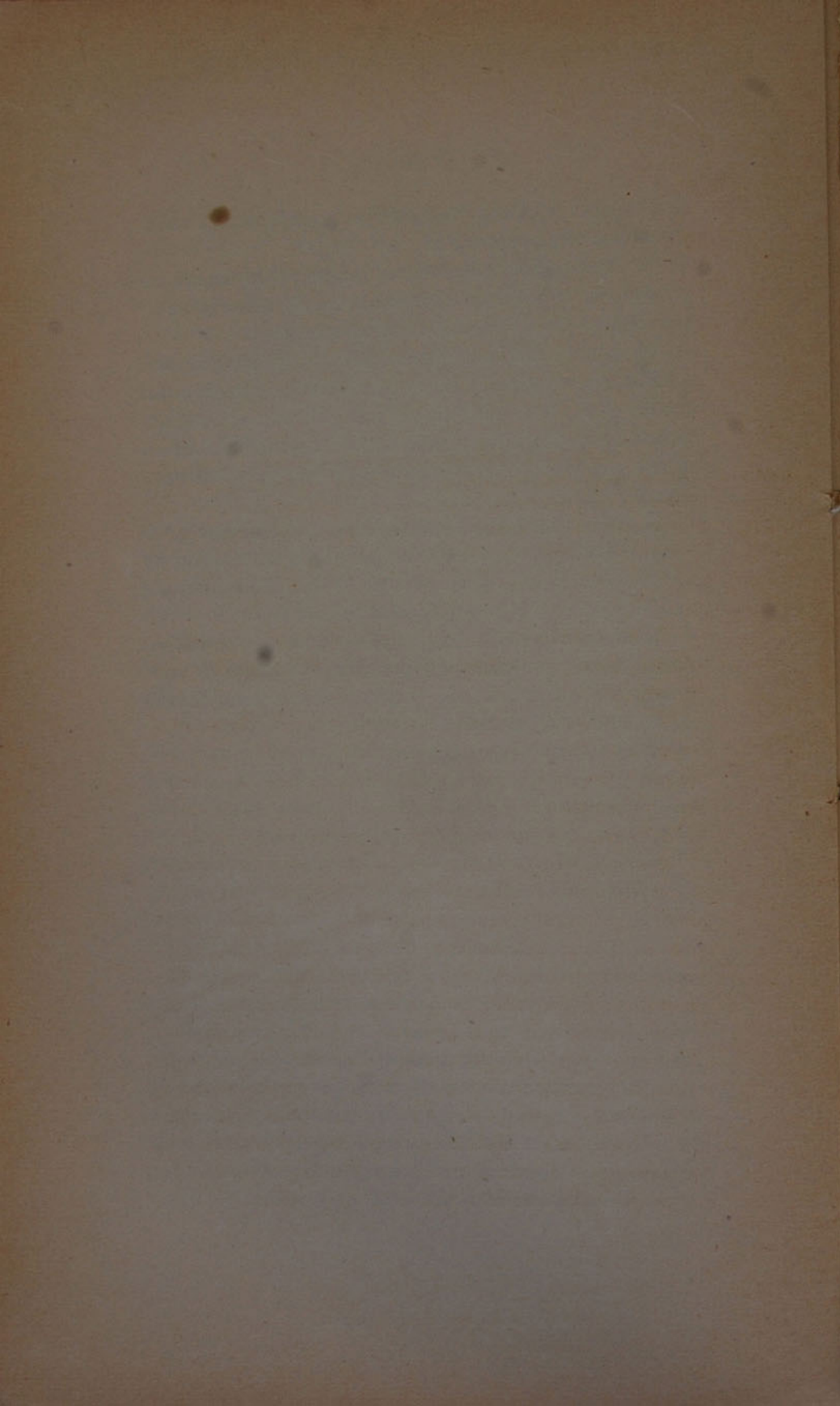
A Humanidade tem, ainda, muito da crueldade insciente, da curiosidade destruidora, e da temeridade irreflectida — do infante. Está *inexperiente*...

O contemplativo *nirvana* indiano, o sorumbatico *tedium victæ* latino, o azedo *mal de viver* actual, constituem, pois, uma morbida precocidade encephalica, accidental e passageira, que teria, até, um nadinha de ridicula se a doença não fôsse um facto biochimico sempre serio.

A parte verdadeiramente selecta, e seleccionavel, da especie humana vae sempre em progredimento, sente-se feliz e é alegre; — tem a forte sensualidade justa da saude, possui o alto gozo nobre da força...

Sómente d'aquelle triste morbo adoecem os individuos, ou os grupos, que, por lida excedente ás suas posses de adaptabilidade nervosa, desalentam, param ou recuam — *fatigados*...

Taes são os neurasthenicos.



«FACIES» DO NEURASTHENICO. GASTRICIDADE, CEPHALÉA, MAU-DORMIR, HYPOGENESISMO, RACHIALGIA, COCCYDINIA, HYPOMYOSTHENIA, HYPOMENTALIDADE, VERTIGENS, PERVERSÕES DAS SENSIBILIDADES, VENTRE, FIGADO, CIRCULAÇÃO, RESPIRAÇÃO, TEMPERATURA, CHIMISMO GASTRICO, E URINA — D'AQUELLE NEUROPATHA.

O neurasthenico tem, em regra, de vinte a quarenta annos; raras vezes menos de quinze; por excepção mais de sessenta.

E', em geral, moroso, hesitante e fraco. Apresenta attitude molle e ascetica, gesto lento e debil, cabellos seccos e revoltos, canicie e calvie precoces. A expressão physionomica é um interessante misto impressivo — de tristeza, desanimo, inquietação, suspeita e medo...

As palpebras superiores estão, muitas vezes, lividas; e as inferiores, algumas vezes, livido-azuladas. O olhar é pasmado, vago, pusillanime. As pupillas mostram-se, em grande maioria de casos, dilatadas, raramente contrahidas, excepcionalmente desiguaes. A pelle, de ordinario friorenta, pallida e secca, apresenta facilmente — durante e após qualquer trabalho muscular ou psychico — fugaz hyperthermia, leve rubor e abundante suor. A hyperhidrose, quasi sempre generalisada, é sempre mais copiosa nas mãos e pés, mais n'aquellas que n'estes, mais nas faces palmares e plantares que nas dorsaes. A voz é fraca, vacillante, exhausta. As unhas são extremamente seccas e quebradiças.

Os dentes apresentam-se precocemente arruinados. (1)

Tal é o *facies* — dando a esta palavra o seu largo sentido latino — que, por inspecção rápida e facil, se nota n'um neurasthenico.

* * *

Interrogado, o supradito neuropatha começa, em regra, por expor, minuciosamente (2), interminavelmente, n'uma monotona parlada lamentosa, os seus padecimentos de estomago: Julga-se, de ordinario, irremediavelmente *dyspeptico*, definitivamente incuravel...

Após as refeições — em geral diminuidas, normaes em alguns casos, por excepção augmentadas em alguns doentes — o neurasthenico sente-se opprimido, pesado, abatido, inutilisado. Incha-lhe o estomago. E' -lhe penoso o respirar. Tem, ordinariamente, eructações, e, muitas vezes, pyrosis.

Sente, frequentemente, nauseas, e, algumas vezes, vertigens. Raramente chega a vomitar; mas, se vomita, padece menos. Difficilmente pode andar; mas, se anda,

(1) Beard, com o seu estranho feitio humorístico de Yankee, escreve que — «a ruina precoce dos dentes é um resultado da civilização; nos individuos enfranquecidos e gastos os dentes raras vezes são bons, e devem a sua existencia á pericia dos dentistas modernos. Os dentistas são os barometros da civilização; a sua fama e as suas prosperidades representam um dos factos mais instructivos da sociologia moderna. Os dentistas americanos são os melhores do mundo porque os dentes americanos são os peores do mundo.»

(2) Escreve cuidadosamente, se para tal chegam as suas posses litterarias, a lista triste dos seus males, e entrega-a ao medico; é «l'homme aux petits papiers», na expressão graciosa de Charcot. E isto «est déjà un commencement de diagnostic», dizia, tambem, o citado professor.

soffre mais. Ora empallidece e treme, friorento; ora córa e súa, afflicto. Tem, em regra, flatulencia, e, muitas vezes, borborygmos.

Vem-lhe somno, mas dorme mal. Falta-lhe sêde, mas gosta de liquidos excitantes.

Durante muitas horas — pois digere sempre lentamente e laboriosamente — o neurasthenico fica, em tudo, um extenuado.

* * *

Em regra, este merencorio doente menciona a seguir — á guisa de appendice ao quadro dos symptomas gastricos — as suas tristes desordens intestinaes: — habitual retenção de fezes (endurecidas, escuras, e, ás vezes, fenestradas por *pseudo-membranas* alvadias), interrompida, de tempos a tempos, por abundantes e frequentes evacuações diarrheicas. Molestam-o, algumas vezes, n'estes casos, colicas, caimbras e febre.

* * *

Em seguida, o neurasthenico descreve, com insistência e exagero, a sua *cephaléa* — que é, depois da gastricidade, a manifestação mais alarmante do seu mal. Não se trata d'uma *dôr* bem definida, nem d'uma *tou-tura* sem mais nada, nem d'um *atordoamento* simples; não é propriamente «o pezo e a pressão» que Beard mencionou, nem exactamente «o capacete» que Charcot descreveu. É — pelo menos no cerebrasthénico — uma dolorosa hypotonia cerebral, analoga ao enjôo maritimo na phase prodromica do vomito. . .

Só por excepção — e só nos casos raros em que o neurasthenico está febril — a *dôr* se define e caracteriza, e se torna intensa e grave. Ás vezes tão grave e tão intensa que o doente, mais ou menos em delirio, é, por ella, levado ao suicidio.

Nos casos ordinarios, parece que o cerebro, além de fatigado e exausto, se acha morbidamente comprimido por um liquido estagnado. . .

Parece, mais, que essa compressiva estase endocraneana, ainda que muito desigual e remittente, é sempre mais ou menos ondulatoria e latejante. . .

E parece, finalmente, que a referida compressão, se bem que sempre morbida e dolorosa, se exacerba mais ou menos periodicamente. . .

A verdade é que — ao contrario do que affirmam alguns auctores — aquella *cephalêa* especial nunca cessa inteiramente n'um verdadeiro neurasthenico, embora seja, por vezes, tenuissima.

Tem ensejos e logares de eleição.

Nos neurasthenicos atreitos a melodramaticos sonhos afflictivos — phenomeno que, no mal de Beard, não é raro — a *cephalêa* mostra-se, em geral, mais intensa quando elles acabam de dormir.

N'outros, ella aggrava-se, habitualmente, após as refeições.

Em todos, de ordinario, ella se exacerba depois de qualquer hyperactividade intellectual ou emotiva.

Raramente toma por egual todo o cerebro.

Mais frequente na região occipital, é vulgar na região frontal, rara nas regiões parietaes, excepcional no alto da cabeça.

O coiro cabelludo — mórmente o que cobre a zona de eleição da *cephalêa* — está, em regra, tão hyperesthesiado que o pentear se faz doloroso, e o pôr chapeo se torna enfadonho.

Facil fadiga visual, ligeiras dores oculares, photophobia, phosphenas, escotomas, e leves perturbações auditivas, olfactivas e gustativas — são complicações usuaes das grandes *cephalêas* neurasthenicas.

Depois, vem á baila *o máu-dormir* — que representa um dos padecimentos mais precoces, mais constantes, mais característicos e mais hyposthenisantes do neurasthenico.

Impropriamente lhe chamam *insomnia* todos os auctores. O neurasthenico é um somnolento. Dorme, em regra, *muito*. A verdade é que dorme, sempre, *mal*. Deseja e teme, ao mesmo tempo, o somno. Gostaria de dormir, porque é, em tudo e para tudo, um fatigado, se não soubesse, pela experiencia e pelo instincto, que acordará peor, — mais hyposthenico em tudo, e para tudo mais inapto.

Briga com o somno porque receia o sonho. E esta interessante lucta morbida entre uma necessidade iniludivel e um temor indominavel, angustia-o e acaba ruina-o.

Tem o dormir inquieto e fragmentado, desigual e caprichoso, difficil e fatigante. Acorda frequentemente e sonha excessivamente. Desperta com os rumores mais insignificantes, e sonha com as coisas mais terribes... com naufragios se é marinheiro, com a derrota se é soldado, com a ruina se é commerciante, com o desvalimento se é politico, com reprovações se é estudante...

E, alem d'estes classicos *sonhos profissionaes*, tem sombrios pesadelos tão torturantes (angustiosas quedas em imaginarios abysmos, phantasticos e interminaveis estados catalepticos, agonia e morte de pessoas amadas, etc., etc.), d'um *realismo* tão vivo e intenso, e d'uma horribilidade tão brutal e impressiva, que bem justificada fica a estranha *somnophobia* d'uns doentes que, por natureza, são *somnóphilos*...

Menos frequente é o erotico sonho sexual, illustrado, as mais das vezes, por demoradas erecções fatigantes,

e por extenuantes ejaculações custosas. Pertence, principalmente, ao myclasthenico.

* * *

Outro phenomeno morbido inquieta sobremodo o neurasthenico: é o *hypogenesisismo*. Após um periodo (morbido tambem), de semanas ou de mezes, em que uma notavel *hyperexcitabilidade genital* o convidava á realisação de coitos numerosos, rapidos, faceis e ardentés, o neurasthenico cahe, poupo a pouco ou de repente, n'uma triste impotencia sexual que ameaça condemnal-o ás eremiticas e morbidas castidades medievaes...

D'antes, ao vêr uma mulher gentil, ao recordar-se d'uma amante amada, ao lêr um livro erotico, ao observar uma gravura lasciva, ao analysar um bronze libidinoso, mesmo n'um vulgar passeio a cavallo, e até n'uma singela corrida em trem, vinham-lhe poderosas erecções exquisitas; agora, não ha elasterios de carros ou de cavalgaduras, nem lubricidades de esculptura, nem lascivias de desenho, nem bellotismos de leitura, nem evocações de antigos coitos; nem bellezas de mulher, que o movam genitalmente...

Pobre de desejo, mendigo de erecção, e mesquinho de jacto, se alguma vez deseja — raramente consegue virilisar-se; se, por acaso, se virilisa, penosamente logra ejacular ⁽¹⁾; e se, por excepção, ejacula — fica profundamente derreado...

E, aggravando o seu natural hypogenesisismo de fatigado com a sua deprimente imaginação de pessimista, o neurasthenico torna-se, algumas vezes, gymnóphobo.

Differentes são, é bem de vêr, o mecanismo e as consequencias do hypogenesisismo femenino.

(1) Em alguns a espermação é morbidamente rapida e facil, sem orgasmo e sem gozo.

Resumem-se na carencia do desejo e na debilidade do gozo. Leucorrhêas, dysmenorrhêas e nevralgias uterinas e ovarianas, complicam, bastas vezes, a *neurasthenia genital* da mulher.

Vejo affirmada, em muitos livros, a raridade de tal neurasthenia, mas fico-me na minha opinião, talvez maliciosa, de que a verdadeira raridade é encontrar uma doente que confesse claramente ao medico os symptomas do seu hypogenesismo . .

* * *

A *rachialgia* é, tambem, uma das torturas grandes da vida triste de alguns neurasthenicos. Mais inquietadora que frequente, revela-se, em geral, por ligeiras dores vagas na columna vertebral, mormente na região cervical e na sagrada. Como a *cephaléa*, este phenomeno morbido é mais «um mal estar» do que propriamente «uma dôr». Todavia afflige o neurasthenico que o toma, em regra, por symptoma de imaginarias doenças graves. . .

Somente após grandes fadigas musculares — corridas, saltos, gymnastica excessiva, etc. — aquelle mal estar rachidiano se torna em verdadeira, intensa e persistente rachialgia.

Ainda como na cabeça, a pelle que cobre o rachis — nomeadamente nas duas regiões citadas — está hyperesthesiada.

* * *

Um ou outro neurasthenico tem *coccydinia*: — pequena dor exquisita, irritante, insistente, localisada no coccyx, mais intensa de dia que de noite, mais frequente na mulher que no homem. Segundo Beard, as damas americanas mais endinheiradas — as quaes são, geral-

mente, as mais neurasthenicas — padecem, quasi todas do rachis e do appendice caudal.

* * *

Nenhum neurasthenico deixa de falar da sua *amyosthenia*. Todo o seu systema muscular, além de levemente atrophiado e dorido, está notavelmente pobre na energia e na tenacidade das contracções, e consideravelmente falho na rapidez e na justeza dos movimentos. E esta *hypomyosthenia* especial não melhora sensivelmente com nenhum repouso, e agrava-se fortemente com qualquer trabalho.

* * *

A *hypomentalidade* do neurasthenico — um dos symptomas mais graves, mais salientes e mais complexos do mal de Beard — somente se percebe e se avalia devidamente quando com a *narracão* do doente se conjuga a *observação* do medico.

O enfermo, em regra, conta que, em seguida a um periodo (geralmente de semanas, vulgarmente de mezes, raramente de annos) em que teve uma vibrante e agradável *hypermentalidade*, cahiu, pouco a pouco ou de chofre, no triste e lamentavel estado opposto...

Amodorrou-se-lhe a *memoria* (*Hypomnesia*): — primeiramente a das denominações, em seguida a das datas, depois a dos logares, e, finalmente, a dos factos; chega a ter duvidas a respeito do seu nome; não sabe, ás vezes, a sua idade; não raramente se extravia em sitios que, d'antes, conhecia bem; e esquece rapidamente a maior parte do que diz, do que faz e do que vê...

E' -lhe difficil a *attenção*: se lê ou ouve falar — ou não entende ou percebe mal ou olvida de prompto o que vae lendo ou ouvindo... (*Paramnesia*).

Não sabe afinar o cerebro na *vontade*: ora lhe falta a faculdade de *querer*, *accentuadamente*, com intensidade e insistencia razoaveis, qualquer coisa justa (como trabalhar, viver, amar, saber, etc.) — e cahe n'uma molle indifferença merencoria; ora *quer*, *simultaneamente*, com ancia e receio torturantes, duas ou mais coisas opostas (como silencio e ruido, treva e luz, dormir, velar e morrer, sem que uma das *correntes de volição* logre dominar duravelmente a outra ou as outras) — e fica n'uma fatigante irritação angustiosa... (*Hypobulia* e *Heterobulia*).

Morosamente e com grande defficultade *trabalha*: duvida, scisma, hesita, avança, recua, ladeia, desanima, pára, demoradamente, antes de executar, e emquanto executa, qualquer coisa. Trabalha pouco e intermittenemente, e fatiga-se muito e rapidamente. D'aqui vem o «*não tenho tempo para nada*» — caso a phrase que são, como se sabe, vulgares na vida do neurasthenico...

Alterou-se-lhe a *affectuosidade*: antipathisa, agora, com algumas ou com todas as pessoas a quem tinha, d'antes, affeição — «*porque não me tratam bem... porque riem de mim... porque me julgam embusteiro... etc...*», diz o neurasthenico. Ora esta lamuria, em geral, sincera, é, em regra, injusta; e n'esta como n'outras *queixas*, o criterio scientifico do psychiatra deve perceber e destrinçar tanto o que ha de exacto como o que existe de falso na parlada, minuciosa e semiologica, do tristonho psychopatha. A verdade — não para o doente, porque só os normaes podem entendel-a e acceital-a — é que o neurasthenico, se bem que muito impressionavel e emotivo, é profundamente *egoista*; *entende* que toda a gente deve lamental-o e soffrer quando elle soffre e se lamenta. E do seu egoismo resulta a falsa apreciação do altruismo dos outros.

E' certo, todavia, que ha, de ordinario, menos caridade e comprehensão para um neurasthenico do que, por

exemplo, para um rheumatico. E é natural. Somente os medicos (alguns) e os neurasthenicos (todos) sabem comprehender quanto um neurasthenico padece; os profanos em medicina e sadios do cerebro mal podem ter noção d'aquella sombria tortura psychica que tanto se parece, ás vezes, com um ridiculo embuste reles. E isto constitue uma das causas porque os neurasthenicos tanto sympathisam e fraternisam uns com outros, e tanto se attrahem, e tanto se procuram, e tanto se entendem. No seu morbido egoismo — cada um d'elles amaina as suas dores contando-as exaggeradamente a quem n'ellas exaggeradamente crê...

O neurasthenico menciona, tambem, a sua *emotividade*, a qual está, ao mesmo tempo, *exagerada e pervertida* — pois que a grande intensidade das suas emoções não é proporcionada á importancia, maior ou menor, das causas d'ellas. Tudo o impressiona e sobressalta fortemente e quasi por egual, desde os factos mais graves da sua existencia até aos episodios mais comesinhos do seu viver. Não soffre notavelmente mais com a morte repentina d'um amigo do que com o bater inesperado d'uma porta. Mas é certo, tambem, que n'um e n'outro caso — padece espantosamente...

Sente-se *desanimado e cobarde*: tudo, mais ou menos, lhe faz *medo, hesitação e duvida*; mas, por exquisita incoherencia, sejeita-se, quieto, ás consequencias de qualquer perigo — para não empregar o esforço de fugir ou de deffender-se d'elle...

Fala e pensa com impropriedade e custo: tem a ideação fatigada e confusa, e a palavra tardia e vaga. Pensa, em geral, n'aquillo em que não quer pensar; diz, muitas vezes, o que pretende calar; e nem sempre pôde expressar o que deseja dizer... (*Heterophemia e Dyslalia*).

Nos neurasthenicos *intellectuaes* e dados a cogitações philosophicas é usual e classica a *ancia de expli-*

car — a origem da Vida, a origem da Materia, a razão de ser intima das coisas, etc. . .

Poucos neurasthenicos se referem á sua grande *irritabilidade de character*, a qual, todavia, é facil de perceber.

O seu mal torna-os injustos, maliciosos, pyrrhonicos. E, pelo menor motivo que tenham ou julguem ter, desarrazoam, maliciam e repisam intensamente, n'um amargo tom lamurioso que lhes é proprio. Mas — se não são *degenerados* nem *hystericos* — ficam, geralmente, inoffensivos. As suas birras, estereis e fugazes, teem, quasi sempre, um fundo de infantilidade que as faria invulnerativas até na hypothese de não serem morbidas. . .

O neurasthenico é de ordinario um pacifico d'uma escrupulosa inoffensividade tímida. . .

Mas a feição dominante da mentalidade d'este neuropatha é a *taciturnidade*. Elle é, fundamentalmente, um triste, um torturado, um vencido. E, abysmado no seu doloroso desespero sombrio, no seu escuro pessimismo angustioso, e na sua deprimente dôr psychica, a terrivel *tristeza neurasthenica* leval-o-hia fatalmente ao suicidio se ao *neurasthenico simples* (esboçadamente estudado nas linhas precedentes) fora facil terminar de tal fórma o seu soffrer. . .

Mas não é. E vêr-se-ha, no seguimento d'este livro, e a proposito dos *degenerados*, o que sobre este assumpto penso. . .

E' classica, tambem, no neurasthenico, a *preoccupação hypochondriaca das doenças*. . . Elle imagina-se atacado por todos os males cujos symptomas conhece mais ou menos. Lê, tão avidamente quanto pôde (se para tal chega a sua mentalidade), todos os livros de medicina que pôde obter. Interroga minuciosamente, com uma insistencia anciosa e egoista, todos os doentes que o pôdem tolerar. Questiona interminavelmente, com um desejo e um receio enormes de *saber a verdade*,

todos os medicos que o sabem ouvir. E ora se imagina doente do *estomago*, ora do *coração*, ora do *figado*, ora dos *rins*, ora dos *pulmões*, ora de *muitos* ou de todos estes orgãos. E', emfim, um polypatha.

Apenas — o que é sobremodo interessante — resiste, por vezes, á convicção de que tem uma neurasthenia!...

E se é medico ou estudante de medicina, tudo isto, é bem de vêr, se agrava e se complica... Elle conta, reconta, exagera, inventa, insiste, pormenorisa e discute, a ponto de se tornar *um terror* para os collegas.

*

* *

Além d'aquelles symptomas — que são os mais caracteristicos e frequentes — outros — de somenos importancia e mais raros — merecem referencia. Taes são:

= *Vertigens* cujo character principal é a variabilidade na duração e na intensidade — desde alguns segundos até muitos minutos, e desde o leve atordoamento até á queda brusca do enfermo.

= *Perversões auditivas*: — principalmente a *hyperacusia*, algumas vezes *zumbidos*, e raramente a *hypoacusia*.

= *Perversões olfactivas*: — poucas vezes a *paraosmia*, e quasi nunca a *hyperosmia*.

= *Perversões gustativas*: — esboços, raros e fugazes, de *parageustia* e de *hypogeustia*.

= *Perversões oculares*: — frequentemente uma forte *asthenopia* teimosa, accidentalmente uma leve *amblyopia* passageira, e excepcionalmente um pequeno *nystagmus* horisontal.

= *Perversões da sensibilidade thermica*: — sensações ora de *calor* ora de *frio*, usuaes e periodicas, na face, nas mãos, nos pés, no peito e no cerebro; hypersen-

Note

It is to be noted that the only most frequent hyper- in sense-troubles is auditory.

sibilidade para o frio, para o calor e para a electricidade.

= *Perversões da sensibilidade dolorosa*:—além das *hyperesthesias* já descriptas, são de mencionar as *placas hyperesthesicas* do seio, dos ovarios, dos testiculos, do ventre, dos braços e das pernas; o *prurido doloroso* da pelle; a *adstricção dolorosa* das gengivas e dos dentes; e as *dores* dos musculos, das articulações e dos troncos nervosos.

= *Perversões da sensibilidade tactil*:—oscillações, ora lentas, ora rapidas, entre a *hypertactilidade* e a *hypotactilidade*.

= *Perversões da sensibilidade meteorica*:—*angustiosa antepercepção* das tempestades, filiada, talvez, n'uma morbida hyperacuidade de certos *modos* de sensibilidade, indefinidos, por emquanto, no homem.

= *Perversões da motilidade*:—paresias, espasmos, contracturas e tremores.

*

* *

E' de notar que a neurasthenia, extremamente rica, de ha muito, como vem de ver-se, em symptomas *subjectivos*, está lamentavelmente pobre, por emquanto, como se vae vêr, em signaes *objectivos*.

Mas é de esperar que os progressos da semiologia ensinem, em breve, á medicina, a definitiva formula biochimica d'aquella nevrose. Vejamos, entretanto, o que a inspecção, a palpação, a percussão, a auscultação e outros meios semiologicos revelam já, alem do que já foi dito, n'um neurasthenico:

= *Ventre*, em geral, flaccidamente *descido*, notavelmente *avolumado* ao nivel do hypogastro, e transversalmente *deprimido* ao nivel do mesogastro. Estomago, em regra, *distendido*, e, algumas vezes, *dilatado*. Intes-

tino, de ordinario, levemente *meteorizado*, e, muitas vezes, ligeiramente *dorido*.

= *Figado*, quasi sempre normal, algumas vezes descido, raramente avolumado.

= *Circulação* muito irregular. Esboços — ora de tachycardia, ora de brachycardia. Frequentes *palpitações* oppressivas, alguns *sopros* inorganicos, raras *intermittencias* verdadeiras. Pulso — ora *frequente*, ora *lento*, ora *forte*, ora *pequeno*, e, sempre, mais ou menos *desigual*, *irregular* e *intermittente*. Falsas *anginas de peito*. Estase venosa. Hypotensão arterial. Todas estas perturbações circulatorias se filiam em estados emotivos; são, portanto, puramente nervosas.

= *Respiração* normal ou quasi normal. Talvez levemente fraca, curta e accelerada. Insultos ligeiros de dyspnêa ligados a crises intensas de emoção.

= *Temperatura* diminuída. Tenho observado que o neurasthenico é, habitualmente, um *hypothermico* cuja *temperatura geral* somente nos casos raros e fugazes, mas incontestaveis, de *febre neurasthenica* (Beard) sobe muito alem de 36°.

Note.

= *Chimismo* gastrico geralmente errado (1).

(1) O *chimismo estomacal nos neurasthenicos e nos gastricos* é um pequeno trabalho de experimentação e de critica que trago em projecto e em preparação. Apenas, por agora, sei dizer que tal *chimismo* é geralmente *errado*... — noção que, na verdade, nada adianta porque é, de ha muito, conhecida.

Alguns dos estudos que sobre este assumpto correm mundo afiguram-se-me sobremodo incompletos, confusos e até contradictorios...

Segundo Bouchard, a *hypochlorhydria* é um dos factores das fermentações gastricas morbidas...

Para Devic, taes phenomenos podem realisar-se n'um estomago hyperacido...

Onde está a verdade? Talvez em ambos — mas incompleta.

Ora se ha simultaneamente *hypochlorhydria* e *hyperacidez* pôde muito bem ser que esta seja devida ao acido lactico...

= *Urina* característica (Vigouroux):

Quantidade..... }
Elementos fixos.... } ligeiramente inferiores ao que é normal.

Grande hyperacidez

ELEMENTOS NORMAES

Chloro..... }
Urea..... } em quantidades variaveis, mas, quasi sempre,
Acido urico..... } inferiores ás normaes.
Acido phosphorico. }
Urobilina..... }

Leucomainas. }
Sulfo-cyanetos.... } em quantidades variaveis, mas, sempre, superiores ás normaes.

ELEMENTOS ANORMAES

Acido lactico livre — sempre em grande quantidade.

Indican..... }
Oxalato de cal.... } quasi constantes e, ás vezes, abundantes.

Glucose..... }
Inosita..... } pouco abundantes e não existem sempre.
Peptonas..... }
Serina }

CLASSIFICAÇÕES DA NEURASTHENIA. FORMAS CLÍNICAS — «CEREBRASTHENIA», «MYELASTHENIA» E «NEURASTHENIA GERAL». FORMAS EVOLUTIVAS — «NEURASTHENIA AGUDA», «NEURASTHENIA CRÓNICA» E «NEURASTHENIA PERIÓDICA». FORMAS ETIOLÓGICAS — «NEURASTHENIA HERDADA», «NEURASTHENIA ADQUIRIDA» E «NEURASTHENIA IMITATIVA». «NEURASTHENIA SIMPLES» E «NEURASTHENIA VESANICA».

ESCAZAS DAS DOCTRINAS DE ESQUIROL, DE MOREL, DE MAGNAN E DE DALLEMAGNE A RESPEITO DOS DEGENERADOS. THEORIAS DO AUCTOR. O DEGENERADO É UM HETEROCHRONICO. A DEGENERESCENCIA DERIVA DA FADIGA. UMA VELHA THEORIA DE AUGUSTE COMTE. A «NORMALIDADE HUMANA». NEURASTHENICOS DEGENERADOS. PHOBIAS, DELIRIOS E CRIMES. DIAGNOSTICO E PROGNOSTICO DA NEURASTHENIA.

Beard, Bouveret, Levillain, Blocq, Mathieu, etc., classificam differentemente — obedecendo, cada um, ao seu (ou alheio) criterio — as *formas clinicas* da neurasthenia.

Não contesto o relativo valor theorico de taes classificações, mas não vejo notavel importancia pratica em nenhuma d'ellas. Padecem, muito ou pouco, de dois defeitos grandes: — a deficiencia, que é inevitavel em todas, e a complicação, que se pode evitar em muitas.

Parece-me, além d'isto, que alguns d'aquelles pathologistas não raramente chamam *formas* de neurasthenia a meros *episodios*, mais ou menos usuaes, e a verdadeiros *symptomas*, mais ou menos dominantes, d'esta nevrose.

Assim: — a *forma cerebro-cardiaca* de Krishaber e de Levillain é um dos episodios frequentes da *cerebras-*

thenia; a *forma genital* de Beard e de Bouveret não passa d'um dos incidentes vulgares da *myelasthenia*; e a *forma gastrica* de Beard, de Bouveret, de Levillain e de Mathieu não é mais que um dos symptomas mais energicos da *neurasthenia geral*.

Pelo que respeita á *neurasthenia sympathica* e á *neurasthenia peripherica* de Blocq, tenho para mim que são formas demasiadamente theoricas, pois não me consta que a observação clinica auctorise bem nenhuma d'ellas. A primeira é, talvez, um *symptoma gastrico* ou *cardiaco* no neurasthenico geral ou no cerebrasthenico; a segunda pôde ser uma *complicação herpetica* no enfermo cuja hyperacidez lhe morbifica, simultaneamente, o tecido nervoso central e peripherico, e os tegumentos. ⁽¹⁾

Por mim divido a neurasthenia — attendendo ás grandes deficiencias que ha ainda na Diagnose, e ás pequenas posses que tem havido sempre na Therapeutica — nas tres formas clinicas (ha muito tempo conhecidas) — *cerebrasthenia*, *myelasthenia*, e *neurasthenia geral* — segundo aquella nevrose incide *predominantemente* no cerebro, ou perturba *principalmente* a medulla, ou ataca a *totalidade* do systema nervoso. Porque é de notar que esta classificação traduz apenas, e vagamente, factos de *localisação*, *numero*, *intensidade* e *predominancia* — de padecimentos e symptomas, pois não ha cerebro gravemente neurasthenico ligado a medulla perfeitamente sã, nem vice-versa.

Cerebrasthenia e myelasthenia são, pois, clinicamente, *fracções* da neurasthenia geral, e, como taes, estão contidas, semioticamente, na symptomatologia geral d'esta doença.

(1) Veja-se a secção 7.ª d'este livro.

Pelo que respeita a *formas evolutivas* entendo que as exigencias clinicas actuaes se satisfazem com a convenção d'uma *forma aguda*, d'uma *forma chronica*, e d'uma *forma periodica*.

A forma aguda, que é a menos frequente, deriva, em regra, de grandes emoções subitas, ou de brutaes esforços musculares ou da conjugação d'estes com aquellas. Vem repentinamente, brutalmente, com exagero grande nos estragos que faz e nos symptomas que mostra; e é, até certo ponto, *characterisada* pelo facto de produzir *em pouco tempo* tudo quanto uma neurasthenia chronica causaria *em muito tempo*. Os factos, conhecidos em pathologia e em historia, de *envelhecimento brusco* (canicie, calvicie, *facies senil* etc. — *em horas* ou *em dias*) representam, as mais das vezes, casos de neurasthenia aguda, filiada, quasi sempre, em agudas dôres psychicas.

Após uma duração que oscilla, em geral, entre alguns dias e algumas semanas — esta forma ou cahe na chronicidade (o que é classico), ou finalisa pela cura (o que é frequente), ou dá de si a loucura (o que é raro), ou produz a morte (o que é excepcional).

A forma chronica, que é a classica, já foi e será ainda estudada em outras paginas d'este livro, pois constitue propriamente o assumpto d'elle.

A forma periodica, que é a mais vulgar e a menos grave, resulta da incidencia de acções mais ou menos neurasthenisantes sobre individuos que, embora pouco neurasthenisaveis, *se fatigam periodicamente* — taes como estudantes em epochas de exames, soldados em tempo de guerra, politicos em occasião de eleições, etc...

Pode dizer-se — para caracterisar a fugacidade e a mansidão d'esta forma — que ella é *aguda* na duração, e *chronica* na intensidade.

Anda ligada, algumas vezes, aos grandes frios do inverno ou aos intensos calores do verão; desaparece, na maioria dos casos, com a boa tonificação que vem d'um bom repouso; e é, uma ou outra vez, o prologo da forma chronica.

* * *

No que toca a *formas etiologicas* admitto a *neurasthenia herdada*, a *neurasthenia adquirida*, e a *neurasthenia imitativa*. E — protelando um pouco o estudo d'aquellas, o qual será incluído no das causas da neurasthenia — apenas d'esta tratarei agora.

A *neurasthenia imitativa* (á qual caberia, tambem, a designação de *neurasthenia hysterica* ou a de *neurasthenia involuntariamente simulada*) tem importancia grande sob o ponto de vista clinico porque é, de todas, a de cura mais rapida e facil ou mais lenta e difficil — segundo é ou não é tomada em conta a sua interessante etiologia.

Considero-a um phenomeno de identificação por sympathia e por suggestão — possibilitado pela convivencia, e favorecido pelo affecto.

= B. . . , de 25 annos, solteira, valetudinaria, de intelligencia fina e cultivada, e de character doce e superior, é *hysterica*.

L. . . , de 31 annos, intelligente, instruído e bondoso, é *neurasthenico*. Conviveram, durante mezes, n'uma notavel reciprocidade de solida amisade fraternal e de intensa dôr psychica. Os seus padecimentos e a recordação da irremediavel causa d'elles — eram os assumptos dominantes das suas conversações longas e tristes. A pouco trecho B. . . exhibia, com profunda sinceridade, os principaes symptomas d'uma neurasthenia singularmente semelhante á de L. . . ; apresentava a *mesma* gastricidade com as *mesmas* perversões de gustação, a

mesma cephalêa com as *mesmas* localizações e a *mesma* periodicidade, o *mesmo* desanimo, a *mesma* tristeza, a *mesma* hypomnesia, o *mesmo* estado angustioso e o *mesmo* estado mental, — a *mesma* doença, enfim, que L... tinha. Os tratamentos ensaiados foram inefficazes.

Passaram a viver cada qual em seu paiz: — B... melhorou da sua neurasthenia, e L... continua neurasthenico.

==Y..., de 20 e tantos annos, casada e mãe, fidalga, instruida, sentimental e extravagante, é fortemente *hysterica* e notavelmente degenerada.

X..., de 30 e tantos annos, marido de Y..., alto funcionario publico e plebeu, muito intelligente e ambicioso, é *neurasthenico periodico*.

Sempre que a X... vem o periodo de neurasthenia, Y... — que parece amar intensamente o esposo — torna-se *profundamente neurasthenica*. E logo que X... se trata e melhora, Y... melhora sem se tratar.

Com estas observações minhas documento a existencia da *neurasthenia imitativa ou hysterica*, que é bem distincta, como se está a vêr, da chamada *hystero-neurasthenia* — com a qual seria erro grande confundil-a. Não se trata da somma ou da sobreposição de duas nevroses, mas sómente da *involuntaria imitação* d'uma — possibilitada pela posse da outra.

* * *

O estudo geral dos interessantes syndicatos neuro-morbificos — *hystero-neurasthenia*, *epilepto-neurasthenia*, e, talvez, *choreo-neurasthenia* — não entra no plano d'este livro.

* * *

Estudarei, porem, ainda que de leve, a *neurasthenia vesanica* que — sobre ser muito importante sob os pon-

tos de vista clinico e social—é muito differente da *neurasthenia simples* bosquejada nas linhas precedentes.

A *neurasthenia vesanica* manifesta-se, em regra, nos *degenerados*.

Mas que é, anthropologicamente, um degenerado?

Desde as velhas doutrinas theologicas de Esquirol e de Morel até ás modernas theorias physiologicas de Magnan e de Dallemagne a respeito dos degenerados—os factos de *degenerescencia* andam ligados, d'uma maneira mais ou menos convencional, illogica e vaga, ás noções de *regressão*.

Ora este modo de vêr—em que peze á forte e habil auctoridade de Magnan—nem se compadece bem com a incontestavel existencia dos chamados *degenerados superiores*, nem—sobretudo—é sufficientemente lucido, fundamentado, convincente e largo para interpretar, explicar, comportar e ligar, satisfatoriamente, a genese d'um *idiota* e a d'um *homem de genio*.

Para mim o degenerado é, simplesmente, uma interessante entidade desharmonica que vive—ao mesmo tempo—em diversas epochas, passadas ou futuras, da sua especie ou da serie animal.

Morphologicamente, histologicamente e physiologicamente elle reproduz ou imita ou parodia—em todos ou em muitos ou em alguns dos seus aparelhos ou systemas ou órgãos—modos de ser ancestraes ou vindoiros.

Não *regressou* definidamente — *progrediu* parcialmente.

Não é propriamente um *atavico*—é rigorosamente um *heterochronico*.

E as suas *degenerescencias* são tanto mais vastas, mais desharmonicas e mais accentuadas quanto mais numerosas, mais differentes e mais afastadas são as phases phylogeticas que o degenerado ontogenicamente resume.

Supponho, mais, que a degenerescencia resulta da fadiga, e abono esta supposição com o facto, bem conhecido e bem incontestavel, dos degenerados—os *vesanicos*, os *imbecis*, etc. —descenderem, em regra, dos fatigados—dos *neurasthenicos*, dos *hystericos*, etc. . .

Parece que o *potencial evolutivo* do degenerado é — em regra, quantitativamente inferior ás numerosas exigencias da evolução ; muitas vezes, desgraduadamente distribuido aos variados tecidos do organismo ; e, alguma vez, qualitativamente errado nas suas energias.

A primeira d'estas hypotheses explica o *atrazo* e a *inferioridade* — que são vulgares — do degenerado. A segunda esclarece o facto — que não é raro — do mesmo degenerado ser, *simultaneamente* e *parcialmente*, um *inferior* e um *superior*. E a ultima razoa o apparecimento — que é excepcional — das infiliadas formas aberrantes de degenerescencia.

E' bem de ver que da synergia de duas ou das tres causas apontadas resultarão degenerescencias crescentemente complexas.

Esta theoria — que fica apenas esboçada — abarca logicamente, parece-me, todos os casos possiveis de degenerescencia — desde os mais brutos *estygmas morphologicos* até ás mais finas *perversões mentaes*, desde o insensual *labio de lebre* até ao sadico *genio de Sapho*, desde o tosco *prognatismo* que nos faz pensar no *homem das cavernas* até ao requintado *egotismo* que nos faz prever o *cidadão do seculo XX*. . .

D'ella decorre, tambem, o bom criterio de que a degenerescencia nem sempre representa um *atrazo* — um *arremedo do passado*, pois que pode ser, e muitas vezes é, uma *antecipação* — uma *amostra do futuro*. . .

O homem pode, no seu todo ou em partes suas, ficar no passado, chegar ao presente, ou entrar no futuro — conforme a quantidade, a qualidade e a harmonia

das energias do seu *potencial de evolução*. . . Lembro Bem-vinda ⁽¹⁾ e Anthero de Quental ⁽²⁾.

E de tudo isto se conclue que a noção de *normalidade humana* — para ter foros de progressiva e scientifica — deve ser relativa ao *tempo* e ao *meio* em que o homem vive, e directamente proporcional ao grau de *adaptabilidade* com que o homem se liga ao seu meio e ao seu tempo.

O antigo *homem lacustre* seria, hoje, um bruto, como o actual *homem letrado* seria, no futuro, um barbaro. . .

E, em qualquer epocha, o homem é tanto mais *normal* quanto mais *adaptado* está á sua epocha.

* * *

Segundo uma velha theoria de Auguste Comte — a qual me parece ainda accéitavel nas suas linhas geraes — o homem é um *occipital*, ou um *frontal*, ou um *parietal*, conforme n'elle domina o *instincto*, ou a *intelligencia*, ou a *actividade*.

O predominante desenvolvimento plastico-funcional da parte posterior do cerebro, ou o da parte anterior, ou o das partes lateraes, — dá, pois, o *character* da cerebração. . .

Assim, por exemplos, Rossini terá sido um occipital ou instinctivo, Arago um frontal ou intellectual, Dumas um parietal ou activo. . .

Ora isto, que é um tanto schematico no homem mais ou menos normal, salienta-se grandemente no verdadeiro degenerado.

(1) Famosa microcephala portugueza notavelmente estudada pelo professor Miguel Bombarda.

(2) O professor Sousa Martins nosographou primorosamente, n'um livro em via de publicação, a interessante psychopathia d'este poeta grande e *degenerado superior*.

E é logico.

Este *desequilibrado* — cujo encephalo resume varios estadios cerebraes da serie viva ou da humanidade — pode ser dominado por um *instincto* de fera ou de santo, por uma *intelligencia* de peixe ou de sabio, por uma *actividade* de ave ou de neurasthenico, e sair Nero ou Santo Antonio, Claudio ou Platão, Attila ou Jesus...

O *progresso* phylogenetico de toda a moderna cerebração do homem não resultou do *progresso* de todas as antigas actividades cerebraes da serie viva — importa accentuar bem isto.

O progredir encephalico (aquelle, pelo menos, que é aquilatado pelo ideal — errado?... — que o homem civilisado tem a respeito do que seja Perfeição) estriba-se n'uma admittida harmonia — hygida?... — entre varias actividades neuricas que teem vindo, atravez dos tempos, variando — algumas *para mais*, as outras *para menos*.

Ao passo que a cerebração frontal enthesourava, — a cerebração occipital empobrecia. O *Pensamento* tem sido, e é, o agiota da *Sensação*...

E é n'esta deslocação de energias nervosas que, em derradeira analyse, se resume a tão gabada superioridade humana...

Sómente os degenerados podem ter — e muitas vezes teem, como é sabido, — olfacto de cão, ouvido de coelho, genesisimo de macaco, etc..

E estes factos — attendendo a que estes animaes são modernos paradigmas, mais ou menos exactos, de antigas formas vivas dominantes — abonam solidamente o que ahi fica escripto acerca da degenerescencia humana.

* * *

«*C'est un fait bien connu dans le domaine de la vie, que les structures formées les dernières sont les premières à dégénérer.*

... *dans l'ordre biologique, la dissolution se fait dans l'ordre inverse de l'évolution: elle va du complexe au simple.*»

Ora esta verdade — que Ribot formulou nitidamente a respeito das doenças da memoria, que fôra inicialmente rastejada por Huylings Jackson a proposito da decadencia intellectual, e que foi recentemente introduzida na sociologia por De Greef — explica largamente a *neurasthenia vesanica* dos degenerados.

A cerebração anterior que *humanisa* alguns d'estes heterochronicos é insolentemente *moderna*, e, até, por vezes, morbidamente *futura* — comparada com a cerebração posterior, rudemente *antiga*, e, quasi sempre, intensamente *impulsiva*, que os *aminalisa*...

N'estes pobres e tristes fatigados — herdeiros ricos de fadigas e dores ancestraes — o requinte da ideação é indominavelmente desvairado pela bruteza da sensação.

A intelligencia, n'aquelles cerebros, é como a chamma doidamente assoprada pelo vento, — agita-se, remoinha, esfarrapa-se, ora intensa, ora debil, doida sempre, queimando rapidamente o combustivel . . .

Vejamos, agora, como opera e o que faz a *neurasthenia* em taes *encephalos*.

Esta doença — que é, como o alcoolismo, e como em breve se verá n'este livro, uma intoxicacão — começa por *excitar*, e acaba por *deprimir*. Ora as regiões *encephalicas* anteriores — que são as mais delicadas, mais melindraveis, mais *modernas* e mais excitaveis — são, tambem, (é a doutrina de Ribot) as que mais rapidamente se abalam, se fatigam, se

deprimem e se annullam, sob as acções neurasthenisantes. (1)

As regiões posteriores — poderosamente rudes e teimosamente *antigas* no degenerado — resistem, com tenacidade e valentia, á intoxicação, e ficam, as mais das vezes, no periodo de excitação neurasthenica.

O que deprime a séde da idéa — excita os centros dos sentidos. *Adeante* — hypomnesia, dyslalia, hypobulia, hypomentalidade; *atraz* — hyperacusia, hypergeustia, hyperosmia, impulsividade.

A diminuição do inhibitorio *humano* coincide com o augmento do impulso *animal*...

E o degenerado — que, antes da sua fadiga nervosa, era apenas um infeliz heterochronico — torna-se, depois de neurasthenico, um verdadeiro vesanico. Começa, em regra, por ter *médos... phobias...*

Tem medo dos logares espaçosos (*agoraphobia*), dos logares fechados (*claustrophobia*), das pessoas (*anthropophobia*), das doenças (*pathophobia*), dos animaes (*zoophobia*), etc., etc., etc., e, finalmente, chega a ter medo *de ter medo* (*phobophobia*) (2).

Vem-lhe, depois, allucinações auditivas (que são as mais frequentes), visuaes (que não são raras), olfactivas e gustativas, etc. (que são menos vulgares).

(1) Talvez este modo de vêr tenha alguma applicação ás *loucuras parciaes*, pois parece-me logico que haja, na propria cerebração anterior, zonas — *localisações* — mais abalaveis que outras, perante o mesmo insulto morbifico... E', ainda, a lei de Ribot.

(2) Bacoreja-me que estas *phobias* varias, postas em moda por Beard, são mais um luxo de palavras raras do que uma realidade de factos destrinçados...

O verdadeiro *neurasthenico vesanico* tem *medo de Tudo*; é o que tenho podido observar, e o que se me afigura logico...

A morbida *hypomentalidade* (a diminuição da *experiencia*, da *sciencia da vida*, do *conhecimento do mundo*) junta á doentia *hypersensibilidade* (o exagero pervertido das *impressões vindas do mundo*) devem, de facto, produzir um grande *medo de Tudo*...

E tomba, finalmente, em delirios (delirio melancólico, delirio da duvida, delirio das negações, etc., e delirio de perseguição) que o levam — nomeadamente o ultimo — ou a qualquer forma definida e duravel de loucura, ou a matar-se — vencido pelo seu terrivel desespero de *lypemaniaco*, ou a matar — impellido pelo seu indominavel terror de *perseguido-perseguidor*.

Coisa diferente se dá com o *neurasthenico simples*, o qual — se bem que pensa e fala, muito, no suicidio — não chega, em regra, a matar-se. Não póde ser criminoso, falta-lhe impulsividade, tem o cerebro *todo* deprimido...

*

* *

O diagnostico da neurasthenia — tarefa que, com os solidos progressos modernos da neuropathologia, vae sendo, dia a dia, mais e mais facil — apresenta, ainda, difficuldades grandes.

A necessidade de diagnosticar esta nevrose por *symptomas subjectivos* vagos — decorrente da pobreza d'ella em *signaes objectivos* proprios; a natural incompetencia do neurasthenico para traduzir rigorosamente o que sente e soffre; a grande similhaça semiotica entre a neurasthenia e numerosas doenças varias; e, finalmente, a má vontade de alguns clinicos em tomar a serio um morbo a que elles, com desdem e atavismo, vagamente vão chamando ainda *nervosismo*... — são as maiores difficuldades, e as maiores causas de erro, no diagnostico da neurasthenia.

Conhecer o facies do neurasthenico (1); *destrinçar* o

(1) E' importante saber que um ou outro apparenta saude florescente. N'estes casos — que são raros — é frequente serem os neurasthenicos acoimados de *embusteiros* pelos medicos, e serem os medicos capitulados de *ignorantes* pelos neurasthenicos.

que ha de sensatamente real do que é neurasthenicamente imaginario — no que elle conta; *estudar-lhe* a urina, o chimismo gastrico, a conformação abdominal, a temperatura, a circulação, etc., cuidadosamente; *ter em vista* as doenças similares da neurasthenia; e — sobretudo — *conjugar* com uma solida competencia professional a alta percepção justa do dever humano — são os meios mais azados de errar menos... Que se o errar é humano, mais humano seria não errar em diagnosticos, pois cada erro d'estes representa, em regra, duas graves faltas clinicas — uma é o *desconhecimento* da doença verdadeira, e a outra o *tratamento* da doença imaginada...

Tomar o *inicio d'uma paralyisia geral* por uma *neurasthenia*, ou antever n'um neurasthenico um paralytico; chamar á *cephaléa uremica*, á *syphilitica* ou á dos *tumores encephalicos cephaléa neurasthenica*, ou vice-versa; considerar a *symptomática gastricidade neurasthenica* como *idiopathica perturbação digestiva*, ou o contrario; vêr n'um *lumbago rheumatico* uma *rachialgia neurasthenica*, ou na *nevrose cardiaca de Krishaber* uma *verdadeira angina de peito*; classificar a *vertigem de Ménière* como uma *vertigem de neurasthenico*, ou a *myelasthenia* como um *tabes*; phantasiar sobre um *episodio de hysteria* um completo *mal de Beard*, ou capitular de *morbida pantophobia propria dos degenerados o physiologico medo peculiar aos cobardes*, etc., — são graves erros de diagnostico que podem conduzir a verdadeiros crimes de therapeutica...

* * *

Acerca do prognostico da neurasthenia o que se pode dizer de mais geral — com todas as deficiencias inherentes ás generalisações — é que esta nevrose — que dura, ordinariamente, de alguns mezes a alguns

annos, e que é, as mais das vezes, curavel — não ameaça, em regra, directamente a vida.

A *neurasthenia vesanica* é, de todas, a mais grave. Raramente curavel — descamba, frequentemente, como se sabe, ou n'uma psychose definitiva, ou n'um suicidio inevitavel.

A *neurasthenia simples* varia grandemente em gravidade, duração e curabilidade segundo a fórmula etiologica, evolutiva e clinica que reveste. Assim:—a *neurasthenia adquirida* é muito mais séria que a *imitativa* e muito menos grave que a *herdada*; a *neurasthenia periodica* é muito mais benigna que a *chronica* é muito menos perigosa que a *aguda*; e a *cerebrasthenia* — mais inquietante, de ordinario, que a *myelasthenia*—é, geralmente, menos derreante que a *neurasthenia geral*.

OBSERVAÇÕES CLÍNICAS.

OBSERVAÇÃO A. — UM CASO DE NEURASTHENIA GERAL E PERIÓDICA, SEGUIDO DE CEREBRASTHENIA AGUDA E VESANICA.

OBSERVAÇÃO B. — UM CASO DE MYELASTHENIA EM QUE A POLLAKIURIA FOI O SYMPTOMA INICIAL E DOMINANTE.

OBSERVAÇÃO C. — UM CASO DE HYSTERO-NEURASTHENIA FEMENINA, TERMINADO POR UMA TUBERCULOSE MYELENCEPHALICA.

OBSERVAÇÃO D. — EGOTISMO D'UM NEURASTHENICO GERAL DEGENERADO.

OBSERVAÇÃO E. — ALTRUISMO, EMOTIVIDADE E PESSIMISMO D'UM EPILEPTO-NEURASTHENICO DEGENERADO.

OBSERVAÇÃO A

UM CASO DE NEURASTHENIA GERAL E PERIÓDICA, SEGUIDO DE CEREBRASTHENIA AGUDA E VESANICA.

J... nasceu n'uma das ilhas dos Açores. Descende, pelo pae, de antigos colonos hespanhoes, e, pela mãe, de antigos colonos hollandezes.

Os avós paternos, sadios e fortes até á velhice, tiveram um viver exemplarmente fidalgo e nobre.

O avô materno e um tio-avô paterno, precocemente envelhecidos, foram accentuadamente *sensuaes*.

A avó materna, boa aldeã sadia e simples, é fortemente *zoophila*.

O pae, se bem que *arthritico*, *herpético* e atreito a intensas *cephalalgias*, foi, e é, notavelmente robusto. Possui uma feição mental *romantica e poetica*. E' ta-

lentos e instruído. Adora as artes — a musica sobre-todas — e detesta as mathematicas.

Corajoso, expansivo, leal, nobre, religioso, capaz de grandes dedicações e de fortes coleras, é um *sentimental*, um *emotivo*.

A mãe, notavelmente sensível e perspicaz, bondosa mas reservada, dedicada mas melindravel, é, esboçadamente, uma *melancholica*.

Alguns primos do pae, homens de talento e de prestimo, morreram *dementes*.

Um irmão da mãe, herculeo e bondoso, foi victimado por uma *melancholia depressiva*.

Tem uma irmã e dois irmãos.

Ella, a par d'uma intelligencia forte, d'uma bondade alta, e d'uma feição moral superior, tem um *orgulho* indomavel, e pende para a *misanthropia*.

Um d'elles, timido, egoista, inoffensivo, é d'um *entendimento rudimentar*.

O outro, intelligente, muito imaginativo e irritavel, com poderosas aptidões artisticas — nomeadamente para a musica e pintura —, é um *hystero-neurasthenico*.

J... é, morphologicamente, normal. Passou a infancia no campo, á beira-mar. Em creança desenvolveu-se muscularmente — nadando, caçando e remando.

Era, por esse tempo, sadio, forte, alegre e excessivamente ingenuo. Aos 15 annos lia romances sofregamente — com desmandos de imaginação, e tinha amores facéis — com exageros de coito. Aos 18 annos sentiu todas as phases d'um classico amor romantico — illusorio, induradouro e *puro*.

Alguns annos depois, n'um excesso grande de trabalho e de vaidade, fez, sem methodo, sem mestres e sem proveito real, o curso d'um lyceu, desde o primeiro até ao ultimo exame, em dois annos. A demasia de estudo em que nunca mais cahiu, e uma invencivel *examephobia* de que nunca logrou emancipar-se, adoeceram-o.

Começou, então, a soffrer do *estomago* e da *cabeça*, a sentir-se muito *enfraquecido*, muito *desanimado*. Na epocha dos exames tinha insomnias, cephalalgias, tachycardias, nauseas e, algumas vezes, vomitos.

Ficava d'uma grande timidez de creança, e d'uma funda estupidez de pato. Considerava-se, então, gravemente doente, ora do estomago, ora do coração, ora dos pulmões, ora de alguns ou de todos estes órgãos. Com o repouso, e ao voltar-lhe a saude, vinha-lhe uma vergonha grande d'aquillo a que o doente chamava, então, — *o seu feitio nervoso*. . . — pois importa accentuar que — fóra d'aquella *phobia especial* — J. . . é corajoso, ousado até, arrisca serenamente a vida se é preciso, e ufana-se d'este seu feitio.

Estudou medicina com gosto e meditação, prendendo-se sobretudo — mercê da sua cerebração de theorico, e do desdem que tinha, e tem, pelo inepto *practicalismo* ronceiro — ás grandiosas illacções philosophicas d'aquella sciencia bella, que elle considerava, e considera ainda, a que melhor ensina a pensar, a viver e a morrer; mas apezar de tudo isto — ou devido a isto tudo — foi quasi sempre um estudante insaliente.

Irregularidades de alimentação e de repouso, preocupações scientificas ⁽¹⁾ e litterarias ⁽²⁾, excessos de café e de coito, a irritante *phobia* já descripta, e, sobretudo, uma grande paixão, alta e definitiva, por *uma ausente* — *neurasthenisaram-o*, mais d'uma vez, durante os primeiros annos do seu curso.

Casou-se, e, no feliz viver sereno em que ficou, na sadia e alta disciplina moral e physica que a companhia da nobilissima esposa estremecida lhe trouxe, melhorou

(1) Estudava, com excesso e sem methodo, os trabalhos de Darwin, de Hæckel, de Spencer, de Lombroso, etc.

(2) Lia demasiadamente os romancistas e poetas — e passava noites inteiras a fazer versos.

depressa e de todo. Nunca se sentira tão forte, tão sereno, tão vencedor, tão bem, na lucta pela vida. . .

Depois — a desoladora morte prematura do primeiro filho, e, sobre isso, o mortal agravamento brusco d'uma molestia da esposa (generalisação d'uma tuberculose predominantemente myelencephalica) causaram-lhe dôr psychica tão rude, e, consecutivamente, estado morbido tão grave, que merecem menção e estudo.

Alem de *todos os symptomas vulgares* d'uma forte neurasthenia aguda, J. . . , durante os derradeiros dias da enferma, teve :

— Contracções musculares, fortes, rapidas, amiudadas e rhythmicas, mormente na face, na nuca e nos membros, muito ligeiramente dolorosas e muito levemente dominaveis pela vontade, que lhe imprimiam a todo o corpo uma *trepidação* analoga ao *tremar de frio*. Este phenomeno durava alguns minutos de cada vez, e repetia-se algumas vezes em cada dia.

— Oppressão forte, e *dôr* intensa, continua e constrictiva, no coração.

— Dôres leves, mas constantes, nos globos oculares, como se elles *fossem brandamente empurrados para fora das cavidades orbitarias*.

— Dores grandes, intermittentes e desiguaes, nos testiculos, como se estes orgãos *fossem, por vezes, mais ou menos fortemente repuxados para cima e para traz*.

— Muita sêde.

— Sudação generalisada, pequena mas incessante, maior nas mãos e na frente.

— Polyuria e pollakiuria.

— Inappetencia intensa, e gustação pervertida : comia apenas batatas, carne e toucinho, tudo isto *cosido e frio* — alimentção que, d'antes, lhe repugnaria, assim.

— *Allucinações* de visão, de audição e de olfacção : *Via*, por vezes, aureolas em volta da cabeça da en-

ferma, e pequenas cruces pretas nas paredes. *Ouvia*, quasi a toda a hora, longinquos e plangentes dobres funerarios, e, raramente, a dorida e amiga voz do pae que se achava, ao tempo, a centenas de leguas de distancia.

Impressionava-o um cheiro, que elle *achava* em toda a casa, analogo ao da cera das egrejas.

— Forte e brusca depressão cerebral, accusada—por hypomnesia, heterophemia, hypobulia, dyslalia, e por uma ardente e desusada theophilía, illustrada com preces e com votos.

Importa registrar que todos estes phenomenos—nomeadamente o *tremor geral*—eram intensos pela manhã, decrescentes durante o dia, e tenues á noite. Mormente desde a meia noite até á madrugada, o doente, exausto e tonto, caía n'uma funda insensibilidade.

Dormia, então, algumas horas ou minutos, e recommençava a padecer quando acordava.

Passados, assim, 18 dias, assistiu aos ultimos alentos da doente, e ficou, logo a seguir, n'um profundo torpor psychico e muscular.

E n'este estado—que não póde descrever devidamente porque d'elle se recorda sem clareza—ficou algumas semanás...

Apenas sabe que pensava e sentia pouco e mal; que, ao contrario do que lhe acontecia d'antes, andava infantilmente timido e chorincas; e que, morbidamente exagerada na sua natural indolencia, estava, quasi sempre deitado, silencioso, quieto, vencido, n'um extranho estado cerebral que oscillava entre a vigilia e o sonho, n'uma singular modorra entre dolorosa e estúpida...

Cuidados de pessoas de familia, e *affusões* matinaes á nuca e á columna vertebral, lograram tiral-o, pouco a pouco, d'aquelle estado. Mas ficára tão derreado que mal podia andar. Teve, até, uma leve *incoordenação de movimentos*—principalmente nas pernas que pareciam estar prezas ao corpo apenas pelo fato.

E vieram-lhe, também, um grande emmagrecimento, uma notável alopecia, um esboço de canicie, e uma fortíssima pallidez.

Alguns mezes depois, importantes modificações se tinham operado — algumas para melhor, e outras para peor — no organismo de J. . .

— Tinha menos anorexia e menores preversões de gustação.

— Estava menos emaciado, menos pallido, e menos inapto para a movimentação.

— *Dormia* menos, e menos mal.

— *Acordara*, afinal, do seu longo lethargo, e recommençava a pensar e a soffrer. . .

— Pensava continuamente, com um enorme excesso angustioso de saudade, na creatura amada que perdera. E o seu cerebro, n'uma excitação forte e crescente, adquirira tal poder de evocação — que representava, com um extranho requinte doloroso de nitidez e de minuciosidade, tudo o que era de molde a torturar de saudade e de pena, tudo quanto constituiria a vida rara de dois que se amavam e se entendiam. Pois desde os mais singelos episodios d'aquelle conviver, até ás mais impressivas alegrias d'aquelle amor e d'aquella vida, e ás mais extenuantes dôres d'aquella doença e d'aquella morte — tudo era reproduzido, nitidamente, pormenorissadamente, implacavelmente, constantemente, pela evocativa imaginação morbida de J. . .

A par d'esta dolorosa labuta hypermnesica, viera-lhe, de novo, uma notável e progressiva hypomnesia para tudo o que não dizia respeito ao assumpto do seu insistente cogitar. Foi perdendo — primeiramente a memoria dos nomes, depois a do tempo, em seguida a dos logares, e, finalmente, a dos factos. Tinha duvidas, que o angustiavam fortemente, a respeito dos nomes de amigos e de pessoas de familia. Fôra-se-lhe a noção do tempo que decorrera depois de certos episodios da sua

existencia —taes como viagens, exames, etc. Desorientava-se facilmente em sitios que, d'antes, conhecia bem.

Esquecia rapidamente grande parte das coisas que fazia, que dizia e que lhe diziam, conservando, todavia, menos mal, a faculdade de recordar factos antigos.

Vinham-lhe, com intermittencias, grandes irritabilidades e desigualdades de character; considerava, por exemplo, *irritante e offensiva* a alegria dos extranhos que encontrava, e tornou-se levemente anthropophobo. Por vezes falava com facilidade e animação sobre os seus padecimentos; outras vezes, e era este o seu estado ordinario, caia n'uma funda tristeza muda. Teve, por este tempo, violentas e dolorosas excitações genesicas — coincidentes, em regra, com as horas de mais intensa dôr psychica ⁽¹⁾ — anomalias, sem desejo, brutas, acompanhadas, até, por accentuada gymnophobia. Extenuavam-o, tambem, numerosas polluções nocturnas, durante o somno — e sem o mais leve sonho erotico. A estas anomalias genesicas — que duraram algumas semanas — seguiu-se um intenso hypogenesismo que se prolongou por mais d'um anno.

Tornara-se azedo e injusto para as pessoas com quem vivia, mormente quando estas pertendiam distrahir-o e animal-o.

— «Que o deixassem; não estava para maçadas. Tudo, n'este mundo, era doloroso e mau; valia mais morrer, descançar, não sentir...»

E veio-lhe, pouco a pouco, n'um crescendo de insistencia e de dominio, a idéa d'um suicidio — que nunca realisou, em parte por carencia de impulsividade, em parte por amor a pessoas de familia, e em parte pela

(1) Esta coincidência interessante, que não vejo referida por nenhum pathologista, não escapou á observação miuda e fina do conhecido litterato Paul Bourget que a considera um phenomeno geral.

idéa calmante de que esse *remedio* supremo estava ali, sempre, e bem, ao seu dispor, para o caso d'uma completa insupportabilidade da vida...

E addiava o acto, pensando entretanto, na *maneira* de o realisar...

Achava repelente a morte por enforcamento...

Precipitar-se d'uma janella, sobre ser impudico, seria *creadal* (era este o termo mentalmente formulado), e repugnava ás suas vaidades de artista. Parecia-lhe bom um tiro na cabeça, de tal arte que a bala, entrando pelo tecto d'uma das cavidades orbitarias, atravessasse, *matasse*, a parte anterior do cerebro...

Melhor seria, talvez, morrer no mar alto, de noite, no meio d'um temporal e d'uma trovoada — de modo que se attribuisse aquillo, o que seria facil, a um desastre e não a um proposito...

Mas os peixes, os tubarões, que comem os cada-veres!...

E o imaginar-se *a ser devorado*, depois de morto, por monstros do mar, fazia-lhe um terror muito maior que o phantasiar-se *a morrer afogado*...

Era preferivel o tiro; era mais prompto, mais certo, mais pratico.

E ficava a pensar n'isto durante horas e horas, n'um interessante estado psychico feito de gozo e de soffrimento, mixto singular e turvo em que dominava vagamente como que o extranho prazer amargo d'uma vingança — exercida por um cerebro n'elle proprio.

«Quero matar o meu pensamento porque o meu pensamento me está matando»; tal é, approximadamente, a synthese extravagante d'aquelle pensar moribido.

Nas horas de reacção, em fugazes resoluções *heroicas* de viver, appellava fervorosamente para o amor que tinha aos paes, e mendigava affectos novos que o prendessem á vida; mas em seguida, *envergonhando-se*

d'estes ardis que elle acoimava de *cobardes*, recaía no seu sombrio pessimismo.

Valeu-lhe grandemente, todavia, a boa tanificação psychica que lhe vinha—do amor dos e aos velhos paes ausentes; da desvelada companhia cariciosa d'uma pessoa de familia—fragil, valetudinaria e superiormente bondosa; e dos suggestivos conselhos sobrios d'um amigo grande—e medico eminente—por quem J... tinha, e tem, veneração.

Viveu, assim, 7 mezes, durante os quaes, a bem dizer, não pode trabalhar muito nem pouco se bem que tinha estudos serios a seu cargo. E quando, n'um supremo esforço cujos factores eram o dever, a urgencia e a vaidade, quiz trabalhar—lêr, pensar, escrever—retombou rapidamente n'uma grande atonia melancholica.

Tinha soffrido, pouco antes, uma *grippe* de forma nervosa, com delirio nocturno *consciente* e alegre (julgava-se na patria, com a esposa e o filho, n'um risonho viver campesino), que o enfraquecera poderosamente. (E' de notar que J... se recorda sempre, e bem, do que *pensou*, disse e fez durante os seus delirios febris). Convencido, mais uma vez, de que estava de todo, e para sempre, inutilisado, voltou-lhe, com energia e insistencia, a ancia de morrer. E havia n'esta ancia, certa logica d'um altruismo curioso: «*consentira* em viver para ser util; não podia sel-o porque estava irremediavelmente inutilisado; portanto...». Tal era, então, o assumpto dominante do seu scismar sombrio. Peorou. Teve:

—Terriveis tachycardias oppressivas, mormente de noite, que o obrigavam a deitar-se no chão, onde lhe parecia alcançar ligeiro allivio.

—Todos os depressivos phenomenos cerebraes que já soffrera.

—Hyperacusia que lhe tornava insupportaveis todos os ruidos, desde o rodar dos carros até ao tic-tic

dos relógios. O bater d'uma porta, por exemplo, fazia-o estremecer profundamente.

— Cogitações delirantes: «Estou perdido... Vou en-doiecer... Que será da minha família?... A verdade é que os verdadeiros doidos são os que acham bom este mundo... Já todá a gente sabe, e diz em voz baixa, que estou doido; mas ouço e percebo tudo quanto se diz *no mundo*... As palavras que me dizem teem sentidos occultos e perfidos; *agua* quer dizer — morrerás afogado; *amor* exprime abreviadamente — *a morte*. A morte?!... Mas a *morte não existe*; ha apenas, *mudanças de fórma*... E a *materia tem memoria, conserva a vibração das dôres*... Soffrerei, pois, eternamente... Porque? Porque *a dôr é a fórma definitiva e estavel do existir. O gozo é um episodio, rudimentar e grosseiro, do soffrir*...

— *Ancia da explicação*: «Tudo quanto existe é *Materia e Força*. Toda a *Materia é hydrogenio* — sob diversos *aspectos*; e toda a *Força é calorico* — sob diferentes *fórmãs*. «No principio o *Espirito de Deus* caminhava sobre as *aguas*» — é o *mystico symbolo biblico* d'uma antiga verdade scientifica... O *hydrogenio é a fórma estatica* do *calorico*, e o *calorico é a fórma dinamica* do *hydrogenio*... Tal é a origem *congnoscivel* de *Tudo*...» E, com esta *base, explicava* o principio e a razão de ser do *Mundo, da Vida, da Morte, do Gozo e da Dôr* — scismando até á *extenuação*, e variando muito a intensidade do *pessimismo* com que, de ordinario, *condimentava* taes *explicações*.

— *Hyperemotividade melancolica*. Vira, pouco tempo antes, *adoecer e morrer* uma *creança* d'uma *familia amiga*, e ficara *extraordinariamente abalado*.

— *Anciedade*.

— *Misanthropia*.

— *Insomnia*.

— *Pollakiuria e urina hyperacida*.

— Emaciação, hypomyosthenia, anorexia e ligeira gastricidade.

Durante este padecer longo e forte, J. . . , por diversas vezes, mas sem regularidade e sem *fé*, tratou-se:

— Pelos arsenicaes e por outras substancias de efeitos similares — sem resultado sensivel.

— Pelos alcalinos e pelo IK com alivios nitidos.

— Pela electrotherapia (banhos franklinicos e capacete vibrante de Gilles de La Tourette) — que o melhorou.

— E pela hydrotherapia (affusões matinaes á nuca e columna vertebral, banhos de lençol, e duchas a alta pressão) — que o curou.

A par de tudo isto teve um valioso tratamento psychico, constituído por:

— Cartas amoraveis de familia, lidas com enternecimento e meditação.

— Conselhos sabios d'um medico amigo, escutados com respeito e acquiescencia.

— Convivencia, durante mezes, com um amigo certo, patricio, neuropatha, infeliz, de character superior e de intelligencia fina.

— E estudos da biologia, de medicina e de litteratura, os quaes — interrompidos, pela doença, durante mais de um anno — voltaram, pouco a pouco mas progressivamente, a constituiu a maior e a melhor occupação mental de J. . .

Actualmente — sente, pensa, lê, escreve, viaja, lida, vive, se não inteiramente como um feliz e um normal, ao menos como um resignado e um util.

Está menos abertamente emotivo, e mais pensadamente critico.

Do que tem padecido e estudado vae extrahindo e architectando — tanto quanto isso lhe cabe no possivel — a sua *sciencia de viver*, cuja base é — uma larga serenidade forte, nem sempre isenta d'uma certa ironia mansa. . . Percebeu que o actual cerebro humano — trasbordante

de infantis receptividades, e pobre de solidas noções definitivas — é um órgão em evolução, em ensaios, hesitante, inexperiente — pelo menos n'este nosso espheróide torto, e n'esta nossa epocha atrasada. Mais felizes serão os homens do futuro quando souberem medir mais justamente, e manifestar mais naturalmente, o natural e justo egoismo humano.

Até lá, a vida do homem, muito mesquinha e rudimentar, não merece ao possuidor — nem grandes enthusiasmos, nem fundos desesperos; é, apenas, um singelo factó natural que deve ser supportado com socego e comprehensão.

OBSERVAÇÃO B

UM CASO DE MYELASTHENIA EM QUE A POLLAKIURIA
FOI O SYMPTOMA INICIAL E DOMINANTE.

F. . . , de 27 annos, estudante de medicina, intelligente, muito fallador, portuguez provinciano, é de constituição robusta e pesa 84 kilos.

Vem de pessoas sadias — exceptuando a mãe que teve *asthma nervosa* desde a mocidade até á morte.

Tinha 21 annos quando uma forte *pollakiuria* começou a inquietal-o por tal fórma — que o obrigava a urinar de 4 a 6 vezes por hora.

Medicou-se — numerosas vezes, de modos differentes, com drogas varias, por conselhos de clinicos diversos — sem resultado apreciavel.

Passados, assim, 3 annos, vieram-lhe, pouco a pouco: uma notavel *hypomyosthenia geral* — mormente nos membros inferiores, uma leve *rachialgia* — que se aggravava com qualquer exforço, e pequenas *dores fulgurantes* — principalmente nas pernas e de noite.

Dois annos depois — e só então percebeu que fora um *myelasthenico* e ia a tornar-se um *neurasthenico*

geral — teve esboços de *gastricidade*, de *amnesia*, de *taciturnidade*, de *abulia* e de *cephaléa*...

Fez uso do IK com proveito, e da hydrotherapia com optimo resultado.

Actualmente é quasi um sadio.

OBSERVAÇÃO C

UM CASO DE HYSTERO-NEURASTHENIA FEMENINA, TERMINADO
POR UMA TUBERCULOSE MYELENCEPHALICA

M... nasceu, e viveu até aos 25 annos, n'uma das ilhas dos Açores. Descendia, pelo pae, de antigos fidalgos portuguezes, aventureiros e colonisadores; e, pela mãe, d'uma humilde familia de cultivadores.

O pae, plasticamente correcto e distincto, era intelligente, instruido, energico, leal, *emotivo*, muito *impetuoso e extremamente verboso*. Estudou Direito em Coimbra, teve uma mocidade fatigantemente gozada—que o deixou mais ou menos latentemente *syphilisado*, e morreu aos 74 annos.

A mãe, notavelmente sadia e forte em nova, de grande talhe, muito activa, quasi formosa, sagaz, *neriosa, impressionavel*, teve—em seguida a uma *serie de abortamentos embryonarios*—um filho que morreu após o parto, e duas filhas que viveram. Depois dos abortamentos, e durante todo o resto da vida, soffreu, de vez em quando, apezar d'uma apparente saude e d'uma crescente nutrição, teimosas *inflammções de pelle, alopecias, dores* (que attribuia ao rheumatismo) nos membros inferiores, *pequenos tumores sobcutaneos*, e morreu, aos 60 annos, d'uma pyohemia consecutiva ao aggravamento invencido d'um anthrax.

Viveu sempre na mais completa e ingenua insciencia a respeito da verdadeira natureza dos seus antigos males, e sem medicações adequadas ao caso...

M... — nascida quando o pae tinha 72 annos, e a mãe cerca de 30 — era primogenita.

Muito parecida com o pae, alta, agil, delgada, fragil, d'uma rara elegancia natural, d'uma senhoril distincção despreoccupada, com abundantissimos cabellos castanho-escuros, com olhos castanhos scismadores e suavemente myopes, morena-pallida, de physionomia superiormente espiritalisada e fina — ella era o que havia de mais inexcedivel em nobreza, bondade, firmeza, lealdade, pureza e superioridade de character. Mais talentosa que instruida, mais intuitiva que analysta, mais perceptiva que estudiosa — o seu entendimento era uma associação interessante e singular de ousadia e de ingenuidade, de penetração e de innocencia, de viveza e de originalidade. Creada no campo, em familia, livre de convencionalismos de educação, sob a direcção d'uma professora mais bondosa que sábia e mais amiga que mentora, estremecida pela mãe e pela irmã (fragil, valedudinaria, muito nervosa e muito bondosa), profundamente estimada por toda a gente do logar, amada por todas as creanças que a conheciam — o seu character formou-se naturalmente, á solta, com todas as altas e fortes qualidades do que é puro e é livre.

Estudos muito elementares — mas apaixonadamente sentimentalizados — de botanica, floricultura e zoologia, e a leitura aturada — e intensamente sentida — dos romancistas, educadores, humoristas e poetas (Camillo, Herculano, Julio Diniz, Walter Scott, Dickens, Cooper, Dumas pae, Hugo, Daudet, Loti, Ramalho Ortigão, Thackeray, Michelet, João de Deus, Anthero, Crespo, Shakespeare, Lamartine, etc.), constituiam todo o seu modesto e despretençioso saber scientifico e litterario.

Mas foi-se-lhe exagerando a sentimentalidade — que era grande, ao passo que se lhe ia deteriorando a saude — que era fraca.

Os excessos de imaginação e de phantasia — a par

das deficiências de appetite e de alimentação (pois pouco mais que doces e chá ella ingeria), e das faltas de occupação methodica e de trabalho muscular (porque pouco mais fazia que lêr muito e passear pouco)—fatigaram-a, levaram-a ao perigoso estado morbido do *sonhar em vigilia*... (E tal estado accentuara-se desde que ella tivera—aos 17 annos— uma *pleurisia* grave, de evolução lenta e character alarmante, da qual incompletamente triumphára com o pulmão esquerdo lesado, e com o respectivo lado thoraxico atrophiado).

Em que sonhava?...

No que sonha, é bem de vêr, uma ingenua creatura nervosa, com 20 annos, rica de sensibilidade e de credulidade, que leva a vida a lêr romancistas e poetas...

E amou (facto grave na vida de todas as mulheres, e, principalmente, na vida d'uma mulher como M...) com toda a exagerada vibração nervosa d'uma inabalavel paixão dominadora que vinha destinada a ser a primeira, a última e a unica.

E como o noivo andava quasi sempre ausente — n'uma dura lucta pela vida — em paiz distante, aquella paixão crescente e reciproca, tornou-se uma angustia para os dois, e mais um motivo de doença para M... — a quem, após alguns annos d'este viver em continua emoção, vieram todos os symptomas d'uma *pequena hysteria*.

Por esse tempo, a doente — que era corajosa até ser temeraria — foi nadar em dia de mar bravo.

Atirada brutalmente á praia por uma onda — ficou, alem de contusa e semi-afogada, com luxações escapulo-humeral e radio-carpica direitas, e com fractura humeral do mesmo lado.

O choque, o trauma, o longo tratamento doloroso das lesões ditas, o pezar de affligr o noivo e a familia, a vergonha da sua infantil temeridade, e o receio de ficar defeituosa — causaram-lhe uma *hystero-neurasthe-*

nia cujos symptomas — além dos sabidamente classicos — eram :

— Pequenos ataques de delirio, ora triste ora risonho, durante o tratamento da fractura e das luxações. «Fiquei despedaçada, na praia, entre as pedras... Apanhem os bocados do meu corpo, e guardem-os para o J...» (o noivo), e insistia n'isto.

«Estou melhor... boa de todo... O J... já veio...», e ria...

— Abatimento geral. Grande depressão cerebral. Invencível somnolencia. Vertigens.

— Anorexia. Pyrosis. Gastralgia. Nauseas. Tympanismo gastro-intestinal. Pseudo-peritonite. Retenção e endurecimento das fezes. Colite muco-membranosa.

— Dôr aguda e teimosa, referida, pelo que parecia, ao ovario esquerdo. Dysmenorrhœa. Nevralgias faciaes, lombares e uterinas.

— Acessos frequentes de dyspnea — como *por estrangulação*.

— Emaciação. Pallidez. Anemia. Desmaios.

— Hypomentalidade. Desanimo. Oscillações bruscas entre a tristeza e a alegria. Infantilidade. Hypobulia... (Apenas tinha energia para escrever longas cartas a J... , e, como não readquirira ainda completa acção no braço direito, *aprendeu a escrever com a mão esquerda*.)

Sobre este fundo de fraqueza e de irresistencia accentuaram-se-lhe os signaes d'uma *escrophulose* — *que sempre tivera mais ou menos latentemente*.

Casou algum tempo depois d'estes accidentes, pouco melhorada na sua vida vegetativa, mas n'um alegre e intenso viver psychico.

E melhorou consideravelmente — com a alegria boa e o socego grande de vêr realisada a mais forte e mais alta aspiração de toda a sua vida.

Passado pouco tempo concebeu. E esta nova complicação physiologica, ao passo que a tonificava psychi-

camente — porque M... tinha uma solida comprehensão boa da vida, um nobre desejo delicado de ser mãe, e uma vaga apprehensão deprimente de não ter a saúde necessaria para o ser — debilitava-lhe fortemente o fragil organismo enfermo.

Recaiu na sua hystero-neurasthenia, em que dominavam :

— Grande hyposthenia geral que lhe tornava fatigante o minimo trabalho.

— Invencivel somnolencia continuada que a obrigava a deitar-se a cada passo, e a dormir a toda a hora.

— Hypomentalidade crescente — com episodios fugazes de vivacidade humoristica.

— Anesthesia pharyngea, e hyposthesia nas extremidades dos membros.

— Hyperesthesia no ovario esquerdo.

— Anorexia, cívada, por vezes, de malacia.

— Desordens gastro-intestinaes.

— Emaciação forte.

No fim do quarto mez da gestação teve fortes choques emotivos e excessos de trabalho adstrictos a uma doença febril e grave — se bem que passageira — de J...

D'alli a um mez, e quando parecia ir supportando menos mal a gravidez, abortou.

O feto, que apenas uma vez dera leves e duvidosos signaes de vida, nasceu extremamente emmagrecido.

M... peorou, então, assustadoramente; e no seu enorme soffrer moral e physico destacava-se a dolorosa *apprehensão hypochondriaca*, resistente a todas as consolações, de ter, por doença sua, perdido o filho e angustiado o marido.

— Affirmou-se, cada vez mais, o seu abatimento.

— Aggravou-se-lhe muito uma angina chronica, rebelde aos tratamentos (da qual soffria desde creança, e

que era, talvez, derivada da herança morbida paterna).

— Começou a ter febre vespéral; suores nocturnos; tosse teimosa e secca, mormente de manhã, com expectoração exigua e raramente estriada de sangue...

.....
... Todos os symptomas e signaes alarmantes e desoladores d'uma tuberculose a desenvolver-se-lhe no *pulmão esquerdo*.

— Cresceram-lhe, com rapidez e intensidade, a inapetencia, as gastro-enteralgias, as colitas, e a abdomectasia tympanica e dolorosa.

— Veio-lhe uma ligeira metrite.

— A dysmenorrhœa habitual transformou-se-lhe em amenorrhœa absoluta.

— Tornaram-se-lhe cada vez mais intensos os phenomenos hystero-neurasthenicos.

— Teve uma *otite media, esquerda*.

— E, passados quatro mezes, durante os quaes a energia dos males e a inefficacia dos remedios cresceram sempre, M... morreu, aos 26 annos, com uma tuberculose, que, iniciada n'um pulmão, lhe invadira, depois, *principalmente o cerebro e a medulla*.

* * *

Aventuro a hypothese, que se me afigura merecedora do estudo e da critica dos pathologistas e dos clinicos, de que a hysteria e a neurasthenia de M... — isto é a *fadiga, o exgottamento, a fraqueza, a vulnerabilidade do seu tecido nervoso* — constituiram a *oportunidade* para a tuberculisação do seu myelencephalo, que era, ao tempo, o *systema mais doente, e, por isso, menos resistente* do seu organismo.

E talvez esta hypothese se possa, e se deva, generalisar um pouco. Seria valioso e util observar se a tu-

berculose—pouco frequente, como se sabe, nos verdadeiros neurasthenicos—ataca, de preferencia, e oppositamente ao que faz nos verdadeiros tuberculisaveis, o tecido nervoso d'aquelles neuropathas.

OBSERVAÇÃO D

EGOISMO D'UM NEURASTHENICO GERAL DEGENERADO.

A... pertence a uma antiga e fidalga familia portugueza, e coube-lhe uma herança morbida notavelmente carregada: os paes e os irmãos — quasi todos talentosos — são, todos, mais ou menos neuropathas.

E' de estatura regular, a sua phisionomia e as suas maneiras são originaes, foi forte, e conta 30 annos.

Tem um curso de mathematicas superiores e é intelligente.

Foi um *sensual* e é um *gastronomo*. Apresenta alguns estigmas plasticos de *degenerescencia*.

Após excessos de coito, exageros de meza, alguns annos de fatigante residencia na ilha de S. Thomé, e leves ataques de impaludismo — cahiu n'uma neurasthenia grave, chronica, rebelde aos tratamentos usuaes.

Apresenta *todos os symptomas e signaes*—desde os mais frequentes e importantes, até aos mais raros e ligeiros — da sua nevrose; e tem, como phenomeno superiormente interessante — pois que os outros são classicos e bem sabidos —, um *enorme egoismo de degenerado*.

Alguns dialogos — que copiei do natural com o possivel rigor de exactidão e de sinceridade—revelam, talvez melhor que pretenciosas analyses physiopsychologicas, aquelle estigma mental.

— Como está você hoje? . . Pergunto n'um tom pa-chorrentamente familiar e sem cerimonia.

—«Muito mal, muito mal, muito mal...» E, ao dizer isto, olha-me de soslaio, disfarçadamente, n'um mixto de ancia e receio de descobrir o que penso d'elle.

«Olhe!» E mostra-me a lingua, com insistencia e demora, interrogando-me, entretanto, assim: «Hein?!... Hein?!... Hein?!...», rapidamente, e com a lingua ainda á mostra.

— Isso vae um pouco melhor, e muito melhor iria se você fosse menos apprehensivo. Mas se essa apprehensão é propria de essa doença! Ainda assim, tente pensar em outra coisa... pense, por exemplo, no que sofrem os outros...

—«Não me importo com os outros para nada!» Atalha bruscamente. «Os outros!...» Exclama com uma enorme ironia desdenhosa e amarga. «Os outros!... Só me importo commigo, com a minha doença, e é bastante, muito bastante... Não é? Não é? Hein? Hein? Hein?...»

—N'esse caso, os seus amigos, os seus compatriotas, toda a população d'essa Europa, toda a especie humana emfim...

—«A especie! A especie!» Atalha elle ainda, com aze-dume. «Quero que a especie...» e termina com uma obscenidade. «A especie! O palavrão com que você vem! Até parece impossivel! Importo-me tanto com a especie como ella se importa commigo e com o meu estado... com o meu estado que é pessimo, não é verdade? Hein? Hein? Hein? Não é verdade? Mas diga! Diga! Diga! Não é verdade que estou muito mal?...»

—Está, sim, (sobresalta-se)... está... insupportavel (reanima se)... está intratavel (ri desdenhosamente)... ha em você um egoismo tão desmarcado que chega a ser interessante (encolhe os hombros). Por esse processo de sentir e pensar—o mundo para você é você!?...

—«Mas claro, claro, mas é isso, é isso! E então? Não tenho razão? No meu estado... olhe para o meu estado!

Que diz? Que diz? Hein? Hein? Hein? Que diz? Estou muito mal, não estou? Hein? Hein?...»

—Veja se pôde lêr... coisas ligeiras... notícias... porque você não pôde, talvez, trabalhar...

—«A quem você o vem dizer! Claro! Claro! Não posso trabalhar! Não posso fazer nada. Tenho uma *sensação de esvaimento* que dá cabo de mim... Parece-me que *o chão se afunda debaixo dos meus pés*...»

E para que quero saber o que se passa por esse mundo? Sim, para quê?... Que me faz que japonezes matem chinezes, e que chinezes matem japonezes? Não quero saber *d'esses ratos* para nada... só se... Olhe, meu amigo, quer saber? Quer saber? Escute! Escute! Quer que eu lhe diga? E é muito francamente, muito francamente... *eu não desgostaria que elles, e europeus, e todos, morressem—contanto que eu melhorasse... ainda que fosse só por cinco minutos*... Que eu estou mal, mal... Não estou? Hein? Hein? Não? Hein? Hein?...»

* * *

—Tem sahido de casa? Tem-se tratado?

—«Tenho, tenho. Tenho ido tomar *a ducha*, e fui consultar os medicos... São *umas bestas, uns malandros*, não sabem nada. Cada um diz sua coisa e dá seu remedio. Tomo os remedios, tomo tudo, e cada vez estou peor... Não sabem nada... Dão cabo de mim... Dão cabo de mim... São *uns malandros*...»

—Todos? Pergunto risonhamente.

—«Quasi todos, quasi... Olhe! — A... disse me que eu tinha syphilis e *envenenou-me* com mercurio, *deu cabo de mim* com mercurio...»

E tenho, talvez, syphilis, sim, parece-me que tenho. Veja! Veja! Observe-me! Que lhe parece? Hein? Que lhe parece? Diga? Hein? Hein?

B. . . , em Coimbra, achou-me tuberculoso, assustou-me, *deu cabo de mim* . . .

Você acha *alguma coisa* nos meus pulmões? Hein? Diga? Acha? Hein? Hein? Hein?

Você diz que não. . . Dê-me você a sua palavra de honra. . . Hein? Dá? Dê! Hein? Hein?

— Já lhe disse, você não está tuberculoso.

— «Quem sabe? Quem sabe? Os medicos! Os medicos! Mesmo quando percebem *alguma coisinha* nunca dizem a verdade á gente. *Mentem como o diabo*.

Se chego a saber que estou tuberculoso morro para ahi, immediatamente. . . Estou? Hein? Estou? Diga? Mas diga? Hein? Hein?

— Não.

— «Mas estou *dyspeptico*, sou um *gastrico* como me disse C. . . , não sou? C. . . acertou, não acertou? Hein? Hein? Mas tenho-me enchido de remedios para o estomago e não melhora, estou cada vez peor. Não estou? Hein? Você e outros dizem que tenho uma *neurasthenia* . . . Um palavrão, mais nada, um palavrão. A neurasthenia nem é uma *doença*, é um *syndroma* . . . sim, é um *syndroma*. Tendo lido livros que tratam d'isso, e cá sei, cá sei. O que me parece é que tenho o principio d'uma *paralysia geral* . . . Hein? Tenho? Tenho? Hein? Tenho? Hein? Hein?

— Deixe-se d'isso, homem! Não tem.

— «Vocês sabem lá! Ha cada medico! Escute você — o X. . . é um *idiota*, não é? Hein? Não é? O Y. . . é um *patife* que só trata de arranjar dinheiro, não é verdade? Não é verdade? Hein? Medicos! Não sabem nada! Não sabem nada! . . .

Olhe! Olhe! Olhe! Não se vá ainda! Espere! Espere! Espere! Tome-me o pulso outra vez! Tome-me o pulso! Que tal o acha? Hein? Hein? Peor? Peor? Veja a lingua! Veja! Mas veja bem! E o estomago? Que tal o achou? Muito dilatado? Hein? Diga-me ou-

tra vez! Diga! Diga! Hein? Hein? Então?... Então?...»

— Socegue! Que mêdo enorme tem você de morrer!

— «A quem você o vem dizer! E' claro! E' claro! Tenho *horror ao anniquilamento*. A idéa de *não sentir* horrorisa-me. Não sei como ha sujeitos que se matam, não sei. E alguns *teem saude!!*... Parece impossivel, não é verdade? Hein?... Se você soubesse a *zanga que me faz vêr por ahi tantos com saude, alegres, a gozar!* Se você soubesse!

E eu para aqui n'este estado, e cada vez peor, não é assim? Hein? Não é assim? Hein? Hein? Hein?...
.....»

OBSERVAÇÃO E

ALTRUISMO, EMOTIVIDADE E PESSIMISMO D'UM EPILEPTO- NEURASTHENICO DEGENERADO

C..., irmão de A... (observação D), é notavelmente talentoso, imaginativo, ousado e cavalheiroso.

Fala e gesticula com extraordinária exuberancia, é extremamente emotivo — e tem todos os symptomas, desde as *vertigens* e *ausencias* até á *queda* e ás *convulsões*, que caracterizam os epilepticos.

Apresenta, como o irmão, alguns estygmata morphologicos de degenerescencia...

Tem 38 annos, é ardentemente amoroso, e parece fortemente alegre. Percebe-se, porém, facilmente, que toda a sua ruidosa vivacidade assenta sobre um fundo invencivel de tristeza e de desanimo.

São as contrariedades amorosas que provocam n'elle, as mais das vezes, os ataques fortes do *grande mal*.

E', em regra, um *excitado*; sob a acção de qualquer forte impressão psychica tem repetidos ataques

epilecticos; e, passado este periodo de excitação maxima, tomba n'um *estado neurasthenico* perfeitamente symptomatisado, do qual passa, pouco a pouco, e durante dias, á *excitação* usual. Tal é, esboçadamente, a interessante periodicidade da *epilepto-neurasthenia* de C...

Pretendo pôr-lhe em fóco a extranha mentalidade pelo processo que empreguei no estudo de A...

* * *

— Como vae, C...?

— «Perfeitamente!... O peor é que não durmo, sabe você? Não durmo, palavra de honra, palavra de honra! E isto é o diabo. Se continuo assim dou em doido ou dou um tiro na cabeça. Isto de viver é reles, é uma *espiga*, é uma *pouca vergonha*. Não me importo com a vida para nada, sabe? Um dia mato-me para ahí... Já estive perto d'isso algumas vezes... e vou ficando... não sei para quê. Olhe que lhe dou a minha palavra de honra de que tudo isto é assim, dou-lhe a minha palavra de honra! O unico prazer que sinto é em *ser util a qualquer pessoa*; mas isso é pouco, e o mais é *pulha*, muito *pulha* (rindo sempre com grande animação), é reles, muito reles...

— E como corre o assumpto *amor*?

— «Não me fale n'isso, não me fale... Estou perdido, estou prompto. Ha *alguem* que me irrita, que me mata, que me queima... Só n'*ella* penso, levo as noites a escrever-lhe, ando doido por ella, doido, doido, doido, palavra de honra, palavra de honra, juro! E ella não me percebe, não tem nervos, é uma estatua, é um horror! E, todavia, é uma boa e nobre creatura; mas não me entendo com ella; tenho vontade, ás vezes, de a despedaçar; e fico a tremer, a tremer, se lhe aperto a mão e se lhe falo!! Sim, homem, a tremer, eu a tremer deante d'uma mu-

lher!!! Não sei se você percebe? Não sei se você percebe? E ciúmes!... Quando me passa pela cabeça que ella pôde amar outro homem, creia você que *vejo tudo vermelho* e tenho *gana* de a esmagar. Faz-me mal isto, conheço que me faz mal; mas *não posso ter mão em mim*. O meu mal é vê-la; se a vejo fico perdido, fico prompto, fico doido. Que eu amo-a, e, afinal, ella é uma excellente creatura, mas não me entende, irrita-me, endoidece-me, mata-me. Ando, agora, com os *ataques*; sinto uma *pancada* e uma *dôr* na cabeça, e *záz!* *terra!* tomo redondamente! Que porcaria de vida! A vida, meu caro amigo, não vale um cigarro! Decididamente dou cabo de mim um dia...» (É tudo isto é dito com grande rapidez vibrante, com fogosa *alegria* epileptica).

* * *

— E, agora, como está?

— «Mal; não presto para nada. Fiquei, como fico sempre depois dos ataques, n'um enorme abatimento que me dura dias e, ás vezes, semanas. Ando n'uma tristeza enorme, n'um espantoso desgosto por tudo. Não tenho cabeça senão para soffrer. Não posso comer, não posso dormir, tenho vertigens, tenho *mêdo!* Sim, eu que, *em regra*, não tenho *medo de nada*, nem mesmo de *morrer*, ando agora com *medo de tudo*... principalmente com *mêdo de viver*...

Não sei se você me percebe? Não sei se me faço entender?... (Fala, agora, com lenteza e amargura). Estou triste, muito triste, medonhamente triste!.....»

A SUPERIORIDADE DA IDEAÇÃO ESTÁ RELACIONADA COM A COMPLEXIDADE DA VASCULARISAÇÃO. A SOBERBA INTELLECTUALIDADE DO HOMEM DERIVA DA MODESTA VERTICALIDADE DO ANTHROPOIDE. AS SUBLIMIDADES DE PENSAMENTO DEPENDEM DE SBTILEZAS DE HYDRAULICA. FILIAÇÃO REMOTA DA «DIVINA COMEDIA», DA «COMEDIA HUMANA», E DA «ETERNA COMEDIA...» O TRABALHO MUSCULAR É A TRANSFORMAÇÃO DE «CALOR» EM «ACÇÃO E MOVIMENTO». O TRABALHO CEREBRAL É A TRANSFORMAÇÃO DE «CALOR» EM «EMOÇÃO E PENSAMENTO». A DES-INTEGRAÇÃO CHIMICA E A INTEGRAÇÃO MOLECULAR DOS TECIDOS VIVOS. A LEI DO RHYTHMO. O ANTIGO E MYSTERIOSO «SOPRO METAPHYSICO», E O MODERNO E COMESINHO «ALBUMINOIDE ALIMENTICIO ..» AS «IRRADIAÇÕES NEURO-FLUIDAS», O HYPNOTISMO, E A TELEPATHIA. O NATURAL E O SOBRENATURAL. A FADIGA E A ACIDEZ DA SUBSTANCIA NERVOSA. OS FACTORES DA NEURASTHENIA. O CHARACTER BIOCHIMICO DA NEURASTHENIA É UMA AUTO-INTOXICAÇÃO. EXPERIENCIAS. CONCLUSÕES. O «HYPERACIDO» DE BENGE JONES, O «ARTHRITICO» DE BAZIN, O «HERPETICO» DE LANCEREAUX, E O «NEURASTHENICO» DE BEARD.

A vascularisação encephalica do homem é, em toda a serie animal, a mais rica e complicada. E, d'um modo geral, a irrigação d'um cerebro é tanto menos apurada e complexa quanto mais atrazado e singelo está, na serie viva, o portador de tal cerebro.

Ha pois —o que, de resto, é perfeitamente logico — necessaria relação estreita entre as finas ramificações arteriaes e as altas aptidões cerebraes; e estas dependem, até certo ponto, d'aquellas — visto que, na genia do Vivo, a *circulação* é anterior á *cerebração*.

No homem, talvez a posição erecta seja factor grande, ou principal, ou unico, da superioridade cerebral...

Parece-me que do facto da modesta verticalidade do anthropoide nasceu o phenomeno da soberba intellectualidade do homem...

A difficuldade hydraulica de irrigar um orgão, que, desde certo tempo, se foi sobrepondo, mais e mais, ao centro circulatorio, impoz á plasticidade material a necessidade ou, pelo menos, a conveniencia de polyfurcar e afinar, com o esmero e a tactica *especiaes* ⁽¹⁾ que os anatomistas conhecem, a corrente sanguinea destinada ao cerebro. E, assim, o sangue, em vez de ser brutaemente agitado — ao subir verticalmente — pela rudeza *continua* da gravidade em lucta com a acção *intermittente* da *systole*, é docemente protegido — ao fugir obliquamente — pela propria obliquidade sagaz do trajecto e pela fina acção crescente da capillaridade. E' a eterna victoria do *rodeio astucioso* sobre a *rectidão franca*...

D'est'arte o encephalo do anthropoide *progressivo* passou a ser nutrido com mais *delicadeza* e *continuidade* do que o de qualquer dos animaes cujos coração e cerebro ficaram no mesmo plano horisontal; e não me parece illogico suppor que d'esta superioridade da nutrição cerebral dependa a supremacia da cerebração humana. As sublimidades de pensamento derivam, talvez, de subtilidades de hydraulica...

Suspêito que o primeiro quadromano *perfectivel* que — por fereza, por medo, por curiosidade, para *atacar* melhor, para *fugir* melhor, para *saber* melhor — alargou o seu horisonte *andando de pé*, estava alicerceando, n'esse obscuro e não muito honesto tentamen, as geniaes cruizas dos Tiberios, as insignes cobardias dos Caligulas, e as grandiosas ideações dos Aristoteles...

Estou em crêr que a *Divina comedia* do invejado

(1) Lembro-me do hexagono (ou heptagono) de Willis, e da interessante hypothese de Golgi (Vid.—*Sulla fina anatomia degli organi centrali*...) ácerca da nutrição do cerebro.

Dante, a *Comedia humana* do imitado Balzac, e a *Eterna comedia* dos invejosos e dos imitadores — estão remotamente filiadas n'uma singela e comesinha differença de nivel entre o centro da circulação e o centro do pensamento... (1)

O que parece incontestavel é que da boa nutrição de um encephalo depende a boa funcção do mesmo. Não ha sabio nem valente com mau sangue ou más arterias.

E' que o cerebro — este garrulo orgão abelhudo, que tanto tem inventado, e tanto tem errado, e tanto tem padecido — existe e funciona — como qualquer outra coisa, como a pedra, como a arvore, como Tudo, — segundo a lei da conservação da Materia e a da conservação da Energia. O seu destino é *sentir e pensar*, como o da glandula é *segregar e excretar*. Mas tem cumprido tal destino menos sabiamente, ás vezes, que a glandula, porque tem cahido na velleidade, desvairada e desvairante, de se julgar *extranatural!* E tem-lhe vindo, d'isso, tanto mal — tanto atrazo, tanto erro, tanta dôr!...

* * *

Sabe-se (desde os valiosos estudos de Béclard, de Laborde, de Mayerstein, de Fick e d'outros) que — contrariamente ao que, por muito tempo, em physiologia, tivera foros de verdadeiro — o trabalho muscular é a transformação de *calor em acção e movimento*.

E admite-se (depois das admiraveis experiencias de Lombard, de Paul Bert, de Corso, e, principalmente, de Tanzi (2)) que — oppostamente ao que Schiff affir-

(1) Esta theoria — no que respeita ao seu ponderoso fundamento scientifico — pertence ao Dr. Sousa Martins. Ouvi-lh'a, ha annos, n'uma licção de «Pathologia geral.»

(2) *Ricerche termo-elettriche sulla corteccia cerebrale...*

mára e a sciencia admittira — o trabalho cerebral é a transformação de *calor* em *emoção e pensamento*.

Ora (graças ao que Mayer e Helmholtz ensinaram) é perfeitamente logico suppor que — além d'uma geral transformabilidade—ha uma rigorosa equivalencia entre aquellas fórmãs de energia.

O labutar d'um cerebro e o trabalhar d'um musculo teem, pois, os seus equivalentes thermicos, luminosos, electricos, mecanicos, etc. . . .

O calor — enviado pelo sol sob a fórmula de *raio luminoso*, fixado pelos vegetaes sob a forma de *composto albuminoide*, introduzindo nos animaes sob a forma de *substancia alimenticia*, e recebido pelas cellulas sob a forma de *plasma nutritivo* — é, portanto, no caso do cerebro como no do musculo, o factor inicial d'uma *sensação* que se recebe ou d'um *sóco* que se dá, d'uma *idéa* que se tem ou d'um *discurso* que se ouve, d'uma *obra de litteratura* que se faz ou d'um *trabalho de gymnastica* que se vê fazer. . .

E — sabendo-se, desde uma lei de Berthelot, que o calor absorvido no decomposição d'um corpo é rigorosamente igual ao calor desenvolvido na formação do mesmo — percebe-se, bem e definitivamente, o motivo porque o cerebro e o musculo apresentam, *quando trabalham*, oscillações de temperatura, ⁽¹⁾ e porque trabalham tanto mais e melhor quanto melhor e mais se alimentam. . .

A hypothermia representa a transformação de calor em *trabalho positivo*; a hyperthermia corresponde á transformação de alimento em *energia calorifica*. A primeira é devida a processos de *desintegração chimica* do tecido nervoso ou do muscular; a segunda revela processos de *integração molecular* dos mesmos ⁽²⁾. O resfria-

(1) Tanzi e Laborde.

(2) Soury.

mento traduz a *phase dynamica* dos tecidos vivos; o aquecimento accusa a *phase estatica* d'elles. Aquelle significa *acção* — libertação de energia; este exprime *repouso* — reaccumulação de força.

E vê-se, assim, que o vaidoso cerebro humano, que chegou a phantasiar-se *extra-physico*, é *regido* — na sua alternção entre o arrefecer e o aquecer, entre o trabalhar e o descansar, entre o *ter ideas* e o *assimilar alimentos* — pela famosa «lei do *rhythm*» que Spencer considera «princípio universal da Energia.»

A Vida é, pois, uma *synergia* e uma alternção de actos *physico-chimicos*.

O antigo e mysterioso *sopro metaphysico* transformou-se no moderno e conhecido *albuminoide alimenticio*... E o pensamento do homem, como o oscillar d'um pendulo, como o girar da Terra, como o germinar d'uma planta, como o brilhar do Sol, é nem mais nem menos — em que peze ao orgulho irracional dos senhores *metaphysicos* — que uma manifestação *physica* da Energia *cosmica*.

* * *

Além da emoção e do pensamento outros *phenomenos* andam *adstrictos* á *rhythmica* desintegração molecular da substancia nervosa.

Segundo *Taschanoff*, qualquer trabalho cerebral — ou seja de sentimento ou de intelligencia — desenvolve na *periphéria* do animal uma corrente *electrica*...

Sei d'algum (e é pessoa de exquisita intelligencia superior) cujos cabellos, ao serem penteados, irradiam, por vezes, centelhas numerosas...

Afigura-se-me que estes *phenomenos* são puros episodios d'um facto geral e bem sabido — o da conservação da Energia. Considero-os verdadeiras restituções que o animal faz ao ambiente, á Natureza, sob a forma de *irradiações neuro-fluidas*, d'algumas das energias que

o animal recebe do ambiente, do Mundo, sob a forma de *impressões fluido-neuricas*...

Suspeito, mais, que a taes factos — muito rudimentarmente estudados pela biologia diplomada — andam ligados certos phenomenos — muito rotineiramente negados pela physiologia classica — de hypnotismo e de telepathia...

E a quem me acoimar de phantasia direi que admitto a existencia de phenomenos telepathicos porque não os considero, é bem de vêr, *sobrenaturaes*...

Não sei mesmo o que seja, hoje em dia, o *Sobrenatural*...

Quando a grave sciencia classica tiver explicado *todos* os phenomenos naturaes, poderá então — mas só então — sentenciar e discretear *scientificamente* a respeito da naturalidade ou da sobrenaturalidade das coisas telepathicas; mas antes de conhecer *todo o Natural* a hirta sciencia intransigente não pode legislar, nem boquejar, sobre este assumpto... salvo se ella quer parodiar certo Romão para quem a Terra é *immoval* — porque elle não a vê *mexer*...

Por mim, pois que a Sciencia está infinitamente longe de conhecer a Natureza inteira, inclino-me a crêr que mais vale estudar serenamente tudo o que *anda obscuro* do que regeitar soberbamente tudo o que *está inexplicado*... E, n'estes casos, estão — o antigo Sobrenatural e a moderna Telepathia...

E' bom lembrar que a electricidade, antes dos trabalhos de Musschenbrock, de Franklin, de Faraday e de Galvani, era, para a physica *séria*, uma mysteriosa coisa sobrenatural, e que o hypnotismo, no tempo dos Mesmer e dos Cagliostro, era, para a physiologia *official*, uma tosca charlatanice indecorosa...

Tambem a telepathia, n'este grosseiro fim d'um seculo briguento, é, para certas cabeças celebres e duras, uma ridicula phantasia espiritaista...

Do *rhythmico-dinamico-estatico* do tecido nervoso decorre, mais, certo phenomeno chimico que interessa, sobretudoos, o estudo da neurasthenia:—é o facto da substancia nervosa se tornar tanto mais *acida* quanto mais intensamente *trabalha*, e tanto mais *alcalina* quanto mais perfeitamente *repousa*.

Ora o myelencephalo humano — que é, como vem de ver-se, o mais finamente complicado de todos os da serie viva—tem, como Tudo, os defeitos das suas qualidades, e corre, como nenhum, o perigo da sua complexidade.

E' —na estrutura como na funcção—tanto mais abalavel quanto mais delicado, tanto mais pervertivel quanto mais subtil, tanto mais *fatigavel* quanto mais *excitavel*.

D'aquí a predisposição —de ha muito tempo e de todos conhecida —que os individuos mais finamente innervados apresentam para a neurasthenia e, em geral, para todas as nevroses.

E' que a pathogenia d'aquelle morbo está, de facto, na hyperexcitabilidade, na fadiga e na hyperacidez do tecido nervoso. . .

Que o neurasthenico é um *hyperexcitavel* — dil-o elle e toda a gente o admite, com a segurança com que se diz e se acceita um postulado; que é um *fatigado*—sem hesitação o affirmam a pathologia e a clinica; e que é um *hyperacido* — a chimica e a experimentação, com nitidez grande, como se verá nas paginas seguintes, o demonstram.

Ora *uma forte hyperacidez é uma verdadeira intoxicação*.

E — visto saber-se que a hyperexcitabilidade representa, na sua maior parte, uma herança; e que a fadiga resulta, principalmente, d'uma má adaptação, habitual ou accidental, ao meio; e que a hyperacidez decorre, em geral, d'uma exagerada desintegração cellular—pode

dizer-se que o neurasthenico é, cumulativamente, um neuropatha *heriditario*, um *mal adaptado* á lucta pela vida, e um *auto-intoxicado* pelos erros nutritivo-funcionaes das suas cellulas. E o *acido lactico* é o *factor principal da auto-intoxicação do neurasthenico*.

Alem de muitos argumentos valiosos que os phenomenos de *fadiga muscular*, os de *intoxicações por acidos*, etc., me poderiam fornecer para o abonamento d'esta these—conheço dois factos chimicos que, a meu vêr, a demonstrem com notavel rigor e aproveitavel laconismo:

—Um é a existencia *constante* (evidenciada pelas finas analyses urológicas de Gautrelet) de acido lactico *livre* (em quantidades que sobem, por vezes, a 12 grammas, em 24 horas) na urina dos neurasthenicos.

—O outro é a evidenciação experimental de que a *fadiga* (o *mêdo* sobretudo) *augmenta fortemente* a quantidade de acido lactico que existe physiologicamente no tecido nervoso:

EXPERIENCIAS

Para cada uma — dois coelhos eram alimentados e viviam, durante dias, em commum e em repouso.

Depois, um — previamente *assustado e perseguido* até manifestar *grande fadiga* — era decapitado repentinamente, e o seu encephalo, desfeito em agua destilada, era analysado chimicamente.

O outro — *immolado em repouso* — era estudado como o primeiro.

Os resultados d'estes estudos ⁽¹⁾ estão synopsiados no pequeno mappa que se segue:

(1) A parte pratica — isto é a *parte valiosa* — d'estas experiencias foi executada, com notavel competencia e obrigante condescendencia, pelo Sr. João da Camara Pestana a quem eu exposer a meu plano de experimentação.

A este meu amigo — que é um distincto estudante e será um grande chimico — testemunho, aqui, o meu agradecimento.

Numero dos coelhos	Alimentação	Peso dos coelhos	Peso do encephalo	Alcalinidade expressa em KOH referida a 100 gr. de substancia	Quantidade de acido lactico tomando para unidade os coelhos não fatigados	Observações
1. ^o						
1. ^o Coelho não fatigado	Foram alimentados com herva durante algum tempo e depois com sementes durante 4 dias.	772 gram.	11 gram.	0,00706	1,0	O coelho n.º 4 foi mais fatigado que o n.º 2 e um pouco menos que o n.º 6.
2. ^o Coelho fatigado...		827 "	12 "	0,00296	1,5	
2. ^a						
3. ^o Coelho não fatigado	Foram alimentados com herva durante algum tempo e depois com sementes durante 3 dias.	958 gram.	11 gram.	0,00735	1,0	Era ligeiramente acida a reacção da herva e das sementes que serviram para alimentar os coelhos.
4. ^o Coelho fatigado...		939 "	10 "	0,00232	1,7	
3. ^a						
5. ^o Coelho não fatigado	Foram alimentados unicamente com herva.	1.679 gram.	13 gram.	0,01758	1,0	
6. ^o Coelho fatigado...		1.612 "	13 "	0,01172	1,8	

A neurasthenia é, pois, chimicamente, uma auto-intoxicação pelo acido lactico. E da acção d'este composto — que, como os seus congeneres, sómente se torna um *depressivo* depois de ter sido um *estimulante* — deriva, é solidamente logico suppol-o, a *excitação* prodromica e a *fraqueza-irritavel* consecutiva que caracterisam o inicio e a marcha do *mal de Beard*.

A hyperexcitabilidade — como *causa predisponente*, a fadiga — como *causa determinante*, e a intoxicação — como *causa conservadora* são, portanto, os factores que, em geral, se juntam e se combinam para perverterem e hyposthenisarem o tecido nervoso. E, assim, a neurasthenia ou — mais rigorosamente — a *neurhyposthenia* está bem longe de ser — «uma doença sem lesão organica e, portanto, puramente funcional» — como levia-namente tentou definil-a Bouveret. . .

* * *

Ella parece uma das modalidades nosologicas da antiga dyscrasia *acida* de Bence Jones. As outras, como já n'este livro foi dito de passagem, teem os nomes de *arthritis* e de *herpetismo*.

E todas, biochimicamente analogas, teem por base a hyperacidez. Mas, em lugar da desastrada confusão nosographica e clinica de Vigouroux (¹), julgo razoavel e util admittir que o *hyperacido* de Bence Jones se torna o *arthritis* de Bazin, ou o *herpético* de Lance-reaux, ou o *neurasthenico* de Beard — conforme é mais vulneravel no seu *systema articular*, ou no seu *systema tegumentar*, ou no seu *systema nervoso*, perante a mesma intoxicação.

E não é theoreticamente inadmissivel que o mesmo hyperacido seja, complicadamente e excepcionalmente,

(¹) Veja-se a secção 2.^a d'este livro.

neurasthenico e herpetico, ou arthritico, herpetico e neurasthenico. O que não deve passar como verdadeiro e geral é que «*tous les neurasthéniques, sans exception, sont des arthritiques*», como erradamente escreve Vigouroux.

NEURASTHENIA «HERDADA» E NEURASTHENIA «ADQUIRIDA».

A NEURASTHENIA PARECE SER A FORMA INICIAL.—DEFINIDA—DAS GRANDES NEVROSES.

CAUSAS DA NEURASTHENIA. ARTE MORBIDA.

MAX NORDAU, POMPEYO GENER, E ALGUNS ARTISTAS MODERNOS.

ANTIGUIDADE DAS GRANDES NEVROSES. SAQUIA-MUNI, SENNACHERIB, CAMBYSES, ASSAFAH, ALGAZALI, DEMETRIO, THEOGNIS, JULIO CEZAR, OCTAVIANO, TIBERIO, CALIGULA, CLAUDIO, NERO, JESUS DE NAZARETH, ALEXANDRE VI, BONAPARTE, DARWIN, E O ACTUAL IMPERANTE DA ALLEMANHA.

Que a neurasthenia póde ser unicamente devida a um biovicio *herdado*, ou exclusivamente derivada d'uma fadiga *adquirida*—é mais, como se acaba de vêr, uma schematica liberdade de classificação do que uma rigorosa realidade de etiologia.

Ella resulta, as mais das vezes, da reunião—em graus grandemente variaveis—d'aquellas duas causas grandes. Ora domina uma, ora a outra; mas raramente deixam de actuar ambas.

São os grandes neuropathas (os epilepticos, etc.), que geram, em regra, os neurasthenicos, ou, ao contrario, é a neurasthenia que engendra, em geral, as grandes neuropathias (a hysteria, etc.)?...

Não se sabe bem.

A neuropathologia não conhece, por emquanto, numero sufficiente de factos bem sufficientemente estu-

dados — não possui, ainda, estatística bem definitivamente apurada — para formular, com segurança, n'este assumpto, uma lei ou, pelo menos, uma regra.

Parece, todavia, que a segunda hypothese se verifica mais do que a primeira. . .

Suspeita-se que a neurasthenia é uma das grandes causas definitivamente hereditarias das grandes neuropathias medicamente definidas. Desde Beard até Dallemagne — isto ensinam, mais ou menos claramente, os neuropathologistas.

Mas que são, neuronosologicamente e segundo este criterio, os ascendentes dos neurasthenicos? São creaturas que tendo deixado de ser myelencephalicamente hygidas não chegaram a definir-se neuricamente morbidas. . . Quedaram-se n'um ligeiro *nervosismo* vago. . . Transmittem, aos seus descendentes, *apenas* uma maior ou menor quantidade de *predisposição* para a neurasthenia — porque perderam, na lucta pela vida, *sómente* uma maior ou menor quantidade de *resistencia* ás acções neurasthenisantes.

Perante as mesmas causas neuromorbificas — parece que os individuos um tanto *nervosos* se tornam os pouco *resistentes* que geram os muito *predispostos*, e que d'estes descendem os verdadeiros *neurasthenicos* que engendram os grandes *neuropathas*. . .

Tal — muito schematicamente — se diz ser a evolução das neuropathias, na especie humana.

E, assim, pode-se, talvez, admitir, generalizando, que as causas morbificas nascem todas, mais ou menos remotamente, do Meio — pois é elle, em ultima analyse que, ou por *antigo* insulto aos *gerantes*, ou por *directo* ataque aos *gerados*, ou pela conjugação d'estes dois modos, perverte a evolução do animal. . .

O objectivo natural e logico d'um ser vivo parece, pois, ser a saude. . . E a doença, n'esta hypothese, resulta sempre, d'um *erro* do Ambiente. . .

Apenas sob o restricto e pratico ponto de vista therapeutico é mister fazer desrinça entre a doença *principalmente herdada* e a *principalmente adquirida* — visto que a primeira, se mostra, em regra, menos curavel do que a segunda. Aquella *radicou-se* n'uma fracção da especie — que pouco ou muito se lhe amoldou, esta anda a *implantar-se* n'um individuo — que bem ou mal lhe resiste. D'aqui as differenças de curabilidade entre uma e outra.

Tal é — particularisando — o motivo porque a chamada *neurasthenia herdada* é muito mais grave e teimosa do que a admittida *neurasthenia adquirida*.

*

* * *

Pode convencionar-se que as causas da neurasthenia atacam, d'uma maneira mais *directa* e mais predominante, ou a *nutrição* ou a *intellectualidade*, ou a *emotividade* do homem, se bem que tal convenção não traduz o real — pois sabido é que qualquer acção do Meio, sobre nós, interessa, cumulativamente, tudo aquillo...

E, feita esta convenção, bosquejarei taes causas muito ao de leve porque — sobre não entrarem propriamente no objectivo d'este livro ⁽¹⁾ — estão largamente estudadas pelos mestres.

Entre as que interessam mais directamente o vegetativismo do neurasthenisavel avultam:

— Erros de alimentação: — abuso de carnes vermelhas, de leite ⁽²⁾, de fructos acidos, de liquidos alcoolicos, de café, de chá...

(1) Pretendo, principalmente, «interpretar e definir a neurasthenia;» — é o que escrevi no Preambulo.

(2) E' máu alimento para os neurasthenicos.

==Intoxicações em moda: — uso de tabacco, de opio, de morphina, de cocaína, de ether, de brometos...

==Acidificações do systema muscular: — excessiva gymnastica fatigante, rudes trabalhos manuaes...

==E certas acções meteoricas:—grandes frios, calores intensos, fortes variações barometricas e hygrometricas, vento, nevoeiro, chuva, trovoadas, tempestades... etc...

Entre as de ordem intellectual figuram:

==Excessos de *pensamento*: — demoradas investigações scientificas, polemicas, decepções, fadiga escholar, exames, concursos, congressos, desequilibrio entre o trabalho mental e o muscular...

==E exageros de *actividade*:—lidas commerciaes, industrialismo; luctas politicas, discursos, propagandas, monarchismo, republicanismo, socialismo, anarchismo, nihilismo... etc...

(E' de notar que os *agitadores e os agitados politicos*—os *sinceros*—são, em geral, facilmente neuropathisaveis, e teem, em regra, debil criterio philosophico, fraco poder de observação, notavel inferioridade scientifica, e grande difficuldade de adaptação).

E entre as de character emocional destacam-se:

==Torturas psychicas: — morte ou doença de pessoas amadas, saudades, nostalgias...

==Atribulações: — mêdo da deshonra, receio da morte...

==Perversões do Amor: — excessos genesicos, castidade, uranismo...

==E perversões da Arte...

* * *

...Em dois livros recentes e interessantes — *Degenerescencia* por Max Nordau, e *Literaturas malsas-*

nas por Pompeyo Gener — são estudadas as perversões artísticas como productos e causas de perversões nervosas. Solidos na orientação e elegantes na feitura — aquelles trabalhos realisam, d'uma maneira forte e quasi original, o consorcio (que me parece auspicioso) entre a Sciencia e a Arte, entre a biologia e a litteratura. E os seus auctores — cujos processos de analyse e de critica foram extrahidos das sciencias medicas — subsidiavam largamente a medicina com factos e noções que, sobre serem d'uma vibrante actualidade, são d'uma incontestavel valia.

A arte *morbida* d'alguns artistas modernos — Tolstoï, Wagner, Zola, Verlaine, Rossetti, Swinburne, Ibsen, etc. (*mysticos, realistas, decadentes, symbolistas*, etc.) — é apontada por Nordau, ou por Pompeyo, ou por ambos, como *symptoma* grave e *factor* consideravel das grandes nevroses modernas...

Concordo completamente no que respeita á *relativa* realidade do facto, mas discordo levemente no que toca á *grande* importancia social do mesmo. Afigura-se-me que Gener e Nordau perdem, por vezes, a serenidade de *sabios*, e se tornam, n'essas occasiões, demasiadamente *litteratos*...

E' necessario distinguir o que é *nevrose verdadeira* do que não passa de *psycopathia simulada* — nos artistas .. Desde que, por uma lamentavel imprudencia scientifica, se vulgarizou a noção (talvez errada) de que «o genio é uma nevrose», toda a gente, mais ou menos, quiz ter *genio*, e o numero dos artistas *neuropathas* creceu muito. Está-se a vêr que a maior parte de taes *neuropathias* representa, simplesmente, inoffensivos ataques de *vaidade*. Ora apesar da vaidade ser, de ha muito, um indiscutivel *peccado* em moral religiosa, não é, ainda, uma verdadeira *doença* em pathologia nervosa...

Temos, em Portugal, poetas mais ou menos na peú-

gada de Verlaine e dos outros pontífices da poesia moderna, e devo dizer — para socego das consciências timidas dos Srs. Eugenio de Castro, D. João de Castro, Antonio Nobre, e dos outros senhores da seita nephe-libata — que não creio que os seus livros tenham produzido, n'estes reinos, grandes casos de neurasthenia ou de hysteria...

Eu, pelo menos, que leio os versos de S.^{as} Ex.^{as}, não adoeço com elles... Pelo contrario — alguns encantam-me porque são extremamente bellos, outros divertem-me por serem grandemente extravagantes...

Dois exemplos dos primeiros :

.....
«Pelas desertas avenidas
Longas, tristissimas, profundas,
As altas arvores doridas
São como santas muribundas...»
.....

(Do Sr. Eugenio de Castro).

.....
«Quanta vez na poeira ardente de um caminho,
Vôa desfeito um coração que nos amou!...
A amisade d'um morto é uma ave sem ninho,
Perfume errante de uma flor que já murchou...»
.....

(Do Sr. D. João de Castro).

E dois exemplos dos segundos :

.....
«Vendo-me, Ignez, a côr de neve,
Sua delgada roca e seu fuso abandona
E corre ao meu encontro, alegre e leve,
Toda em sorrisos de belladona.»
.....

(Do Sr. Eugenio de Castro).

Ora estes «sorrisos de belladona» lembram-me — a pomada da dita...

.....
«O teu olhar cantante em vagas nostalgias,
Adoçante calmante ás minhas agonias»
.....

(Do Sr. Henrique de Vasconcellos.)

E este «adoçante calmante» faz-me pensar — no *elixir paregorico da Pharmacopéa portugueza*...

*
* *
*

Poder-se-hia suppôr — pelo que Max Nordau, Pompeyo Gener, e outros, teem escripto — que a *neurasthenia* é uma doença moderna...

Não é. Viu-se, no principio d'este trabalho, que ella era coetanea de Hippocrates, e póde vêr-se, na Historia, que as grandes nevroses são, pelo menos, tão antigas como as mais antigas civilisações...

A India antiga, a India ardente e bellicosa cujas guerras extranhas echoam épicamente no Ramayana, tornou-se, depois, pelo requinte do sentimento, pelo exagero da ideação, e pela artificialidade da vida, um manancial de nevroses... Teve em Saquia-Muni a incarnação perfeita do mais completo e caracterizado *neurasthenico*, e celebrou-o!... Sim, elle — que, n'uma das epochas hygidas da sua raça, teria sido relegado como um louco — foi, n'um periodo de exgottamento nacional, venerado como um sabio...

E tem, ainda — aquelle interessante paiz de degenerados — verdadeiras *seitas de dementes*...

Sennacherib, o sinistro despota sanguinario que aterrrou a velha Assyria (a qual não era, então, muito facil de aterrar com crueldades) e que foi assassinado por dois filhos, — tinha, e transmittiu á sua descendencia, (é logico suppol-o, e moralizador dizel-o) um terrivel *delirio criminoso*...

A Persia gerou, entre outros, o seu famoso Camby-
ses, perigoso *doido* que mandava enterrar — vivos — os
grandes da sua côrte, quando lhe desagradavam; e que
matou — a sôco — uma das suas esposas, quando ella
andava grávida...

A Arabia deu nos em Assafah (o feroz fundador da
dynastia dos abassidas) um violento typo de *epileptico*
desenfreado pelo mando, e mostra-nos em Algazali (o sa-
bio philosopho das escholas de Bagdad) a scismadora fi-
gura *mystica* d'um *cerebrasthenizado por excesso de scien-
cia*...

Demetrio (da Macedonia) exhibe principescamente o
delirio das grandezas... Faz decretar, em Athenas, *que*
tudo quanto lhe aprouvesse fazer seria honesto aos olhos
dos deuses e dos homens; exige que lhe *prestem as hon-
ras que, até então, sómente eram prestadas a Minerva*;
transforma o Parthenon em theatro da sua requintada
sensualidade; e manda entregar — curioso *desdem* d'um
delirante! — duzentos e tantos contos de réis (um tributo
que os athenienses a custo tinham pago) á formosa La-
mia e a outras hetaïras — *para que ellas se fornecessem*
de sabão...

A Grecia, entre muitos degenerados interessantes,
teve o seu complexo Theognis — poeta, soldado, *misan-
thropo e pederasta*...

Roma apresenta, na maior parte dos seus imperado-
res, as mais graves doenças mentaes.

Julio Cesar (o genial homem de guerra) era um *epi-
leptico* (1)...

Octaviano (o manso e sagaz politico cobarde e hypo-

(1) Suetonio.

crita) tinha a *caimbra dos escriptores*, era um *envenenador* e foi um *uranista passivo* (1)...

Tiberio (o gigantesco e cruel taciturno de Caprêa) symbolisa, no grau mais assombroso, o *egoismo* e o *desprezo pela especie*...

Caligula (o que *chorava com medo dos trovões* e se divertia com as *fomes que creava em Roma*) foi um *doido* (2)...

Claudio (o ridiculo marido de Messalina) era um *idiota* (3)...

E Nero (o monstruoso amante e assassino da mãe) tinha o *delirio prodromico da paralysis geral* (4)...

O doce e deificado Jesus de Nazareth é para os povos fatigados pelo fanatismo e pela dôr o que Saquia-Muni foi para as raças exgotadas pela hypertrophia da emoção e do pensamento...

O papa Alexandre VI passa por um dos maiores *criminosos* do seu tempo...

Bonaparte, a quem a *epilepsia* dava o *genio* (Veja-se Lombroso), foi batido, em Waterloo, mais pela *neurasthenia* do que por Wellington (Leia-se Wolseley)...

O grande e venerando Darwin era (segundo Mosso) um grande e melindroso *neurasthenico*...

E o actual imperante da Allemanha — *mystico e guerreiro* — é, talvez, um degenerado superior cuja mentalidade pode tornar-se, n'um momento, mais mortifera do que uma epidemia de cholera...

(1) Suetonio e Tacito.

(2) Beaujeu.

(3) Tacito e Beaujeu.

(4) Beaujeu.

Taes são, focalizadas pelo severo criterio scientifico, algumas das mais notaveis figuras historicas . . .

«A historia da Medicina», bem ou mal, está já feita ; interessante e util seria fazer agora «A medicina da Historia».

O TRATAMENTO DA NEURASTHENIA PELO IK

Registro um caso therapeutico que conheci por acaso e que tem certa importancia:

= Z..., neurasthenico confirmado, syphillisou-se. Apprehensões inherentes a este facto e, talvez, o uso do Hg — aggravaram-lhe a nevrose.

Mais tarde, *ao tratar-se pelo IK*, achou-se inesperadamente curado da neurasthenia — sem que, portanto, intervisse em tal a mais leve suggestão.

Estudei este doente e notei que a sua urina — que era, d'antes, *fortemente acida* — se tornára, durante o uso do IK, *accentuadamente alcalina*.

Nas primeiras semanas d'aquelle tratamento, sempre que a medicação era interrompida durante alguns dias — a urina vinha acida novamente, e o enfermo peorava, e logo que a interrupção era abolida — a urina apresentava-se outra vez alcalina e o doente sentia-se de novo bem disposto.

Dois grammas diarios de IK era dose sufficiente para a producção d'estes effeitos. Em tres mezes a cura radicou-se. =

Tres neurasthenicos a quem aconselhei esta therapeutica — melhoraram.

* * *

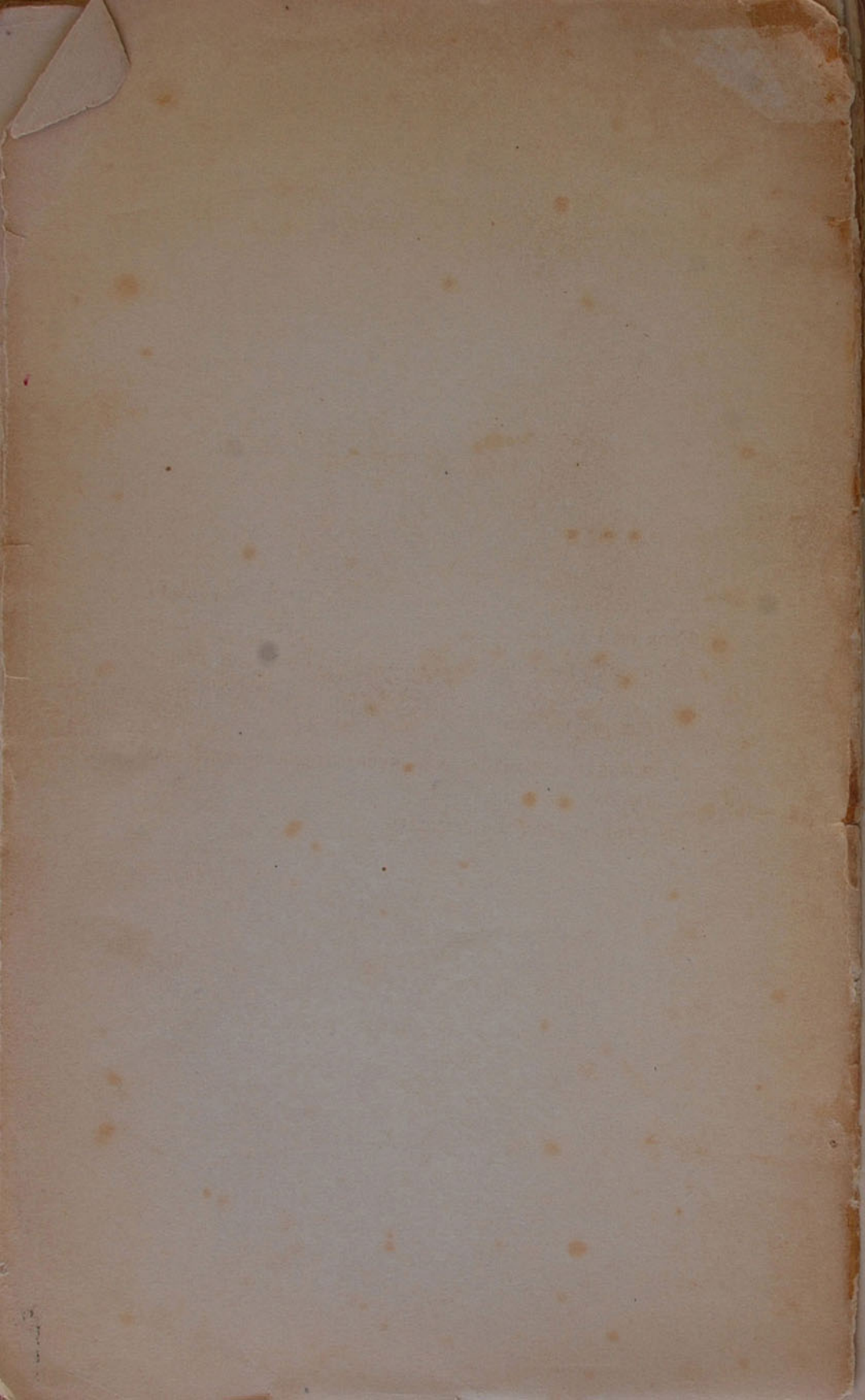
E nada mais direi a respeito do tratamento da neu-

rasthenia. Não é assumpto que quadre bem á indole pronunciadamente theorica e philosophica do meu livro. . .

As responsabilidades da therapeutica calham mais ao criterio severo da clinica do que á labuta garrula da hypothese. . .

Não discutirei, pois, a therapeutica *demasiadamente medicamentosa* de Beard, nem criticarei o «*Fat and blood and how to make them*» de Weir Mitchell; não tratarei da *sugestão*, e deixarei em paz a *electrotherapia* e a *hydrotherapia*. . .

Tudo isso está feito, e refeito, pelos numerosos neuropathologistas que da neurasthenia tem tratado, e nada d'isso faz parte, como se sabe, do plano d'este trabalho que termina aqui.



DO AUCTOR

HECATOMBE.....	1 vol. (<i>exgottado</i>)
FLOR DE PANTANO.....	1 vol. (<i>exgottado</i>)
OS NEURASTHENICOS.....	1 vol. 500 réis.

Em preparação:

- O CHIMISMO ESTOMACAL NOS NEURASTHENICOS E NOS GASTRICOS.
- OS MEDICOS (*factos e criticas*).

LISBOA

Papelaria - LA BÉCARRE - Typographia

47. Rua Nova do Almada. 49

—
1895